Class PT2318

Book .P6A4

1875

4178

TRES POEMAS

TRADUCÇÃO

DE

P. A. Gomes Junior.

NATURAL DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69—Rua do Ouvidor—69
1875

TRES POEMAS

I. RÔLLA — Por A. de Musset.
II. ATTA-TROLL — Por H. Heine.
III. O INTERMEZZO — Por H. Heine.

TRADUCÇÃO

DE

P. A. Gomes Junior.

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69—Rua do Ouvidor—69
1875

PT2318
.P6A4
1875

387270
'29

Typographia de Quirino, Largo da Carioca.

AMK 13 84 33
Recat. AMK 27 Ap 36

Ao Illm. Sñr.

D.or José Marciano da Silva Pontes,

Como fraco tributo

de

Amizade e gratidão,

Offerece

P. A. Gomes Junior.

APRESENTAÇÃO.

O poema Rôlla, *de Alfredo de Musset, foi por mim traduzido em 1864, para satisfazer ao desejo de um amigo meo, Vicente Augusto Rabello de Vasconcellos e Souza, á quem, de coração, o consagro, e, sem corrigir a versão, porque nunca tive a pretenção de publical-a, conservei-a no fundo da minha gaveta, de onde apenas sahia, uma ou outra vez, a medo, para expor-se á critica, infelizmente sempre muito benevola, de um ou outro apreciador poeta; entre elles tenho o prazer de contar: o Varella, o Dr. Rozendo Barreto, o Dr. Muniz Maia, Alfredo Azamor, José de Moraes e Silva e Augusto Guanabara.*

Este ultimo, principalmente, pelo facto de estar mais em contacto comigo, entendeo lá para si, que devia obrigar-me a publicar o meo pallido Rôlla. *E se essa insistencia já era soffrivelmente grande, tomou visos de exigencia quando, em 1873, traduzi o* Atta Troll, *de Henrique Heine.*

Apezar de não ser eu, na minha qualidade de traductor, mais do que o padrasto d'esses poemas, comtudo, prezando os meos enteados, como deve prezal-os um bom padrasto, deixei-me embevecer pelos attenciosos mimos que lhes dispensava o cavalheiro, á quem tenho a fortuna de contar como amigo sincero e que, á essa excellente qualidade para mim, reune a inapreciavel de ser um poeta distincto, de força magistral, que ha-de, quando apparecer no mundo litterario,

fazer as delicias dos amigos das letras, e conquistar, sem esforço, applausos geraes.

Para satisfazer, pois, aos seos intimos desejos, resolvi então fazer a publicação d'esses dois poemas, addicionando um outro, o Intermezzo, *tambem de Henrique Heine, por mim traduzido este anno.*

Essa versão, talvez por ser a mais moderna, é para mim a mais apreciavel: é a minha enteada predilecta, e, como tal, a offereço ao meo distincto amigo, escrevendo o seo nome na primeira pagina do original.

Sem tempo nem paciencia para rever devidamente o trabalho, que ao publico apresento, é natural que muitos defeitos me tenhão escapado: os criticos severos, porém, poderão apontal-os, prestando-me assim um relevante serviço.

Setembro de 1874.

Gomes Junior.

ROLLA.

ALGUMAS PALAVRAS.

Rôlla é, incontestavelmente, a producção de mais merecimento de Alfredo de Musset: o fim moral que o poeta tem em vista, as ideias philosophicas, que revestem esse poema, a propriedade da expressão, a belleza das imagens, a harmonia e facilidade do metro, tudo isso concorre para que seja elle tão devidamente apreciado. O desalento habitual do poeta, porém, parece ter-se communicado á essas paginas brilhantes; a sua tristeza n'ellas se insinúa e é por essa razão que o leitor, que as percorre, sente o coração acabrunhado, calculando quanto deve ter soffrido aquelle que as escreveo.

Não é importante nem extraordinario o entrecho do poema; é, pelo contrario, bem simples: um moço, sem educação e que tinha apenas lido Voltaire, cujas doutrinas acceitara, herda uma fortuna regular, e calculando que ella não chegaria até o fim da sua existencia, se prolongada fosse, porque o seo orgulho natural, promovido pela má educação que recebera, não permittia ao seo caracter o sujeitar-se á um emprego qualquer, divide-a em tres partes, determinado a dissipal-a em tres annos e resolvido a suicidar-se quando houvesse gasto o ultimo real. É na derradeira noite da sua existencia que elle apparece em scena; alguem o espera: uma loura mocinha de quinze annos, formosa e candida, que o poeta acredita ser uma virgem:

Alli dorme uma creança
No verdor dos quinze annos:
Que tristes são os arcanos
Do seo mais triste viver!
Nada ainda está formado
N'esse todo adolescente,
N'essa mocinha innocente,
Já quasi linda mulher.

E o cherubim tão formoso,
Que véla sobre a sua alma,
Sorrindo de amor, com calma,
Contempla o roseo botão;
E tão lindo lhe parece
Que elle, tremendo um instante,
Duvida se é seo amante
Ou apenas seo irmão.

A desillusão, porém, não se faz esperar, e então o poeta, o moralista revoltado, apostropha o descalabro do seculo com febril ironia, apostropha a pobreza, que lançara sobre um leito infamante aquella linda creança, que compara ao placido lago, cuja superficie bella, que reflecte as estrellas do ceo e as flores da campina, occulta aos olhos o lodo de bem negra cor. Na madrugada seguinte, Ròlla, o descrente, põe fim aos seos dias, tragando o liquido de um frasquinho de veneno, sem que os seos labios pronunciem uma prece, sem que os seos olhos derramem uma lagryma de arrependimento.

Quão philosophicas, porém, são as magnificas considerações que concorrem para o desenlace d'esse romance tão simples! Que lições moraes n'essas brilhantes paginas! A este respeito não estamos de accordo com um fecundissimo e distincto biographo, que occupou-se do mesmo assumpto, de que ora tratamos.

Eugenio de Mirecourt, analysando o Ròlla, pronuncia esta sentença exagerada: « Esse poema impio se resume em duas linhas: não existe « religião, já não ha crenças; em compensação, porém, materialismo, « devassidão, e, no fim de tudo isso, morte e nada. » Para chegar á

semelhante conclusão cita elle os primeiros versos do poema; confessando, aliás, que em nenhuma outra obra encontra-se poesia mais rica e pomposa. Depois de truncar os trechos que se seguem á primeira parte, transcreve isoladamente os seguintes versos:

Não sou d'esses, oh! Christo, que contrictos
Aos teos sagrados templos vão afflictos
Como servos fieis;
Não sou d'esses que vão ao teo Calvario
Beijar, como offuscados por um raio,
Os teos sangrentos pés.

Permaneço de pé sob os teos porticos
Quando o povo fiel, á voz dos canticos,
Se curva em oração,
Assim como, do Norte ao rijo embate,
O vime, sem lutar, fragil se abate
E roja pelo chão.

Descrente, á um mundo por demais cançado
Muito tarde cheguei; de um seculo eivado
Do riso dos atheos
Nasce impavido outro; os seos cometas
Percorrendo o espaço, como settas,
Despovoão os ceos.

De suas illusões hoje despertos
Vagão os mundos, ao acaso, incertos,
Entre sombras fataes;
E o genio do passado, que palpita
Sobre as ruinas, teos anjos precipita
Nos pegos eternaes.

Já os pregos do Golgotha fraqueião
E os raios do sol não mais pranteião
Sobre o tumulo teo.

O teo poder, oh! Christo, é desmentido
E o corpo divinal, em pó delido,
As cruzes envolveo.

Haverá quem não concorde com Eugenio de Mirecourt? Haverá quem não se revolte contra o brado de impiedade do poeta? Quem não lastime que um genio tão brilhante tenha pronunciado taes palavras? Quem não exclame com o illustre biographo: «—Onde vio o « poeta essa morte do christianismo, descripta por elle em tão bellos « versos? Na febre do seu delirio, sem duvida.—»

Analysando-se, porém, sem prevenção, esse poema, a conclusão será forçosamente contraria.

Investiguemos, pois, qual o fim que o poeta teve em vista; se por ventura merece elle o epitheto de impio ou se, pelo contrario, ha erronea apreciação da parte de Mirecourt.

O paganismo, diz o poeta, nas suas primitivas eras, não contava um só atheo, apezar da infinidade de deoses que havia, e o genero humano era feliz porque tinha crenças, porque tinha fé: o mesmo aconteceo quando revellou-se explendida a religião da caridade. Depois de seculos de uma luta gloriosa, surgirão os reformistas, *les démolisseurs stupides,* na phrase de Alfredo de Musset, figurando no primeiro plano Voltaire, cujas theorias tanto abalárão o XVIII° seculo. É contra o effeito pernicioso d'essas ideias que se pronuncia o poeta, escrevendo o Rôlla. A descrença, a indifferença religiosa lavrava então em França, como hoje infelizmente lavra entre nós: era preciso a exhibição de um quadro negro, afim de que a sociedade ulcerada recuasse cheia de horror, vendo-se n'elle cruelmente retratada: quem não tem asco do vicio descarnado?... Eis a razão da concepção do Rôlla. O poeta vol-o dirá melhor do que nós.

Vossas phrases soberbas e arrojadas
Voão além nas azas empestadas
De infrenes vendavaes,
Ellas por terra os idolos deitárão,
Mas as aves do ceo, que as escutárão,
De medo dão signaes.
. . . . . .

Quando o pobre é soberbo, o rico triste,
O heroismo de hoje não consiste
Em abraçar a Cruz;
Mas fazem como Escousse, na asphyxia
Tragão lentos a taça da agonia
Que ao tumulo os conduz.

Se ha nos versos, que mais acima citamos, um brado de impiedade, seguem-se, logo apoz essa apostrophe violenta do filho do seculo, outros versos, formando antithese, não citados por Mirecourt, que provão a reacção do espirito e que a fé revindicara os seos direitos:

Pois bem, ao menos permitte
Que beije o pó tão sagrado
O filho mais enojado
D'este seculo de descrer;
Que elle chore, oh! Christo excelso,
Sobre esta terra tão fria,
Que, á tua morte, vivia,
E, sem ti, ha-de morrer.

Oh! meo Deos! quem ha-de agora
Reanimar a pobre exangue?
Com o mais puro do teo sangue
Tu a soubeste lavar:
De fazer o que fizeste
Quem póde ter esperanças?
Á nós, tão velhas creanças,
Quem poderá remoçar?

Uma palavra ainda: como elle se horrorisa, vendo a infancia profanada? Como censura acremente Voltaire, o principal author d'esse descalabro social? Como elle aconselha á esses dois jovens que, no fundo de um claustro, no amago de uma vida religiosa, procurem,

pela fé, a felicidade que havião perdido? Como elle celebra magnificamente, em poucos versos, a ventura das crenças do amor religioso?

Oh! monges mysteriosos,
Quão vasto foi vosso amor!
No fundo dos santos calices
Que inebriez, que languor!
E quando de um brando somno
Vos circumdava o dulçor,
As vossas chagas beijavão
Os labios do Salvador.

Depois... o orgão cantava
Da aurora ao frouxo clarão,
E vós buscaveis ainda
Essa divina visão:
Que amor então era o vosso!
Que fervente adoração!
Ereis felizes, oh! monges,
Ditosos ereis então!

Por ventura não será tudo isso moral? Haverá n'essas proposições alguma ideia de atheismo ou de impiedade?

Asseguramos que não, na convicção de que concordará comnosco quem, com animo desprevenido, ler o poema, cuja pallida traducção apresentamos ao publico, á quem pedimos desculpa da ousadia que commettemos.

Setembro de 1874.

GOMES JUNIOR.

ROLLA

(ALFREDO DE MUSSET)

TRADUCÇÃO

DE

P. A. Gomes Junior.

1864.

Rôlla.

I

Não tendes saudades dos tempos antigos
Em que sobre a terra vivião os ceos,
Por entre uma turba de deoses amigos,
Dos vicios humanos impavidos reos?

Do tempo em que Venus formosa surgia,
Tão virgem ainda da espuma do mar,
E os prantos maternos, que a fronte vertia,
No mundo as florestas fazião brotar?

Não tendes saudades do tempo em que a Nympha
Ao sol ondeiava das aguas á flor,
E, meiga sorrindo, na placida lympha,
Do Fauno indolente excitava o fervor?

Do tempo em que as fontes, em puro transporte,
Tremião do lindo Narciso ao olhar?
Em que, sob o manto de Hercules forte,
Da terra a justiça se vinha abrigar?

Em que os Sylvanos nos altos carvalhos
Travessos brincavão com ar mofador,
E sobre os florídos e tremulos galhos
O canto imitavão de algum viajor?

Não tendes saudades do tempo em que errava
Um —que— de divino nos prantos de fel?
Em que de joelhos o mundo adorava
O que hoje trucida com riso cruel?

Em que não havia nem mesmo um atheo:
Em que a ventura somente excluio
De suas delicias o audaz Prometheo,
Irmão de Satan, que, como elle, cahio?

— E quando perdeo-se da vida o aroma,
E tudo mudou-se na terra e no ceo,
E o vento do Norte, nas ruinas de Roma,
A triste mortalha de gelo estendeo—

Não tendes vós saudades do tempo em que surgia
De um seculo de barbaros o seculo exemplar?
Em que o velho universo com Lazaro fendia
Das faces remoçadas a pedra tumular?

Do tempo em que o romance as azas de oiro abria
Aos encantados mundos de brilho sem igual?
Em que nos monumentos, nas crenças, na poesia
A alvura irradiava de um manto virginal?

Não tendes vós saudades do tempo em que a vida
Em tudo palpitava de Christo sob a mão?
Em que o palacio excelso, e a solitaria ermida
Erguião radiosos a Cruz da Redempção?

Em que, nos seos vestidos de pedra ajoelhadas,
As cathedraes gigantes, das cruzes ao sopé,
Sobre o orgão gigantesco das turbas humilhadas,
Hosannas entoavão ao seculo da fé?

Do tempo em que fazia-se o que nos diz a historia;
Em que, no altar sagrado, o symbolo de marfim
Abria os alvos braços, irradiando gloria;
E a morte repousava porque a vida era sem fim?

Não sou d'esses, oh! Christo, que contrictos
Aos teos sagrados templos vão afflictos
Como servos fieis;
Não sou d'esses que vão ao teo Calvario
Beijar, como offuscados por um raio,
Os teos sangrentos pés.

Permaneço de pé sob os teos porticos
Quando o povo fiel, á voz dos canticos,
Se curva em oração,
Assim como, do Norte ao rijo embate,
O vime, sem lutar, fragil se abate
E roja pelo chão.

Descrente, á um mundo por demais cançado
Muito tarde cheguei; de um seculo eivado
Do riso dos atheos

Nasce impavido outro; os seos cometas
Percorrendo o espaço, como settas,
Despovoão os ceos.

De suas illusões hoje despertos
Vagão os mundos, ao acaso, incertos,
Entre sombras fataes;
E o genio do passado, que palpita
Sobre as ruinas, teos anjos precipita
Nos pegos eternaes.

Já os pregos do Golgotha fraqueião
E os raios do sol não mais pranteião
Sobre o tumulo teo.
O teo poder, oh! Christo, é desmentido
E o corpo divinal, em pó delido,
As cruzes envolveo.

Pois bem, ao menos permitte
Que beije o pó tão sagrado
O filho mais enojado
D'este seculo de descrer;
Que elle chore, oh! Christo excelso,
Sobre esta terra tão fria,
Que, á tua morte, vivia,
E, sem ti, ha-de morrer.

Oh! meo Deos! quem ha-de agora
Reanimar a pobre exangue?
Com o mais puro do teo sangue
Tu a soubeste lavar:
De fazer o que fizeste
Quem póde ter esperanças?
A' nós, tão velhas creanças,
Quem poderá remoçar?

Estamos já tão velhos como quando appareceste;
Por ti só esperamos porque tudo se perdeo;
Mais livido e mais frio, sem ouvir a voz celeste,
Em seo sepulchro, Lazaro, de novo se estendeo.

Onde está o Salvador para entreabrir o tumulo?
A aureola de fogo com quem deve caminhar?
Onde estão as Catacumbas e o divinal Cenaculo?
Onde de S. Paulo as vozes se ouvem resoar?

Á que pés tão mutilados por uma plebe insana
Cahem, oh! Magdalena, esses perfumes teos?
Onde, pois, vibra nos ares, uma voz mais do que humana?
Quem de nós, quem de nós vae-se tornar um Deos?

Tão perdida está a terra,
Tão velha e degenerada,
Tanto desespero encerra
A sua descrença atroz,
Como quando, á luz sagrada,
Do ceo, que todo se abria,
S. João ouvir fazia
A sua tão santa voz.

Como quando a moribunda,
Essa voz attenta ouvindo,
Como uma mulher fecunda
De repente estremeceo;
E sentio, de amor sorrindo,
Como um filho idolatrado,
Um novo mundo encantado
Inflammar o seio seo.

Revivem os tristes dias
De Nero, Claudio e Tiberio;
São as mesmas agonias,
É a mesma infecção:
Tudo, hoje, sob o imperio
De uma lepra corrosiva,
Á vergonha não se esquiva,
Não se furta á podridão.

Saturno já não devora
Os seos filhos recem-nados;
A esperança humana chora
E de mãi não serve mais;
Com os seios já myrrhados,
Sem amor, sem piedade,
Da sua esterilidade
O seo repouso hoje faz.

II

Dos libertinos da cidade excelsa,
Onde, mais livre, a perdição delira,
Da mais velha no vicio e a mais fecunda,
Quero dizer Paris —o mais devasso
Foi Jacques Rôlla—. Nos alcouces nunca,
Á triste sombra de lanternas baças,
Mais indocil mancebo se encostara
Á quente mesa, absorvido todo
Pelos caprichos de um rolar de dados.
De indomitas paixões os desvarios

Seo viver leviano dirigião;
Correr á solta elle os deixava todos
Com a mesma apathia com que as aguas
Vê o pastor se deslisarem tremulas
Por entre as flores; o seo corpo era
A vasta hospedaria onde se tinhão
Sentado á mesa e reclinado sempre
Esses da orgia viajores pallidos,
Ora para mil leitos profanar virgineos
Escalando muralhas, e, nas trevas,
Concertar os seos planos de volupia;
Ora para cantar embriagados,
Como aves ledas, que reune o vento,
E que, por vinte amores, não possuem
Mais do que um arbusto em flor esplendido.

O pai de Rôlla, fidalgote imbecil,
Tinha-o educado como um rico herdeiro,
Sem pensar que elle proprio, em sua aldeia,
Mais da metade havia dissipado
Dos seos grandes haveres.

De sorte que uma tarde, (era no outono),
Aos desenove annos, vio-se Rôlla
Senhor de si, não possuindo, ao menos,
Um officio ou talento, e, além de tudo,
O trabalho... o trabalho era impossivel
Á livre educação que recebera.
Um emprego qualquer, de servo o nome,
Sobre os seos labios rubros desfolhavão
Um riso immorredouro; assim, a farta,
Gastando os poucos bens que possuia
Não quiz ser mais do que grande fidalgo,
Tal qual Deos o formara.

Fatigado do seo eterno empenho,
Hercules, dizem, se sentou um dia
Entre duas estradas, e, avistando
A volupia, que a dextra lhe estendia,
A virtude seguio por ser mais bella.
Hoje, porém, já não ha nada bello;
Nem o bem, nem o mal; não é o tempo
Que duvida e que pára; no seo transito
Uns apoz outros já correrão seculos
Entre as duas estradas de que hoje
Nem vestigios existem duvidosos.

Tendo apenas de idade vinte annos
Fez Rôlla o mesmo que seos pais fizerão.
De uma grande cidade ás portas vê-se
Tumulos, matadouros e muralhas:
É assim, que ao entrarmos na existencia
Chamada social, nós encontramos
A primeira vereda.— Ahi, occulta
Sob triple circuito, aos olhos foge
A santa virgindade; o puro esconde-se,
Mas a devassidão, á luz do dia,
Beija da corrupção as mãos em lodo.

No seo regaço os homens não acolhem
O semelhante seo emquanto elle
Não envenena n'esse rio putrido
O aço casto e ardente do alphange,
Que do ceo recebera para d'elles
Com vigor defender-se.

Era Jacques leal, soberbo, intrepido.
Quanta nausea causava-lhe esse habito
Que a vida muda em um proverbio inteiro.

Feliz ou desgraçado desprezou-a
E as suas irmãs —soberba e audacia—
Para os seos deoses conservou sollicito.

Encheo tres bolsas de oiro, e, durante
Tres annos, elle, ao sol, viveo contente
Sem mesmo suspeitar que leis havião;
E nunca filho de Adão, á luz do dia,
Desde léste ao poente tem mostrado
Um desprezo maior de tudo e todos.

Só, por entre a soberba mascarada,
Que tem de vida o nome, elle passava
Com a fronte bem alta proferindo
Em voz distincta seo pensar tão livre.

Bem como de Alcibiades as vestes
Recamadas de oiro, o seo orgulho
Apoz si arrastava-se indolente
Da corte á choça como um regio manto.

Para ninguem de certo era um mysterio
Dissipar elle os bens, que possuia,
Tendo marcada a vida por tres annos.
Em sorrisos o mundo o contemplava,
E elle dizia de ordinario á todos,
Que, ao presentir os passos da penuria,
Saltar faria o desvairado craneo.

Que nobre coração! candido e meigo
Como a infancia primeira, bondadoso
Como a beneficencia, e grande, grande
Como esperanças em um ceo de risos.

Nunca a sua pobreza calculara;
Não lhe assentava bem essa armadura;
Quando muito era boa tão somente
Para um dia de luta, e esse dia
Foi breve, qual de estio a noite curta.

Quando da Arabia nos desertos calidos
A egoa selvagem, que marchou tres dias,
Espera a hora prenhe de tormentas
Para, a farta, beber do céo as aguas
Gottejantes dos leques das palmeiras,
E, vendo o céo de fogo, o sol de chumbo,
Vae então, na amplidão d'esses desertos,
Buscar um fosso, que o calor seccara;
Porém rosnando, em grupos, sobre rochas
Dormem leões de cômas eriçadas.
Ella sente-se fraca e suas fauces,
Sangrando, com furor além se entranhão
Pela areia abrazada, que absorve
Avidamente o descorado sangue!
Então em desespero e arquejante
Cahe a misera exhausta e o deserto
Pallido e triste estende sobre a filha
Branca mortalha de arenosas vagas.

A pobre ignorava que bastara
Acompanhar de perto as caravanas
Para encontrar, em Bagdad esplendida,
Cavalhariças frescas, mangedouras
Douradas com esmero, mil campinas
Verdejantes e flóridas e fossos
Cujo fundo jamais o céo vêr pôde.

Ah! se Deos nos formou do mesmo lodo
Sem duvida amassou de argilla estranha,
E aos raios aqueceo de um sol diverso
Esse ente que, aguia ou andorinha,
Dobrar não sabe as azas nem o collo
E, por unico bem, ostenta ao mundo
Somente uma palavra: — a liberdade!

III

É sobre marmorea estatua
Ou sobre um corpo de neve
Que esta lampada descreve
As suas ondulações?
E do lindo cortinado,
Todo azul, projecta as cores
Sobre o mimo dos amores,
Sobre as mais lindas feições?

É menos pallido o marmore,
E a neve tem mais alvura
Do que a imagem linda e pura,
Que assim repousa a sonhar;
Alli dorme uma creança
Em cuja bocca elegante
Volteia de instante a instante
Dos anjos o suspirar.

E o suspiro é tenue e brando
Mais o que o da alga verde,
Que ligeiro lá se perde
Na immensa amplidão do ar,
Quando o zephiro, á tardinha,
Corre, brinca, foge, vôa,
E de harmonias povôa
A superficie do mar.

E' que, sentindo já fracas
As azas embalsamadas,
Das flores, suas amadas,
Busca nos beijos o ardor,
E sorve, sobre os seos braços,
Núa e bellos, lindas perolas
Que, do ceo cahindo cerulas,
Tornão-se em prantos de flor.

Alli dorme uma creança
No verdor dos quinze annos:
Que tristes são os arcanos
Do seo mais triste viver!
Nada ainda está formado
N'esse todo adolescente,
N'essa mocinha innocente,
Já quasi linda mulher.

E o cherubim tão formoso,
Que véla sobre a sua alma,
Sorrindo de amor, com calma,
Contempla o roseo botão;
E tão lindo lhe parece
Que elle, tremendo um instante,
Duvida se é seo amante
Ou apenas seo irmão.

Seos longos cabellos louros
A cobrem inteiramente
E do collar transparente
A cruz na mão inda está;
E assim testemunha a prece
Que ella fez, do somno perto,
Prece que amanhã de certo
De manhã repetirá.

Ella dorme... contemplae-a:
Que fronte espaçosa e nobre,
Que veo de innocencias cobre
D'aquelle rosto o rubor!
Como uma gotta de leite
Sobre uma onda bem pura
Nos traços da formosura
Derrama Deos o pudor.

Ella dorme... contemplae-a:
Que fórmas alabastrinas,
Que bellezas peregrinas.
Que seductora visão!
Ella dorme toda nua,
E, sobre os seios tão lindos,
Nascem desejos infindos
Compressos por sua mão.

Não julgaes que a noite a torna
Mil vezes inda mais bella?
Talvez porque, junto della
Vae a luz triste morrer,
E o Espirito das trevas
Sente, com prazer infindo,
Sobre esse corpo tão lindo,
Seo negro manto tremer!..

Do sacerdote os passos no convento
Trazem ao coração vago terror,
Porém não tão sagrados com o accento,
Oh! virgem, dos suspiros teos de amor.

Não vedes sua alcova? o livro? as flores
De larangeira? e o ramo tão sagrado
Que se pende chorando sobre as dores
Da imagem do Senhor crucificado?

Nesse casto e modesto paraiso,
Que sempre asylo foi á sua vida,
Não buscarieis vós, em um sorriso,
A roda de fiar de Margarida?

Não é tão puro o somno da innocencia?
E, por defeza, não lhe deo o ceo
A belleza? e do amor de um anjo a essencia
Não é a piedade envolta em veo?

Se vos approximardes de uma virgem,
Tão pura assim, no ar que ella respira
Julgareis que o seo anjo, na vertigem
De zelos, morre, qual o som da lyra.

Se não é tua mãi, oh! formosa,
Quem é pois essa idosa mulher,
Que, sentada ao teo leito anciosa,
Observa o relogio a tremer?

O que espera? o que aguarda tão tarde?
O que póde occupal-a a tal modo?
Porque teme que o fogo, que arde
Na lareira, se extingua de todo?

Se não é tua mãi, para quem
Ella ergue-se e rapida vae
Entreabrir tua porta? porém
É provavel que espere teo pai.

Mas teo pai, franco homem d'aldeia,
Ha bem tempo deixou de existir:
Para quem, pois, a opipara ceia,
Que ella propria acabou de servir?

Porém seja quem fôr... ignorante
Do que vejo nem mesmo dás fé;
Porém seja quem fôr... teo amante
Não, Maria, de certo não é.

São mais puros que a luz os teos sonhos,
Tua alma é botão inda em flor
E os teos dias, que passão risonhos,
Não te fallão ainda de amor.

Mas, á quem pertence o manto
Que essa mulher no emtanto
Acaba de sacudir?
De lama está salpicado,
E a chuva, que o tem molhado,
Inda se ouve cahir.

Esse manto é teo, Maria,
E o vento, que o perseguia,
Teos cabellos rorejou;
E a neve tempestuosa,
Que açoutou-te a tez mimosa
As faces rubras tornou.

Por noite tão tenebroza
Quem te chamava, formoza,
O que foste tu fazer?
Que passo tão imprudente!..
Essa mulher, certamente,
Tua mãi não póde ser!

Porém, silencio... fallarão...
Mulheres desconhecidas
Por tua porta passarão
Em desalinho vestidas;
Outras porém, semi-nuas,
Ostentão as formas suas
Motejando do pudor;
E o riso atroz d'essas sombras,
Que pisão molles alfombras,
Morre, além, no corredor.

Uma lampada moveo-se,
E, no fundo do aposento,
Onde a bacchanal ergueo-se
Com aspecto macilento,
Vejo os restos de uma orgia
Onde a razão se perdia,
Onde o pejo se afogou;
E, ao som de estranha risada,
A porta de envergonhada
Tudo aos meos olhos furtou.

Não é verdade, Maria,
Que tudo isso que eu via
Era medonha visão?
Não foi um sonho insensato
Não foi um pezar ingrato
Que ferio-me o coração?

Tudo repousa em dormencia;
Do gozo impuro a essencia
Penetrar não póde aqui:
É tua mãi, certamente,
A mulher impaciente,
Que velava junto a ti.

Os teos formosos cabellos,
Que desprendem-se em novellos
E brincão no leito teo,
Não estão de agua molhados,
Estão apenas banhados
De um oleo puro do ceo.

A cor de rosa, que cobre
Tua fronte linda e nobre,
Não tem o menor senão;
Ella assoma ás tuas faces,
Que assim reflectem vivaces
O sangue do coração.

Silencio! á porta batem; — passando sobre alfombras,
Alguem (talvez engano) parece-me que ouvi —;
Porém, á luz incerta, se chegão duas sombras;
És tu, pallido Rôlla?... que vens fazer aqui?...

Não desejavas tu deixar o mundo,
Oh! Fausto, n'essa noite de descrença,
De angustias tão crueis,
Quando, em manto de fogo, o mao Espirito,
Qual sombra leve, arrebatou-te aos ares
Suspendido á seos pés?

Não tinhas já soltado o ultimo anathema?
E, quando estremeceste ao côro santo
Dos canticos do ceo,
Não tinhas já batido, blasphemando,
A sexagenaria fronte aos velhos muros
Do aposento teo?

Sim! nos labios tremia-te o veneno,
E a morte, que escoltava-te na obra
Sem nome, que a insultou,
Tinha, junto de ti, descido ao fundo,
Ao ultimo degrão do suicidio,
Que a mente te embalou.

Teo velho coração, já carcomido,
Não mais podia, á sombra da ventura,
Sorrisos encontrar,
E se fechara, qual em cemiterio,
A lousa sepulchral usada e gasta
Dos tempos ao rodar.

No relogio veloz da eternidade,
Atheo de barbas brancas, tua hora
Bem lugubre soôu,
E o vendaval, por ti passando infrene,
Triste, medonho, da sciencia tua
A arvore arrancou.

Com sorpresa te vio da morte o anjo
Fazer, no braço teo, já descarnado,
Profundas incisões,
E o sangue, que vendia-te ao demonio,
Da azulada ferida, rebentando,
Correr em borbotões.

Oh! sobre que oceano,
Sobre que gruta obscura,
Sobre que olivaes formosos,
Recamados de verdura,
Sobre que gelos, ou prados,
Sobre que montes, ou brejos,
Suspirou, d'aurora aos beijos,
Uma viração tão pura,
Uma brisa mais banhada
Dos prantos da primavera
Do que a bafagem celeste,
Que a tua fronte alquebrada
Cobrio de joven ardor;
Quando do ceo a bondade
Quiz da vida tormentosa
Pagar-te a suprema dor,
Dando-te, em premio, os perfumes
Do manto de virgindade
De uma creança formosa
Dos quinze annos na flor?

Quinze annos! Oh! Romeo,
A idade de Julietta!
A idade em que a alma acceita
Todas as crenças do ceo;
A idade em que vos amaveis,
Em que a brisa odorosa
Da purpurea madrugada
Vinha embalar, docemente,
Nos cantos de um cherubim,
Sobre a venturosa escada
De seda, ao canto das aves,
Os vossos beijos suaves
E o delirar innocente
D'esses adeoses sem fim.

Quinze annos! é a idade
Em que a arvore da vida,
Sob o oasis encantado
Do deserto embalsamado,
Banha o seo fructo dourado
De myrrha e incenso do ceo!
Para fecundar o espaço
É bastante que um momento,
Como da Asia a palmeira,
Ella agite, ao som do vento,
O seo perfumado veo!

Quinze annos! é a idade
Em que, das mãos do Senhor,
Sahio a mulher, do Eden
A mais casta e linda flor;
E tão branca de innocencia,
Tão rica de formosura
Era a imagem meiga e pura,
Que começava a viver,
Que Deos quiz, em seos arcanos,
Vendo o formoso thesouro,
De suas phalanges de ouro
A idade eterna fazer.

Oh! Eva formosa, gentil leviana,
Porque, deshumana, do fructo ao sabor,
No gozo instantaneo de um sonho bem lindo,
Murchaste, sorrindo, do Eden a flor?

Porém era tua sorte
Tudo perder e trahir!
Ao Deos, que amavas, a morte
Déste, n'um terno sorrir!

Assim preferiste; se ainda podesses,
Em candidas preces, o ceo obter,
Ainda de novo, não temo affirmal-o,
Havias deixal-o e tudo perder.

Pois sabes que em qualquer parte,
Ou sobre a terra, ou no ceo,
Sempre o homem ha-de amar-te,
Sempre, sempre ha-de ser teo.

De novo quizeras, em horrido exilio,
Correr em auxilio do seo suspirar;
E, em doces caricias, tal é teo destino,
Nos risos de um hymno, seo pranto enxugar.

Com elle quizeras, virgem,
Partilhar acerbo pão,
E, dos beijos na vertigem,
Morrer em seo coração!

Jacques contemplava com riso melancolico
A victima innocente dormindo em seo altar;
E não sei que de horrivel, sinistro, diabolico,
Fazia-o, a tal ponto, tremer a seo pezar.

Custava-lhe bem caro a linda adormecida;
E, por uma só noite de vivido prazer,
Elle gastara tudo e até a propria vida
Em holocausto ao gozo em breve ia perder.

Assim o affirmara: quem é que o não sabia?
Aos seos amigos todos dizendo o extremo adeos,
Dera a sua palavra que a aurora do outro dia
Veria o fim nefasto dos livres dias seos!

Tres annos, os mais bellos da bella mocidade,
Tres annos de delirios, de orgias, de prazer,
Como da ave os pios, ao som da tempestade,
Como um ligeiro sonho, a morte ia colher.

E essa triste noite —a ultima— essa noite,
Em que o agonisante entrega-se á oração,
E, aos labios que emmudecem da morte ao duro açoute,
Se eleva á Deos nas preces do crente coração;

E essa noite —a ultima— em que o condemnado
Perdão contricto implora para os desvios seos,
E, com razão, se julga de tudo perdoado,
Porque a morte sempre nos approxima á Deos;

Elle christão e homem, sem preces de esperança,
Vinha passal-a junto d'aquella que comprava!
E esse ente debil, nos risos de creança,
Sobre o seo frio tumulo, dormindo o esperava!

Oh! chaos eterno! profanar a infancia!
Manchar a estancia de celeste voz!
Melhor não fôra, sobre o inerme leito,
Ferir-lhe o peito com punhal feroz?

Melhor não fôra d'esse collo lindo
Quebrar, sorrindo, sem signaes de dor,
Os tenros ossos, e, do riso em meio,
Cortar do seio a perfumosa flor?

Melhor não fôra lhe imprimir, de instante,
Sobre o semblante tão mimoso e igual,
Com o ferro em braza, de vergonha horrivel,
Masc'ra terrivel da mais viva cal?

Melhor não fôra? do que ver um rosto,
Mago composto de gentis ficções,
Meigo encobrindo, n'esse veo de amores,
Cruentas dores, mais crueis senões?

Assim o lago, em superficie bella,
Reflecte a estrella e da campina a flor;
Porém no leito, que ao olhar se occulta,
O lodo avulta de bem negra cor.

Oh! quanto ainda é bella!
Que erario, oh! natureza!
Que mystica belleza!
Que magica visão!
P'ra que primeiro beijo
O amor se preparava!
Que ardores esperava!
Que fervida emoção!

Que fructos tão formosos,
Que sonhos de primor,
D'essa belleza a flor
Havia produzir!
Sobre essa casta lampada
Que chamma ardente e pura
Em dias de ventura
Havia reflectir!

Maldita cortezã! pobreza horrivel,
Foste tu, foste tu que, infamemente,
Ao leito da miseria arremeçaste
Essa linda creança á quem a Grecia
O altar de Diana concedera!
Não a vês? — Ella orou adormecendo...
Á quem, meo Deos! Acaso a desgraçada
Á ti deve elevar as suas supplicas?...
Mas tu não foste que, nas vozes tristes
Do vendaval infrene que passava,
No meio dos soluços de uma insomnia,
Vieste á sua mãi, dizer baixinho:
A tua filha é virgem e formosa
E tudo isso, oh! mãi, tudo isso vende-se?
Para a levares á macabria dança,
Em cujo turbilhão vertiginoso
A pobre se perdeo, não a lavaste
Como lavão-se os mortos quando o tumulo
Os espera com tanta impaciencia?
Quando, ha pouco, ella aqui chegou tremendo
Açoutada dos gelos, tu não foste
Que, do trovão ao lugubre estampido,
Do relampago á luz, sob o seo manto
Te apressavas tambem? Quem saber póde
Que destino era o seo? A sua fronte
Não é de um ente sem pudor, sem alma:

Nada de impuro germinava ainda
Sob o botão da sua aurora virgem!
Pobre moça, infeliz! Aos quinze annos,
Dormitavão ainda os seos sentidos;
De Marion o nome ella não tinha,
Maria se chamava; o que perdeo-a
Foi a miseria e não o amor do ouro.
—Tal como a vedes, nesse leito infame,
Sob esse vergonhoso cortinado,
Á sua mãi entrega fielmente
O que alli ganhou com a fronte em chammas!—

Vós não a lastimaes, mulheres do alto mundo,
Vós que um horror profundo sentis do que é atroz,
E que encontrar temeis o que não for pomposo,
Tão rico, tão vistoso e alegre como vós!

Vós não a lastimaes, mulheres respeitadas,
Vós, que as filhas amadas nos quartos encerraes;
E, sem pudor, sem alma, pensando só em gozos,
No leito dos esposos, amantes occultaes!

São vividos, poeticos, cercados de esplendores
Vossos gentis amores, e, com distincta voz,
Sobre elles discutis nas salas, no passeio,
Sem o menor receio: —Vós publicas não sois.—

Porém inda não vistes da fome o esqueleto
Pousar, em vosso leito a descarnada mão,
E, com seos labios lividos, tentando suffocar-vos,
Um beijo supplicar-vos, por um pouco de pão!

Oh! meo seculo! é possivel
Que o que hoje em ti se vê
Tenha sido sempre? é crivel
A ausencia inteira da fé?!
Oh! rio turgido, insano,
Tu levas ao oceano
Em revoltoso caixão
Mil cadaveres horriveis,
Que fluctuão mais terriveis
Da lua ao frouxo clarão!

E esta terra tão velha,
Que ha muito vê, sem ter fim,
Da humanidade a scentelha
Viver e morrer assim,
Em torno do sol voltando
Em sua orbita e olhando
Para o seo Pai immortal,
Caminha no mesmo passo,
Sem buscar tocar-lhe o braço
E queixar-se do seo mal!

Visto que assim é, acorda,
Oh! bella prostituida,
Vibra do prazer a corda
Nos seios nús destendida.
O vinho corre espumante
E uma brisa do Levante
Vem em teo rosto bater,
E agita dos cortinados
Os alvissimos brocados
E a franja de ouro a tremer.

É uma noite formosa,
Fui eu, fui eu que a paguei;
N'esta alcova setinosa
Do prazer me curvo á lei;
O Christo, na sua ceia,
Sentio vagar-lhe na ideia
Menos transes de terror
Do que a alegria fervente
Que minha alma inteira sente
Motejando do temor!

Eia! viva o amor, que a origem
Encontra na embriaguez!
Dos teos beijos na vertigem
Quero a doce languidez!
Que o espirito do gozo,
Venha fervido, amoroso,
Nos seos braços nos prender,
Para depois de um abraço,
Conduzir-nos pelo espaço
Ao archanjo do prazer!

Eia! a Baccho entoemos
A mais ardente canção!
Com o copo em punho cantemos
Das noites a seducção!
De tudo nos esqueçamos!
Eia! querida, bebamos
E brindemos com fervor
O prazer, a liberdade,
O vinho, o ouro, a amizade,
A vida, a morte, o amor!

IV

Voltaire, Voltaire, dormes quedo?
E o teo riso que não morre
Inda sinistro percorre
Os myrrhados ossos teos?
Era teo seculo joven
Para bem comprehender-te,
O nosso deve aprazer-te
E os descridos filhos seos.

Esse gigante edificio
Que, durante a noite e o dia,
Minavas com alegria,
Sobre nós veio cahir;
A morte, a morte devia
Esperar-te em seos arcanos
Durante os oitenta annos
Que adoraste o seo sorrir.

Na existencia de além tumulo
Deveis amar-vos com ancia,
Dos delirios na constancia
De uma paixão infernal;
E os vossos fervidos beijos,
Das larvas por entre os prantos,
Devem formar os encantos
Do leito nupcial.

D'entre os vermes do sepulchro
Não te arrancas dos seos braços

Para guiares teos passos,
Da noite por entre o veo,
Á um vetusto castello
Ou á um claustro abandonado
Que seculos tem marcado
No tristonho aspecto seo?

O que te contão, sem vida,
Esses espectros funereos,
Esses altares cinereos
Despidos por ti da luz?
O que te contão os echos
Das abobadas sombrias?
O que te diz o Messias
Nos braços da santa cruz?

Estremece, presentindo
Teo phantasma immenso e feio,
Da noite ás sombras em meio
O throno seo abalar?
Tentando assim, como sempre,
De feroz blasphemia ao grito,
Calcar aos pés o infinito
E a sua Cruz derribar?

Estás contente? Não julgas
Tua missão bem cumprida?
Não pensas, com a fronte erguida,
Que tudo vae muito bem?
E, como o Eterno saudando
A creação, obra sua,
Não julgas tambem que a tua
Nem um só defeito tem?

Se assim é, ergue-te, espectro,
Todo de larvas coberto,
E vem contemplar, de perto,
Quem te segue com fervor;
Alguem esta noite ceia,
Á cujo festim ruidoso
Póde grave e magestoso
Sentar-se o *Commendador*.

Não ouves tu o suspirar tremido
D'esses dois jovens, que o prazer descora?
E o sussurrar de purpurinos labios,
Que em doce fogo se requeimão fervidos?

No laço estreito, em que se prendem ambos,
Dos braços nús de alabastrino encanto,
Dir-se-hia um corpo reanimado e ardente
Ao igneo sopro de uma dupla vida.

O soluçar de delirantes peitos
E as meigas queixas de fervor extremo
Vem entreabrir os mais mimosos labios,
Á cujos beijos o prazer desmaia;

Quanto são jovens! Como são formosos!
Para furtal-os ao olhar dos anjos,
Como uma tenda recamada de ouro,
Descer devera o firmamento á terra.

Porém contempla: n'esses peitos fervidos
Existe um vacuo de medonhas trevas,
E voz sinistra murmuria em prantos:
—Elles não amão nem jamais amárão!—

Onde aprenderão elles
As frazes, cujo encanto,
Só a volupia ardente,
Em abundante pranto
Tem o direito pleno
De ouvir balbuciar?
Mulher! estranho enigma
De gozo e de supplicio,
Altar mysterioso
Em que, no sacrificio,
Vê-se alternadamente
Pedir e blasphemar:

Oh! dize-me em que echo
De bosques encantados,
Em que ares deleitosos
De oasis perfumados
Vivem essas palavras
Sem nome e perennaes?
Essas mimosas frazes
De verbos delirantes
E que ha cinco mil annos
Nos labios dos amantes
Se aninhão e perfumão
Os expressivos ais?

Profanação! Sacrilegio!
Sem amor! e são dois anjos!
Dois corações innocentes
Que as phalanges dos archanjos,
Vendo a sua formosura,
Elevarião a Deos.
Sem amor! e no emtanto
A noite, que além murmura,

O dorido e ardente pranto,
E o vento que sussurra
E a natureza inteira,
Que bafeja a terra e os ceos
E desfallece de gozos,
Sorvendo a volupia em sonhos
Nos meigos carinhos seos!
Onde o amor?... Mas seo espectro
Em tudo aqui se desenha:
Nos perfumes, que recendem,
E nos frascos de licores
Espalhados pelo chão;
N'esses beijos repetidos
Na maior effervescencia,
E talvez —miseria amarga—
Em mais um infortunado
Que, sobre a sua existencia,
Exclamará: maldição!

Claustros silenciosos, abobadas monasticas,
Só vós, tumulos frios, só vós sabeis amar!
São vossas naves tristes, vossas lousas phantasticas,
Que nunca labio em fogo beijou sem desmaiar!

Oh! vinde, vinde abrir vossas entranhas frias
Á estes entes lindos, que invejão vossa sorte,
Sobre um macio leito, cercado de magias,
Que é bom unicamente para o somno ou para a morte!

Tocae, por piedade, nos vossos sacrificios,
Seos corações mimosos, que morrem de languor,
E nas sangrentas dores de barbaros celicios
Mostrae-lhes os mysterios do vosso puro amor.

Banhae-lhes, pois, as frontes nas aguas baptismaes,
Dizei-lhes quantos annos, com que constancia, a sós,
Devem ajoelhar-se nas pedras sepulchraes
Antes de suspeitarem que amão como vós!

Oh! monges mysteriosos,
Quão vasto foi vosso amor!
No fundo dos santos calices
Que inebriez, que languor!
E quando de um brando somno
Vos circumdava o dulçor,
As vossas chagas beijavão
Os labios do Salvador.

Depois... o orgão cantava
Da aurora ao frouxo clarão,
E vós buscaveis ainda
Essa divina visão:
Que amor então era o vosso!
Que fervente adoração!
Ereis felizes, oh! monges,
Ditosos ereis então!

Vês tu, velho Arouet, esse homem vivido
Que de beijos ardentes banha livido
Esses lindos botões do peito á flor?
Amanhã, ao chegar da vida ao cumulo,
Inerte e frio descerá ao tumulo,
Para abrigar-se da mundana dor.

Acaso o invejarias? Tranquilliza-te;
A ironia que o nome preconisa-te,
De ti é que lhe veio: elle te leo.

Nada mais póde dar uma esperança
Ao joven, que os sorrisos de creança
No lodo da descrença revolveo.

Se o descrer se tornar uma sciencia,
De Jacques fallarão; a tua essencia
Para a sua alma toda se passou:
Sem temer polluil-o ou profanal-o,
Esta noite poderas arrastal-o
Ao tumulo onde a morte te guardou.

Pensas tu, pensas tu entretanto
Que se a crença innundasse-lhe o peito
Elle havia de vir n'esse leito
Profanar sua morte fugaz?
Sua morte—Ah! deixae-lhe, deixae-lhe
Seo mais firme e fiel pensamento
De ser ella, no triste momento,
Uma simples passagem —não mais.—

Talvez horrido seja esse passo!
Mas que importa? sem provas de medo,
Penetrar elle ha-de o segredo,
Que dos tumulos forma a visão!
E verá, n'esse instante, mais bella
Sua noiva querida e ditosa
Ao Deos vivo levar pressurosa
De ouro a chave do seo coração.

Arouet, eis tua obra:
—O homem do teo descrer—;
É somente n'este seculo
Que se póde assim morrer.

Quando, nas ruinas de Roma,
Exclamou Bruto, esse heroe:
—Virtude, és um nome apenas—
Uma blasphemia não foi.

Sua patria elle perdera,
Sua gloria e o nome seo,
Cassio, Porcia, a liberdade
E, pois, de tudo descreo.

Porém quando, á sós, sentado
Sobre uma pedra se vio,
Pensando no suicidio,
O olhar ao ceo dirigio.

Nada havia elle perdido
No immenso espaço dos ceos:
Restava-lhe inda a esperança,
Sua espada e os deoses seos.

É o que nos resta? á nós, os deicidas?
Por quem lutaveis vós, almas descridas,
Com cynico fervor?
Reformistas estupidos, buscaveis
O que, quando nos templos deseccaveis
O Christo, o Salvador?

Que fructo amargo semear querieis
Sobre o tumulo seo quando fazieis,
Em hora tão fatal,
A pombinha sangrenta afugentar-se,
Que em torvelinho vae precipitar-se
No abysmo eternal?

Á vossa voz querieis que surgisse
Do pó um homem novo? e se erigisse
Melhor mundo tambem?
Foi cumprido esse estudo tão profundo:
—O homem é perfeito, e o vosso mundo
Nem um defeito tem.—

O monte nivelou-se; esclarecida
A campina ficou; a arvore da vida
Bem soubestes talhar;
Os caminhos de ferro são perfeitos;
São grandes, são sublimes vossos feitos,
Mas suffocante o ar.

Vossas phrases soberbas e arrojadas
Voão além nas azas empestadas
De infrenes vendavaes,
Ellas por terra os idolos deitárão,
Mas as aves do ceo, que as escutárão,
De medo dão signaes.

Quem mais nos padres crê? Um golpe rude
A hypocrisia matou; morre a virtude,
Já não se crê em Deos.
Nos alcouces o nobre vive langue,
Prostituindo as armas e o sangue
Dos avoengos seos.

A humana intelligencia não conhece
Mais limites; o genio se engrandece
No moderno saber;
Não se mutila o pensamento e a scena,
Mas combates de touro ha-de na arena,
O povo appetecer.

Quando o pobre é soberbo, o rico triste,
O heroismo de hoje não consiste
Em abraçar a Cruz;
Mas fazem como Escousse, na asphyxia
Tragão lentos a taça da agonia
Que ao tumulo os conduz.

V

Quando no cimo de torre ingente
Vio Rôlla a aurora se derramar,
Ergueo-se pallido, e, tristemente,
Foi á janella se reclinar.

Pesados carros principiavão
Na estreita rua o giro seo.
Livido ás dores, que o suffocavão,
Elle em silencio permaneceo.

Em longos veios, tinctos de sangue,
As roseas nuvens se desmembravão
Bem como quando do Christo exangue
Os pés sangrentos rubras beijavão.

De cantores ambulantes
Um grupo além modulava
De tempos já bem distantes
Um romance, que enlevava.

Ah! como as velhas cantigas
Dos dias da meninice
Vem mostrar-nos a velhice
Vem nossas frontes curvar!
Nas horas do soffrimento,
Quanto não são penetrantes!
Que angustias dilacerantes!
Que doce e triste scismar!

Acaso são teos suspiros
Triste genio das ruinas?
São tuas vozes divinas,
Anjo das recordações?
Ah! como os placidos sonhos
Vão repousar encantados
Sobre os palacios dourados
Das infantis illusões.

Elles abrem e decantão
A flor, que além se extinguio,
E sobre o tumulo cantão
Os carmes, que o berço ouvio!

Rôlla voltou-se e contemplou Maria;
A formosa creança alli dormia
De cançaço talvez.
A menina no somno, o homem na morte
Procuravão fugir da sua sorte
Aos golpes tão crueis.

Quando no outono o sol, o sol brilhante
Vem a aurora saudar,
Aos passos seos, a neve deslumbrante
Parece se abrasar;

As espadoas da noite argenteadas
Estremecem de amor;
E, pelo beijo primeiro bafejadas,
Se cobrem de rubor.

Assim de virgem timida e innocente
Estremece o botão,
Quando, em noite calmosa, o sangue quente
Lhe assoma ao coração.

Assim tambem quando o menor desejo
Roça a candida flor,
Anjo amigo lhe traz n'um veo de pejo
O celeste pudor.

Oh! rei do mundo! oh! sol! por ti de amores
A terra se perdeo!
Tua irmã, dos seos braços nos alvores,
A embala ao lado teo.

Tu não quizeste a mocidade eterna
De fulgor perennal
Se não para a vellar com a luz superna
De belleza eternal.

«—Vós que, tão livremente, voaes, oh! andorinhas,
Ai! dizei-me, dizei-me porque vou eu morrer?
Ah! se eu tivesse azas comvosco, oh! avesinhas,
Por este ceo tão lindo quizera me perder!

Dizei-me, ceos e terra, dizei-me o que é a aurora?
O despertar constante das dores entre os ais?
E, se da morte aos beijos a vida se descora,
Á este velho mundo que importa um dia mais?

Dizei-me, verdes prados, e vós, mares, vergeis:
Quando de fogos vêdes a aurora se adornar,
Se nada em vós sentis, porque razão fazeis
Dobrarem-se os joelhos e o coração pulsar?

Oh! terra! quem por noivo te deo o sol formoso?
Porque cantão as aves, e a brisa ouço gemer?
Porque do vosso amor vindes mostrar-me o gozo
Á mim, o suicida? á mim, que vou morrer?—»

E porque lhe fervia no cerebro
Este verbo terrivel: *amar?*
Que melodica voz invisivel
Os sentidos lhe vinha embalar,
Repetindo seos carmes ao triste,
Que ia, em breve, seos dias findar?

Á elle que dissoluto,
No lupanar mais corrupto
Afogara o seo viver?

E, qual da vida zombava,
Por timbre menosprezava
O amor, e o seo poder?

Á elle, á quem este verbo
Era-lhe improperio acerbo,
Era-lhe injuria fatal?
Á elle que, rindo á sorte,
Escarnecia da morte
Aos tufões do vendaval?

Á elle que, sempre altivo,
Mostrava o rochedo vivo
Do insensivel coração;
Qual o vetusto soldado
Mostra o peito retalhado
Como o seo melhor brasão?

Á elle que, sempre errante,
Sem domicilio e amante,
Vivia... só por viver;
Sem um dia de bonança,
Sem sorrisos d'esperança,
No lodo a se revolver?

Á elle que a mocidade,
Ao rugir da tempestade,
Deixava ás soltas voar,
Como a folha resequida,
Aos pés da arvore, sem vida
Vae descorada tombar?

E agora que o joven livido
O copo seo esgotara,
E a hora extrema buscara
No seio de um lupanar
Onde, em um macio leito,
Porém n'um leito de morte,
Livre podesse da sorte
Com altivez blasphemar;

Quando tudo ia findar-se,
Quando da sua existencia
A noite eterna, em dormencia,
Aguardava o ultimo ai;
Quando nem uma scentelha
O ligava mais ao mundo,
Quem ao triste moribundo
Vinha, pois, dizer: amae?

Á beira do ninho gentil aguiasinha
Remonta apressada se vê se elevar
A aguia arrojada, que ao sol se avesinha
E vae, bem de perto, seos raios fixar.

Que voz invisivel a chama e anima
Mostrando-lhe o espaço, bordado de sóes?
Quem, pois, vem dizer-lhe:—Os astros lá em cima,
Os astros te esperão.—De quem essa voz?

De medo, a principio, vacilla, estremece;
Porém a mãi vendo, que ao longe revoa,
Que é filha de aguias em breve conhece...
E o vento, que passa, nas azas levou-a.

Assim como nascem chacaes e serpentes,
Que morrem na lama, que deo-lhes o ser,
Assim nascem homens, miserrimos entes,
Que vivem no lodo e ahi vão morrer.

Mas é necessaria essa raça maldita
Afim de que a terra se possa estercar;
Do corvo esfaimado, que os ares habita
Quem deve, dizei-me, a fome aplacar?

Mas se a natureza produz nobres entes,
Notando os estorvos que traz o viver,
Concede os segredos que os veos innocentes
Impedem ao mundo de vir soerguer.

O molde é de bronze, se a especie é tão rara,
Póde ella immergel-os nos pantanos seos,
Pois sabe que o marmore da insigne Carrara
Moteja, até mesmo, das aguas dos ceos.

Póde bem assemelhar-se
Ao libertino vulgar
Aquelle á quem a tesoura
Da fecunda natureza
Dos seos mais puros granitos
Soube nos flancos talhar.
Durante tres annos póde
Suffocar seos pensamentos
E as agonias crueis,
Mas, por fim, na espessa noite,
Da sua alma, que padece,
A vibora enregelada
Cedo ou tarde desenrola
Seos infinitos anneis.

Negros de S. Domingos, quantos annos
Á sombra de martyrios deshumanos,
Passastes em silencio e estupidez,
Antes que o sopro do odio e liberdade
Viesse vos mostrar a iniquidade
De ferros tão crueis!

É assim, Rôlla, que hoje
Despertão tuas ideias,
E que as sonoras cadeias
Resoão da morte ao grito;
É assim que ante teos olhos
Passão insensatos cirios
Que dançõo, como em delirio,
E vão morrer no infinito,
Agora esmaga os destroços
Da tua vida tardia:

Sobre os quebrados copos
Conduz teos pés descalços
E, no derradeiro brinde
Da tua ultima orgia,
Afoga, afoga o nada
Nos teos cançados braços.
O nada! o nada! não vês,
Sobre o seo eixo de fogo,
Corroer o sol formoso
Tão medonha escuridão?
A sombra vence, elle extingue-se:
A eternidade começa
E em suas trevas abysma
Teo descrido coraçõo.

Rôlla mais livido e tremulo
Fechou de novo a janella,
E a haste tenra e singella
De linda dhalia quebrou;

« —Amo, lhe disse a florzinha
E desfaleço abrasada
Pelos beijos suffocada
Da brisa, que me embalou.

Quando adornei-me, despi-me
Dos elementos impuros,
Que os traços vivos e puros
Manchavão do meo frescor;
Beijou-me o zephiro a fronte
Em meo vestido dourado;
Meo coração delicado
Tu pódes quebrar sem dor.— »

Amo: eis o verbo sagrado,
Que o mundo inteiro encantado
Murmura ao vento apressado,
Murmura ás aves do mar.
Voz suspirosa e tremida,
Que a terra já resequida
Soltará quando, sem vida,
No abysmo eterno tombar.

Estrellas do firmamento
É esse tambem o alento,
Que respiraes no momento
De um puro sonho ideal.
Do lindo sol namorada
A mais fraca, ao ser formada,
Quiz beijar a luz sagrada
Do seo amante immortal;

E, com ardor, sem receio
Arremeçou-se no seio
Das noites; mas logo veio
Outra que o amava tambem;
Outras o mesmo fizerão,
E os mundos, que apoz vierão,
Em viagem se puzerão
E se perderão além.

Estava Jacques immovel
E contemplava Maria;
Não sei o que de sublime
Nas faces transparecia
Dessa joven que, tranquilla,
Entre sorrisos dormia.

Um —que— de puro e sublime,
Como as brisas da manhã,
De tremores o opprimia
Vendo a linda cortezã:
Não seria ella (quem sabe?)
Não seria sua irmã?

As paredes d'esse quarto,
Onde elle a vira sorrir
Não deverião, em breve,
De sepulchro lhe servir,
Quando as ondas do suicidio
O fizessem succumbir?

Não participava ella,
Do seo acerbo penar?
Não sentia, entre torturas,
No seo coração vibrar
O pungente soffrimento,
Que o fazia desvairar?

Sim, nos sonhos da loura creança,
Se embalava a resignação.
Dos seos cantos a desesperança
É a socia do meo coração.

Eis a estatua querida e amena
Que eu devera em meo tumulo achar
Resomnando tranquilla e serena,
Quando n'elle tiver de tombar.

Não despertes, formosa; é da terra
Tua vida, porém o teo somno,
Que pureza indisivel encerra
Do Senhor beija o placido throno.

Sobre os cilios, que a nada eu igualo,
Onde vejo os mysterios de Deos,
Ah! consente que possa beijal-o,
Que lhe diga o meo ultimo adeos!

Elle que os alvos vestidos
De innocencia não manchou,
Elle á quem amar eu posso,
Elle que, por nenhum preço,
Jamais, jamais se trocou;

Elle que se julga ainda
Da tua infancia na flor,
Elle que sonha e que apenas
Possue da tua belleza
O celestial fulgor.

Meo Deos! é acaso uma fórma divina,
Que alli se espreguiça no leito macio,
Em flocos de espuma, qual perola fina,
Beijada de manso das aguas do rio?

Se para dourar o seo canto, em verdade,
Amor, lindo cysne veloz, não precisa
Senão dos contornos da realidade,
Senão da belleza, que o ceo divinisa;

Se acaso, temendo os enganos constantes,
Que o mundo offerece-lhe em suas paixões,
Procura elle sempre roubar aos amantes
As meigas e puras, gentis illusões;

O resto que importa? O viço da vida
E rostos tão jovens alli não estão?..
Amor, porque tardas? a aureola cingida
De gozos resumbra celeste visão!

E emquanto entreabrindo-se a flor, que resume
Belleza e sorrisos, desmaia de amor,
Se tu és apenas ligeiro perfume
Prorompe do calix da explendida flor.

Lentamente, de mansinho,
Sobre o leito perfumado,
Ao lado da moça bella
Rôlla se havia deitado,
Com os olhos sobre os seos olhos,
O halito unido ao d'ella,
E o amortecido olhar
Fluctuava
Remontava
E morria, á seo pezar!

Entreabrindo os longos cilios
Assim suspirou Maria:
«—Ainda sinto a agonia
De um sonho bem singular;
N'aquelle leito deitada
Adormecida eu estava
E sonhei, que despertava,
E despertava a chorar.
O quarto me parecia
Um immenso cemiterio,
Seo aspecto era funereo,
E da lua a luz sombria
Mais tristemente sorria
Sobre os tumulos cinereos
E sobre os ossos myrrhados,
Espalhados
Pelo chão.
Quatro homens sobre a neve
Um caixão depositârão
E depois se ajoelhârão
Murmurando uma oração.
Depois o caixão abrio-se
E n'elle vos vi deitado;
Tinheis o rosto inundado
Das ondas de um negro sangue;

Para ao meo leito chegardes
Vos levantastes exangue;
Depois da mão me travastes
E me dicestes então:
—Que fazes ahi? não sabes
Que esse logar me pertence?—
Então olhando notei
Que estava sobre um caixão.»

«—Se tal sonho não é ditoso e lindo,
Curva-se ao menos da verdade ás leis;
Hoje, antes que o dia seja findo,
Mesmo desperta um outro igual tereis.—»

Meiga sorrio-se Maria
E pousou o lindo olhar
No espelho, que reflectia
Sua belleza sem par;
Mas nelle vendo o semblante
Do seo taciturno amante
Inundado de pallor,
Ficou muda, e, temerosa,
Das faces a viva rosa
Despio-se do seo rubor.

«—Ah! meo Deos! lhe disse ella,
Jacques, o que tendes hoje?
«—O que tenho? minha bella,
Nada: é a vida que foge.
Estou pobre; se vim ver-te
Foi para, apenas, dizer-te

O meo derradeiro adeos;
Ninguem ha que o ignore;
Cumpre que a hora que corre
Veja o fim dos dias meos.

«—Jogastes, talvez? —Podia
Eu jogar? Não; pobre estou!
«—Pobre! repetio Maria,
E o alvo pranto enxugou;
«—Pobre, pobre: por ventura
Não tendes a affeição pura
De uma mãi ou de um irmão?
Não tendes ninguem no mundo?
Porque esse descrer profundo?
Morrerdes? porque razão?—»

Sobre o leito macio então voltou-se;
Jamais o seo olhar fôra tão doce,
Jamais fôra tão triste e eloquente;
Duas ou tres perguntas fluctuárão
Nos seos labios, que apenas suspirárão
Sobre a fronte de Rôlla um beijo ardente.

«—Tenho um pedido a vos fazer, murmura
Por fim a moça, minha mãi apura
Todo esse ouro, que me querem dar;
Nada tenho de meo; só esta prenda,
Este aureo collar; quereis que o venda?
Com o seo producto podereis jogar.—»

Rôlla apenas sorrio-se ; de mansinho
Aos labios conchegou negro frasquinho
E, de um trago, seo liquido sorveo :
Depois, no collo d'ella branco e lindo
A fronte reclinou ; então, sorrindo,
Na cruz do seo collar um beijo deo.

Quando a moça, do collo, que offegava
Levantou a cabeça que pesava,
As lagrimas dos olhos lhe brotárão :
N'esse beijo, tão casto, a alma descrida
Quebrara os laços da terrena vida
E um momento, se quer, ambos amárão.

ATTA TROLL

—SONHO DE UMA NOITE DE ESTIO—

(H. HEINE)

TRADUCÇÃO

DE

P. A. GOMES JUNIOR.

1873.

PREFACIO DO AUTOR.

Bem como quando, em um eclipse, a lua envolta em sombra sahe do seo branco portico de nuvens, assim o rei negro, armado para o combate, sahe da sua tenda de deslumbrante alvura.

(POESIAS DE FERD. FREILIGRATH.— *O Rei negro.)*

Atta Troll foi composto em allemão e em versos allemães. Nada terá perdido o original, em uma traducção franceza, em prosa, do seo perfume e do seo matiz, parte essencial em um poema que não tem assumpto bem palpavel? E os arabescos, as allusões, de que esta fabula é apenas o pretexto, serão por ventura bem comprehendidos por todos aquelles que não conhecem o movimento litterario politico e social do paiz germanico? É o que seria, na minha opinião, temerario affirmar. Entretanto entrego esta traducção ao publico francez. A confiança que deposito na sagacidade dos compatriotas de Champollion, o decifrador dos hieroglyphos, me induz a crer que mais de um encontrará tal ou qual interesse n'essas paginas, porque, por pouco que o leitor seja capaz de advinhar, por simples indicios, os negocios de além-Rheno, que ignora, respirará n'este poema fantastico a vida intima da mysteriosa Allemanha.

Na epocha em que foi escripto *Atta Troll,* a pretendida poesia politica florescia ainda na Allemanha. As musas tinhão recebido a ordem formal de não scismarem mais d'alli em diante, descuidosas e indolentes, e de entrarem no serviço da patria a titulo de vivandeiras da nacionalidade germanica. N'esse tempo tambem o talento era uma triste prenda, porque a incapacidade covarde e invejosa tinha por fim encontrado, depois de investigações seculares, a sua melhor arma contra a insolencia do genio: ella acabava de inventar a antithese do *talento* e do *caracter*. O publico em massa acolhia, com uma complacencia quasi interessada, declamações, que se resumião assim: « Os homens honrados são geralmente pessimos mu-« sicos; em compensação, os bons musicos não deixão de ser « homens honrados, e, portanto, a cousa essencial d'este mundo é « a honestidade e não a musica.» Nunca os tempos forão mais prosperos para a inepcia virtuosa, para as grandes convicções que gaguejão e para os nobres sentimentos que nada exprimem absolutamente. Ia começar o reinado dos justos na litteratura. Recordo-me de um escriptor de então cujo principal merito, aos seos proprios olhos, era o de ter escripto em favor da boa causa sem saber escrever: em recompensa do seo estylo de chumbo os seos compatriotas de Hamburgo o brindárão com um timbale de prata.

Pelos deoses immortaes! tratava-se n'essa epocha de defender os direitos imprescriptiveis do espirito, a autonomia da arte, e a independencia soberana da poesia. Como essa defesa foi sempre o grande empenho de minha vida, perdia-a de vista menos que nunca no *Atta Troll*. Quer no fundo, quer na forma, era esse poema um protesto contra os plebiscitos dos tribunos do dia; e, com effeito, apenas os meos *homens de caracter*, os meos austeros Romanos, tiverão conhecimento de alguns trechos, a sua colera revoltou-se singularmente. Accusárão-me não somente de tentar uma reacção litteraria, como tambem de motejar as mais santas conquistas do progresso social. Quanto ao valor esthetico do meo poema, nunca fiz nem ainda hoje faço caso do que a seo respeito poderão elles dizer. Escrevi-o para mim só, no genero caprichoso e fantastico d'essa escola romantica em que passei os annos mais encantadores da minha mocidade, cujo mestre, o pedagogo, o pobre Schlegel por fim sovei! A preferencia, que á esse genero dei,

é talvez condemnavel no ponto de vista litterario; mas tu mentes, Bruto, tu mentes, Cassio, tu mentes, Asinio, quando pretendeis que os meos motejos deslustrão essas ideias que são a mais preciosa herança da humanidade, em prol das quaes tanto tenho combatido e soffrido! Não; se a gargalhada arrastra irresistivelmente o poeta, é quando compara essas ideias, que pairão diante d'elle, pomposas pela sua grandeza, pela sua explendida luz, com as formas pesadas e grosseiras com que as embução os seos contemporaneos tudescos: o poeta então moteja, para assim dizer, a pelle de urso temporal d'essas ideias. Ha espelhos, cujo vidro está cortado em facetas tão obliquas que o proprio Apollo n'elles representado não seria mais do que uma caricatura: rimo-nos então da caricatura e não do deos.

Ainda uma palavra. Deverei observar que, tirando das poesias de Freiligrath uma phrase que apparece algumas vezes no *Atta Troll* e que faz, para assim dizer, o seo estribilho comico, não tive intenção alguma de depreciar esse poeta? Considero muito Freiligrath, principalmente agora, e o conto entre os mais distinctos poetas que tem apparecido na Allemanha, depois da revolução de Julho. Li a sua primeira collecção de poesias na epocha justamente em que escrevia o *Atta Troll* e a disposição de espirito que me dominava então deve explicar a impressão burlesca que em mim produzio principalmente a leitura do poemeto intitulado: *O Rei Negro*. Essa producção é, entretanto, considerada como uma das melhores do poeta.

Para os leitores que não a conhecem direi simplesmente que o rei negro, que *sahe da sua branca tenda, semelhante á um eclipse da lua,* possue tambem uma escura companheira, sobre cujo negro semblante oscillão alvas pennas de avestruz: em seo ardor bellicoso, porém, elle a abandona e comparece ao combate dos negros onde sôa o tambor adornado de craneos. Desgraçado! ahi encontra o seo Waterloo negro e é vendido aos brancos pelos vencedores. Aquelles conduzem o nobre captivo para a Europa e ahi o encontramos no meio de um bando de saltimbancos, que lhe confiárão a tarefa de tocar tambor turco durante os seos exercicios. Eil-o alli, taciturno e solemne, tamborinando á entrada do circo; porém, emquanto a caixa rufa, recorda-se que, por mais humi-

lhado que o tenha sido pela fortuna, foi monarcha absoluto nas longiquas margens do Niger e que caçou o tigre e o leão:

O pranto humedece-lhe os olhos sombrios
E então elle rufa com tanto furor
Que, á força cedendo, se faz em pedaços
A pelle tão rija do pobre tambor.

Dezembro de 1846.

H. Heine.

Atta Troll.

I

De sombrias montanhas circumdada,
Que o céo parecem escalar soberbas,
E embalada como um sonho meigo
Pelo rugido de cascatas turgidas,
Cauteretz, a elegante e linda aldeia,
Bem no fundo do valle se repousa;
Sobre as sacadas das vistosas casas
Formosas moças se reclinão languidas
Tendo nos labios um sorrir travesso.

Tendo nos labios um sorrir travesso,
Ellas contemplão do mercado a praça,
Onde plebeos e nobres se confundem;
No centro um urso e uma ursa danção
De uma gaita-de-folle ao som rouquenho.

É Atta Troll e sua cara Eva,
A negra Mumma, como o povo a chama,
Que são os dançarinos, e, enlevados,
Os Biscainhos de prazer exultão.

Como um grande de Hespanha, teso e serio
Faz o seo *avant-deux* o rei da festa,
Porém sua pelluda companheira
Dengosa por demais requebra o corpo.

E, dil-o-hei? Parece-me até mesmo
Que ella pucha o *cancan* algumas vezes,
E, por um certo remecher de ilhargas
Algum tanto arriscado, á nossa mente
Traz o nome da grande Chaumière.

Seo conductor valente, que a conserva
Presa á corrente, tendo assaz notado
Da sua dança o immoral deleixo,
Algumas vergalhadas lhe dispensa
E então a negra Mumma com seos uivos
Faz pavidos tremer os altos montes.

Traz esse conductor pontudo feltro
Circumdado de seis madonas lindas,
Que devem proteger sua cabeça
Das ballas do inimigo ou dos piolhos.

De suas largas costas pende, a guiza
De manto, uma toalha de mil cores,
Sob a qual curiosamente espreitão
Pistolas e uma lamina afiada.

Por monge começou sua carreira,
Mais tarde de bandidos foi o chefe,
E, para reunir os dois estados,
Servio por fim ás ordens de D. Carlos.

Quando este vio-se na emergencia triste
De fugir com os seos fieis vassallos,
E os paladinos forão obrigados
A procurar algum honesto officio

(O principe Chenapanski autor não fez-se?)
O nosso defensor legitimista
Propoz-se a ser um conductor de ursos
E atravez do mundo eil-o que parte
Com Atta Troll e sua negra Mumma.

Dançar elle os fazia pelas ruas,
E eis como, perante um povo immenso,
De Cauteretz na praça do mercado
Dança agora Atta Troll preso á corrente.

Perante a populaça eil-o que dança!
Elle, elle que outr'ora tão soberbo
Como rei das florestas habitava
Tão livremente o pincaro dos montes!

E é para ganhar alguns escudos
Que elle tanto se esforça e se afadiga!
Elle, elle que ha pouco, em meio ás selvas,
Na magestade de um robusto animo
Se julgava senhor do mundo inteiro!

Quando pensa na sua mocidade,
No dominio perdido dos desertos,
Então tristes grunhidos abafados,
Entre a espuma da raiva, espavoridos,
Das fauces de Atta Troll sahem tremendo.

Carrancudo se torna qual o negro
Rei de Freiligrath, e, assim como este
Tão mal rufava o seo tambor funereo,
Assim elle tambem, em furia aceso,
Do desespero dança o minuete.

Porém em vez de sympathia, apenas
Alegria desperta; Julietta,
A propria Julietta na sacada,
Como compasso á dança delirante,
Em gargalhadas se desfaz convulsa.

Ella não tem a alma alleman, que existe
Em scismas submersa e devaneios;
Julietta é franceza, a sua vida
É somente exterior, porém seos beijos,
Que respirão perfumes e harmonias,
A mente embalão em ditosos sonhos.

Os seos olhares, seductores, meigos,
São qual rêde de luz em cujas malhas
O coração perdido, fascinado
Estremece e palpita delirante.

II

Que de Freiligrath o rei tão negro,
Em seo agastamento melancolico
Do tambor resoar a pelle faça
Até que a veja rebentar de todo,
Isso faz na verdade, surdamente,
Vibrar o coração, vibrar o tympano.

—Porém agora figurae um urso,
Que acaba de romper prisões de escravo,

Cessa a musica e o riso, o povo timido
Com gritos de terror se precipita
Para longe da praça e as lindas moças
Sobre as sacadas tremulas descorão!

Sim, Atta Troll acaba n'este instante
De quebrar suas rigidas cadeias!
Transpondo as ruas com selvagens saltos
(Todos lhe dão logar polidamente)
Ao pincaro das rochas sobe rapido,
Para baixo dardeja olhar de escarneo,
E, apoz, ao fundo da floresta voa!

A negra Mumma e o mostrador de ursos
Ficão a sós sobre a deserta praça,
E então o homem furioso arroja
Ás lisas pedras o chapeo bicudo;
Sobre elle iracundo sapateia,
Pisa aos pés as madonas, logo arranca
A toalha, que serve-lhe de manto,
Rasga-se todo, grita, amaldiçòa,
Blasphema com furor e se lamenta
Da ingratidão, da ingratidão dos ursos!

Não tratou elle sempre como amigo
A Atta Troll? não lhe ensinou a dança?
Não lhe querião dar por sua pelle,
Porém inutilmente, cem escudos?
Por ventura o ingrato não lhe deve
Tudo, tudo, até mesmo a propria vida?

Semelhante á uma estatua da dor muda,
A pobre, negra Mumma supplicante
Sobre as patas traseiras conservava-se
Perante os desvarios do possesso.

Por fim a raiva deste se dissipa
Mas sobre as costas da infeliz viuva;
Elle dá-lhe sem dó e a injuría
De mulher de Muñoz appellidando-a,
De rainha Christina.... et cætera.

Eis o que se passou em uma tarde
De um dia de verão formoso e callido,
E a noite que seguio-se á esse dia
Foi soberba: passei-a quasi toda
Na sacada, bem junto a Julietta,
Que tristemente os astros contemplava.

—Ah! murmura a formosa entre suspiros,
De Pariz as estrellas são mais lindas
Quando, em fria estação, se espelhão tremulas
Nas aguas do arrebalde de Montmartre.—

III

De uma noite de estio sonho ardente,
Sem fim é este cantico phantastico,
Sem fim como o amor, como a existencia,
Como toda a creação e talvez mesmo
Como o proprio Creador formando os mundos.

Meo Pegaso obedece tão somente
Aos seos caprichos, quer galope airoso
Ou trote ou vôe no paiz das fabulas.

Não é de estrebaria de burguezes
Um paciente e commodo sendeiro;
E ainda menos um corsel altivo,
Que saiba o pó cavar impaciente,
E, na luta sangrenta dos partidos,
Relinchar ao troar de mil bombardas!

Os pés do meo ginete são ferrados
De oiro e diamantes, suas redeas
São collares de perolas e eu deixo-as
Alegremente fluctuar aos ventos.

Conduze-me por onde bem quizeres:
Pelos aereos trilhos das montanhas,
Onde as vozes de corvo das cascatas
Grasnão avisos, lugubres conselhos,
Onde os abysmos, quasi adormecidos,
Bocejão como infernos enojados;

Conduze-me por esses valles placidos,
Onde meditativo ao ar se eleva
O carvalho silvestre, onde, do meio
Das raizes repletas de mysterios,
Resalta a antiga fonte das legendas.

Oh! deixa-me beber das suas aguas
E n'ellas rociar as minhas palpebras:
Suspiro pelas gottas milagrosas,
Que tudo fazem ver e saber tudo!

A luz se faz! O meo olhar penetra
Nas mais profundas grutas; os meos olhos,

No seo covil deitado, reconhecem
O arrogante Atta Troll; eil-o que falla
E eu a sua linguagem comprehendo.

Esse idioma de urso... é cousa extranha...
Parece-me que bem o reconheço:
Não terei já ouvido em minha patria
As phrases gutturaes d'essa linguagem?

IV

Roncesvalhes, formoso e nobre valle,
Quando oiço soar teo doce nome
Julgo que na minha alma desabrocha
A flor azul dos legendarios contos.

Surgem então os velhos paladinos,
Brilhantes de valor e mocidade
Depois de um longo somno de mil annos!
Fixamente contemplão-me os Espiritos
Com o seo vidrado olhar e eu tenho medo!

O retinir escuto das espadas,
E o ruidoso tumulto das batalhas:
São os christãos, os bravos paladinos
Que combatem descridos Sarracenos,
E a trompa de Roldão aos ares lança
Um appello de dor, de desespero!

É n'esse valle, não muito distante
Da Brecha de Roldão, assim chamada
Porque esse heroe para encontrar abrigo
Fendeo a meio o rigido rochedo
Com a sua boa espada Durindana,
De tal maneira que elle ainda hoje
A robustez do braço testemunha;
É n'esse valle, digo, bem no fundo
De uma fenda sombria, defendida
Por uma pallissada de pinheiros,
Que aos mundanos olhares curiosos
Se occulta em tenebrosa escuridade
De Atta Troll a caverna inaccessivel.

É ahi que, no seio da familia,
Da fadiga da fuga elle repousa
E das tribulações da vida errante.

Que alegria, que festa! que ventura!
Não causou o encontro inesperado!
Na caverna querida a ver tornava
Os pequenos, que, Mumma suspirosa,
A sorrir-se de amor lhe dera outr'ora:
Quatro filhos e duas lindas filhas.

Duas bellas e jovens ursasinhas,
Gorduchas, frescalhonas e tão loiras
Como filhas de padres protestantes.
Os rapagotes são um tanto escuros;
O mais moço, que tem só uma orelha
É quasi, como a noite, todo negro.

Este de sua mãi era os carinhos,
Era o seo Benjamim: brincando um dia
Ella comeo-lhe a orelha, que lhe falta,
Por simples affeição, por puro affecto.

De summa habilidade é este joven
Sobretudo em gymnastico exercicio:
Elle dá cambalhotas tão perfeitas
Como Massman, o professor insigne.

Como Massman, o professor insigne,
Elle adora somente o seo idioma;
Nunca o seo paladar prestou-se á giria
Dos Romanos e Gregos, urso altivo
De seo patriotismo elle professa
Pelos perfumes de franceza origem
O mais santo desdem; tambem despresa
O sabão, esse luxo modernissimo
Sempre como Massman supracitado.

Porém onde elle mais seo genio ostenta
É quando sobe a arvore, que eleva-se
Do fundo do medonho precipicio
Até a plata-fórma do rochedo.

No cume d'essa rocha, a tarde, junta-se
Toda a familia em torno ao velho urso,
Afim de recreiar-se na poesia
Do frescor do crepusculo sublime.

É então que Atta Troll tranquillo conta
A vida que passou correndo o mundo,
Quantas cidades vio e quantos homens,
Quantos revezes não provou chorando!

Como o valente filho de Laerte,
Mas com a differença que elle, ao menos,
Em perigrinações tão dolorosas

Acompanhado foi constantemente
Por sua negra e jovial Penelope,
Hoje Atta Troll os seos triumphos narra
E os immensos successos que obteve
Entre os homens outr'ora a sua dança.

Elle affirma que velhos e crianças
Com grande acclamação o admiravão
Quando nas praças publicas dançava
Aos sons mellifluos de saudosa gaita.

Quem o ouvisse diria que as mocinhas,
Essas entendedoras delicadas,
O applaudião com fervor, lançando-lhe
Olhares seductores e assassinos.

Oh! vaidade do artista! o velho urso,
O velho urso dançarino e altivo
Com saudades recorda-se do tempo
Em que do publico arrancava applausos.

Por essas sensações enthusiasmado
Elle provar deseja á sua prole,
Que não é um gabola miseravel,
Que foi real, sublimemente grande
Pela dança, que o nome consagrou-lhe

E, de prompto, se ergue; teso firma-se
Sobre as patas trazeiras, e, sisudo,
Eil-o que como outr'ora, enceta o passo
Da gavota, essa dança que mais préza.

Mudos de pasmo, commovidos, tremulos,
Com os focinhos erguidos e attentos
Os ursosinhos rindo-se o contemplão
Gravemente dançando á luz da lua.

V

Melancolicamente, sobre as costas,
Deitado entre seos filhos na caverna,
Pensativo Atta Troll as patas lambe,
As patas lambe murmurando tremulo:

—Mumma! Mumma! formosa e negra perola,
Que pesquei no oceano da existencia,
Acaso para sempre te perdeste
N'esse mesmo oceano entumescido?

Nunca mais por ventura hei-de encontrar-te
Senão além do tumulo na hora
Em que, despida dos mortaes despojos,
Alma nua, sem pelle, apenas fores?

Ai de mim! antes d'isso eu desejara
Uma ultima vez beijar, tremendo,
O gracioso, o seductor focinho
Perfumado de mel de minha Mumma!

Uma ultima vez quizera ainda
Aspirar o perfume deleitoso
Que do seo corpo esvelto se expandia
Mais penetrante que o odor das rosas.

Mas que digo? ai, de mim! Mumma enlanguece
Nas terriveis cadeias d'essa raça,
Que humana se appellida e se proclama
Ser a senhora do universo inteiro.

Morte e condemnação! ah! esses homens,
Esses malditos archi-aristocratas,
Contemplão com desdem os outros entes
Com a insolencia de um senhor despotico!

As mulheres nos roubão e os filhinhos,
Encadeião-nos, sovão-nos e matão-nos
Para venderem nossa pelle e banha!

E julgão esses crimes permittidos,
Principalmente contra os pobres ursos:
E o nome dão á taes iniquidades
De direitos do homem! Que miseria!

Os direitos do homem! Quem, dizei-me,
Quem vol-os outhorgou? A natureza?
Oh! tão desnaturada não é ella!

Os direitos do homem! Quem dizei-me,
Quem esses privilegios concedeo-vos?
A razão? Ella ainda é razoavel!

Homens, mais do que nós valeis acaso
Porque comeis assados ou cosidos
Os vossos alimentos? Sem temperos
E crús, bem crús os nossos devoramos:
O resultado final é sempre o mesmo,

Não, não é o sustento que enobrece,
Somente é nobre aquelle que modela
Pela santa virtude a sua vida.

Homens sois por ventura superiores
Á nossa especie em artes e sciencias?
Como pensaes, nós outros, pobres entes,
Nós outros tão estupidos não somos.

Entre os cães não ha sabios? Não existem
Cavallos, que melhor contão que os membros
Da mais alta finança? Acaso as lebres
Tambor não tocão com perfeito esmero?

Muito castor não tem se distinguido
Em hydrostatica? E não é devida
Á cegonha a invenção de uteis clysteres?

Acaso os burros não escrevem criticas?
Os macacos não são perfeitos comicos?
Uma tragica maior apresentae-me
Do que a horrivel Batavia, a illustre mona?

Os rouxinoes não cantão? e poeta
Não é Freiligrath? Quem poderia
Melhor fallar dos brios do rei negro
Do que o seo conterraneo, o dromedario?

Na dança eu proprio fiz tantos progressos
Adiantei-me tanto, como Raumer
Na arte de escrever, acaso elle
Melhor escreve do que dança um urso?

Porque então, oh! homens, vos suppondes
Melhores do que nós? Erguidas sempre
As cabeças trazeis, isso é verdade,
Porém, n'essas cabeças elevadas,
Rastejão muito baixos pensamentos!

Homens, mais do que nós valeis acaso
Porque tendes a pelle unida e lisa?
Essa vantagem partilhaes, sem duvida,
Com a serpente, vossa irmã na astucia!

Oh! homens, raça de serpentes bipedes,
Bem sei, bem sei porque trazeis vestidos:
Vós occultaes com o maior cuidado,
Sob os tecidos, a nudez da vibora!

Meos filhos, sempre, sempre em guarda ponde-vos
Contra esses abortos do acaso;
Minhas filhas queridas, minhas filhas,
Não vos fieis nas phrases seductoras
D'esses monstros crueis, que andão de calças—!...

Não mais divulgarei que de argumentos,
Crivados de insolencia, o velho urso,
O velho urso dançarino e altivo,
Em sua accesa raiva egalitaria,
Contra o genero humano dardejava!
Porque tambem sou homem e não quero
Mais repetir essas palavras loucas
Que podem offender; sim, eu sou homem
E alguma cousa mais me considero
Que os outros animaes: e os interesses
Nunca hei-de trahir da minha origem,

E sempre defenderei valentemente
Contra as terriveis pretenções bestiferas
Da humanidade o inclyto estandarte
E os humanos direitos immutaveis.

VI

Comtudo póde ser util aos homens,
Que formão essa classe poderosa
Da familia animal, saber ao certo
O que se pensa e diz abaixo d'elles.

Sim, abaixo de nós, n'essas camadas
Subterraneas e nauseabundas,
Em graniticas furnas tenebrosas,
Classes fulvas e infimas fomentão
A miseria, o insulto, o orgulho, o odio.

Tudo quanto tem sido instituido
Pela historia natural e consagrado
Pelo costume e tradições de seculos
É negado, com toda a sem cerimonia,
Com o focinho ousadamente erguido.

Como um conspirador, o velho rosna
Aos ouvidos dos seos adolescentes
A funesta doutrina, que ameaça
Aniquilar, de todo, sobre a terra
A civilisação e a humanidade.

—Filhos, grunhe Atta Troll, se revolvendo
Sobre o seo pobre leito sem tapetes,
Filhos, meos filhos, o porvir é nosso.

Se os animaes, se os animaes pensassem
Como pensa teo pai, com as nossas forças
Reunidas, bem juntas, facilmente
Nós os nossos tyrannos venceriamos.

Junte-se o bravo javali ao nobre
E possante cavallo; enlace firme
O elephante a formidavel tromba
Ás duras pontas do valente touro;
Venhão tambem os mosqueados tigres
E os soberbos leões de hirsutas comas;
Liguem-se ás ratazanas os macacos
E as raposas tambem; união-se aos lobos
As ovelhas e até as proprias lebres
E a victoria, a victoria será nossa.

União! união! eis a primeira
Necessidade da epocha! Extremados
Seremos dominados, mas unidos
Domar havemos os crueis tyrannos!

União! união! é nossa a gloria!
Do monopolio o indigno regimen
Com os vis usurpadores agonisa
E o reinado dos justos nós fundamos.

Seja a igualdade, a mais perfeita e pura
A lei fundamental do nosso estado.
De Deos as vivas creaturas todas
Serão iguaes sem distincção de crenças,
De côr, de pello, de tamanho e odores.

A estricta igualdade! Possa o burro,
Mesmo o burro, o mais burro ser erguido
A' mais alta funcção do nosso estado,
E, em compensação, o rei das selvas,
O leão, ao moinho, por seo turno,
Conduza os sacos de centeio e trigo.

Quanto, porém, aos cães, esses tratantes,
Tem muita inclinação ao servilismo:
Dos homens são uns miseros capachos
E é por essa razão que ha muitos seculos
A raça humana, como cães os trata.

Comtudo, em nossas leis constituintes,
Nós inalienaveis tornaremos
Os seos velhos direitos e eu espero
Que isso poderá regeneral-os.

Os Judeos gozarão tambem dos foros
De cidadão, e, pelo nosso codigo,
Serão iguaes á todos os mamiferos.

Somente a dança sobre as praças publicas
Lhes será prohibida: esta emenda
É em favor da arte que professo;
Porque o sentido do estylo serio
Da sã choregraphia e da plastica
Severa em estudados movimentos
Falta e sempre faltou á essa raça:
Nada de corromper o gosto publico.

VII

Sombrio em sua furna tão sombria,
Atta Troll, o misanthropo, sentado
Entre a sua familia idolatrada,
Rangendo os dentes, furioso grunhe :

— Oh ! homens, homens, arrogante cafila !
Zombae ! zombae ! o grande, o excelso dia
Da independencia libertar-nos ha-de
Do vosso jugo, do sorriso vosso !

Nada no mundo me doia tanto
Como esse acre-doce movimento
Á flor de humanos labios ; nada, nada
Merece mais o meo despreso e odio
Do que o sorriso d'esses tristes entes.

Quando sobre os seos labios percebia
Esse fatal estremecer julgava
Que as minhas entranhas enojadas
Se baralhavão no meo pobre ventre.

A profunda perfidia da alma humana
Se revela de um modo mais insolito,
Mais atrevido, mais impertinente
Pelo riso do que pelas palavras.

Sempre o sorriso lhes perpassa os labios;
Mesmo quando a decencia pede, exige
O mais profundo serio, no momento,
No momento do amor o mais solemne.

Até mesmo dançando elles sorriem:
E assim profanão essa arte excelsa
Que, como um culto, venerar devião.

Sim, meos filhos, a dança, n'outros tempos,
Era da fé uma sagrada prova:
O côro santo de inspirados padres
Reverente saltava em torno ás aras.
Assim dançou o rei David, outr'ora,
Junto á arca sagrada da alliança:
Dançar era um sublime e santo acto,
Dançar, meos filhos, era orar com as pernas.

Foi assim, foi assim que eu, pobre urso,
Tambem comprehendi o que era a dança,
Quando a exhibia sobre as praças publicas
Perante o povo que me dava palmas.

Esses applausos me agradavão muito,
Me enchião de prazer, eu o confesso,
Porque é bem grato o arrancar suffragios
De um inimigo encarniçado e astuto.
Porém mesmo no auge, no delirio
Do seo enthusiasmo elles sorrião!
Nem a arte da dança tem prestigio
Para moralisar entes tão frivolos! —

VIII

Mais de um honrado cidadão no mundo
De si expelle insupportavel cheiro,
Ao passo que dos principes os servos
Se perfumão de ambar e alfazema.

Existem almas virginaes, que cheirão
A' sabão negro, entretanto o vicio
Lava-se em agua de fragrantes rosas:
Eis a razão porque, leitor querido,
No covil de Atta Troll, immundo e pobre
Não existem arabicos perfumes.

Não voltes o nariz; fica um instante
No circulo vaporoso e enjoativo
Onde á seo filho mais querido falla
O nosso grande heroe, como do meio
De uma sombria nuvem de miasmas.

— Filho, meo filho, ultimo renovo
De minha força viril, inclina, inclina
Tua unica orelha bem pertinho
Do paterno focinho, e, respeitoso,
Avido escuta minhas sãs palavras:

Desconfia, meo filho, desconfia
Da especie humana, desconfia sempre:
Perverter-te ella pode a alma e o corpo;
Entre todos os homens não existe
Nem um só homem digno, acredita.

Mesmo de Tuiskion os descendentes,
Os nossos primos de remotas eras,
Os proprios allemães que outr'ora forão
Os melhores de todos, até elles,
Como os outros, estão degenerados.

Elles hoje não têm nem Deos nem crenças
E pregão até mesmo o atheismo:
Meo filho, filho meo, ah! não te fies
Principalmente nas doutrinas falsas
De Feuerbach e de Bruno Bauer!

Não te tornes atheo, um urso impio,
Que o seo supremo creador renega.

Sim, foi um creador, meo filho amado,
Que o universo formou! Robespierre
E Maximiliano integerrimo
Tinhão muita razão quando dizião:
Existe, existe um Ente Soberano!

O sol, a lua, sobre as nossas frontes,
E as estrellas tambem (as que têm cauda
E aquellas que as não têm) são o reflexo
De sua sublimada omnipotencia.

Á nossos pés, a terra e o oceano
O echo são de sua excelsa gloria,
E qualquer creatura n'este mundo
Celebra os seos divinos esplendores.

O proprio insectosinho que reside
Na barba argenteada de um vetusto
Peregrino cantor de eolios hymnos
Tambem hosannas ao Eterno eleva.

No mais alto dos ceos, sob uma tenda
Recamada de fulgidas estrellas,
Em um throno de ouro e pedrarias
Se repimpa com toda a magestade
Um urso colossal que o mundo guia.

Immaculado e branco como a neve
É o seo manto; sua fronte cinge-se
De uma nobre corôa de diamantes,
Que irradia atravez do firmamento.

Em seo rosto transluzem a harmonia
E o pensamento creador; um gesto
Com o sceptro faz e as espheras todas
Resoão modulando puros canticos.

Nos degraos do seo throno immarcessivel
Estão os ursos bemaventurados,
Que n'este mundo padecerão muito
Com resignação e humildade;
E em suas santas, veneraveis patas,
Sustentão do martyrio as verdes palmas.

Ás vezes algum delles se levanta,
Um outro o segue e a saltar começão
Como apossados de um fervor angelico;
Logo apoz, toda a chusma veneranda

O mais solemne minuete dança,
Um minuete em que suppre o talento
Da graça a inspiração, um minuete
Em que a alma, perdida de alegria,
Procura prorompер da hirsurta pelle.

Eu, indigno Atta Troll, tambem um dia
Gozarei d'essa bemaventurança?
E, depois dos terrestres infortunios,
Metterei meo focinho n'esse reino
De sublime ventura immorredoura?
Inebriado de celeste gozo,
Lá no ceo, sob a abobada estrellada,
Com a fronte cingida de uma aureola,
Com a palma na pata veneranda,
Dançarei eu tambem, entre delicias,
Perante o throno do senhor dos mundos — ?

IX

Como a lingua escarlate, que o rei negro
De Freiligrath, em sua acesa colera,
Mostra por entre os pretos, grossos labios,
Assim a lua avermelhada rompe
De entre sombrias e pesadas nuvens.
Ouve-se o som longinquo das cascatas,
Que jamais adormecem, tristemente,
Quebrar das trevas o silencio lugubre.

Atta Troll está só sobre o fastigio
Do seo rochedo predilecto uivando
Á beira do abysmo estas palavras,
Que o vendaval nocturno além transporta :

— Oh ! sim, eu sou um urso ! Sou o bruto
A que denominaes de urso pelludo,
Selvagem, malcreado, impertinente,
E Deos sabe o que mais, só Deos o sabe !

Oh ! sim, eu sou um urso ! Sou o bruto
Que deveis perseguir, sou o objecto
Do vosso riso, do despreso vosso.

Sou o alvo de vossas zombarias,
Sou o *tutú* com que, durante a noite,
Ás creanças manhosas metteis medo.

Sou a caricatura extravagante
Dos mais burlescos contos com que as amas
Embalão os pequenos ; em voz alta
Eu o proclamo á todos os humanos :
Sou um urso, ouvis bem ; eu sou um urso !

E nunca corarei da minha origem !
Glorifico-me d'ella, qual se fosse
De Moysés Mendelsohn um descendente ! —

X

É meia noite! Duas formas negras
Por entre a sombra a quatro pés se esgueirão,
E, fazendo echoar surdos gemidos,
Caminho abrem atravez da agreste,
Sombria palissada de pinheiros.

É Atta Troll e seo amado filho
O joven Uma-Orelha. Ambos pararão
No descampado, perto do rochedo
A que chamão a « Pedra Ensanguentada. »

— Esta pedra, Atta Troll grunhe furioso,
É o altar sangrento em que os druidas
Do paganismo nas remotas eras
Celebravão humanos sacrificios.

Oh! cumulo do horror! cumulo do crime!
Ao pensar n'essas scenas horrorosas
O meo pello se erriça! Derramava-se
Para gloria de Deos o sangue humano!

A fallar a verdade, actualmente,
Os homens estão mais esclarecidos;
Já não se matão por devoto zelo
Em nome dos celestes interesses.

Já não é esse erro piedoso,
Esse delirio santo, essa loucura
Generosa e innocente, é o egoismo,
O egoismo pessoal que impelle-os
Ao homicidio e ao assassinato.

Sem cessar todos lutão a porfia
Pelos mundanos bens; geral é o saque!
E cada um d'elles para seo proveito
Por sua propria conta rouba e mata.

Todos os bens terrestres se tornarão
Presa de um dono unico, do homem
Que, com toda a ousadia, então proclama
Os seos direitos de propriedade!

Propriedade! Senhorio! Posse!
Oh! roubo! oh! falsidade! só o homem
Poderia inventar igual mistura
De fraude, de artificio, de absurdo!

A natureza não creou de certo
Propriedade alguma, porque todos,
Todos nós vindo ao mundo não trazemos
Algibeiras por sobre a epiderme.

Nenhum de nós nascendo traz no corpo
Esses pequenos sacos inventados
Para occultar os roubos commettidos.

O homem somente, esse ente nú que soube
Fazer de lã extranha vestimentas,
Com igual artificio e igual astucia
Tambem soube inventar as algibeiras.

Uma algibeira ! uma algibeira é cousa
Tão absurda como a decantada
Propriedade. Os homens são gatunos
De tal quilate que nas algibeiras
Se podessem de certo metterião
Os astros que além vagão no infinito.

Eu os odeio com furor legitimo !
E quero, filho, este odio transmittir-te :
Aqui, sobre este altar, jura odio eterno,
Rancor profundo á geração humana !

Sê o inimigo irreconciliavel
D'esses vis oppressores, inimigo
Rancoroso, implacavel té a morte :
Jura, jura, meo filho, eterno odio— !...

E o joven urso jurou. Era um mortifero
E tenebroso juramento esse,
Bem como aquelle que prestou Hannibal,
O Carthaginez, filho de Amilcar.
Com os seos prantos de luz sinistra e dubia
A lua esclareceo o antigo dolmen
E a grave posição dos dois misanthropos.

Dia virá em que tambem diremos
De que maneira o joven Uma-Orelha
Fielmente cumprio seo juramento.
Em proxima epopeia nossa lyra
Cantará os seos feitos tenebrosos.

Quanto a Atta Troll tambem o abandonamos,
Porém para encontral-o com certeza
Algum tanto mais tarde em frente a bocca
Do cano de mortifera espingarda.

Estás bem arranjado: és accusado
Do crime de excitar o odio e despreso
Contra o genero humano... Muito breve
Por junto pagarás tanta ousadia.

XI

Como formosas sylphides cançadas
Dos excessos da dança, somnolentas
Se espreguição á luz da aurora pallida;
Assim os verdes montes estremecem,
Envoltos nos seos veos de brancas nuvens,
Que a brisa matutina aos poucos ergue.

Mas em breve despertão ao contacto
Dos beijos que amoroso o sol envia;
Pouco e pouco elle chega a desvendal-os
Do seo ultimo adorno e os contempla
Nos primores da sua formosura.

Ao despontar da madrugada explendida
Com Lascaro sahi para a caçada
Do velho urso ; ao meio dia ambos
Atravessamos a hespanhola ponte.

É assim que appellidão essa ponte,
Na passagem de França para a Hespanha,
Os barbaros do oeste, que atrasados
Estão seguramente de mil annos
Em relação á instrucção moderna :
Os barbaros de léste, além do Rheno,
Tem apenas o atraso de cem annos.

Foi com hesitação e quasi tremulo,
Que abandonei o solo abençoado
Da França, patria e mãe da liberdade
E das mulheres, que idolatro tanto.

Bem no centro da ponte se sentava
Um mendigo hespanhol. No roto manto
Descripta se mostrava a indigencia
E a mizeria se lia nos seos olhos.

Com descarnados dedos o mendigo
De uma velha guitarra sons tirava :
A triste melodia devolvida
Era do precipicio pelo echo
Como uma zombaria. Sobre o abysmo
Ás vezes se inclinava e a gargalhada
Estridente jorrava-lhe dos labios ;
Depois elle de novo dedilhava
Com maior frenesi, continuando
A cantar amorosas melodias.

Passei, e á mim mesmo triste disse:
É cousa singular ver-se a demencia
Tristemente a cantar sobre essa ponte
Entre a França e a Hespanha collocada.

Não será esse doudo, por ventura,
O emblema da troca das ideias
Entre as duas nações? ou será elle
Da louca Hespanha o titulo frontespicio?

A noitinha chegamos, eu e Lascaro,
Á um pobre pouso, aonde em sujo prato
Uma olla-podrida fumegava.

Tambem comi insulsos grãos de bico,
Pesados como ballas e indigestos
Até mesmo para um robusto estomago
De allemão, na sua juventude
Sustentado somente com almondegas.

Á cozinha correspondia o leito,
Coberto de um milhão de persevejos,
Dos homens inimigos implacaveis.

A cruel aversão de um persevejo,
Que se occulta por baixo das cobertas
É mais para temer, seguramente,
Do que a raiva de um cento de elephantes.

É preciso deixal-os a vontade
Morder e remorder. É cousa triste!
Porém inda mais triste é o esmagal-os,
Porque então, durante toda a noite,
Um terrivel máo cheiro nos persegue.

O que ha de mais horrivel sobre a terra
É um combate com o insectosinho
Que do seo cheiro insupportavel serve-se
Como de arma afiada contra o homem.
Triste é a luta com um persevejo!

XII

Como os poetas mentem quando dizem,
Quando cantão em doces melodias
Que a natureza é de Deos o templo.

Um explendido templo, cujas pompas
Do creador a gloria testemunhão.
O sol, a lua, os astros radiantes
Não são, segundo elles, senão lampadas
De ouro suspensas na soberba cupula.

Pensae como quizerdes, meos senhores;
Mas confessae tambem que muito commodos
Não são por certo os seos degraos, bem como
A sua escadaria insupportavel.

Esses altos e baixos, as ladeiras
Dos montes escabrosos, os rochedos
De difficil accesso, tudo isso
A alma me cança, as pernas me fatiga.

Junto de mim caminha sempre Lascaro,
Alto, pallido e triste como um cirio.
Nunca falla nem ri-se o magro espectro,
De Uraka, a feiticeira, o filho morto.

Sim, dizem que elle é, ha longos annos,
Um cadaver apenas, a quem sabe
De sua mãe a magica sciencia
Prestar uma existencia facticia.

Do templo do Senhor que más escadas!
Ignoro até hoje de que modo,
Por que milagre mais de vinte vezes
Escapei de rolar n'esses abysmos
E de nas pedras fracturar o craneo.

Como as cascatas turgidas mugião!
Como o vento os pinheiros fustigava
Uivando tristemente! As nuvens rompem-se
E em torrentes a chuva alaga os montes!
Que tempo horrivel faz! Que horrivel tempo!

Junto ao lago de Gaube, uma cabana
De pescador pequena, mas decente,
Graciosa se mostra; ahi achamos
Seguro asylo e trutas saborosas.

O velho pescador enfermo estava
Sentado em uma commoda cadeira.
Suas duas sobrinhas o tratavão,
Risonhas e formosas como anjos.

Erão anjos um tanto rechonchudos,
Anjosinhos flamengos, que dirieis
Que de um quadro de Rubens descendião.
Louros cabellos, olhos azues, tão limpidos
Como o ceo estrellado em noite placida,
Graciosas covinhas, bem no meio
Das faces cor de rosa aonde impressa
Achava-se a malicia, formas lindas,
Arredondados contornos que excitavão
O temor e a volupia ao mesmo tempo.

Boas e encantadoras creaturas,
Que graciosamente disputavão
Para saber qual era a beberagem,
Que melhor conviria ao tio enfermo.

Offerece uma d'ellas flor de tilia
E chá de sabugueiro dá-lhe a outra:
—Bebei! Bebei!— repetem a um tempo.

— Nem isto, nem aquillo, diz o velho
Um tanto impaciente. Ide buscar-me
O meo odre de vinho; acolher quero
Com bebida melhor meos caros hospedes.—

Ignoro se era realmente
Vinho o que bebi n'essa cabana :
Em Brunswich teria acreditado
Beber cerveja de Brunswich pura.

O odre era feito da mais bella pelle
De bóde preto, ha pouco tempo morto ;
Ella tinha um mao cheiro admiravel,
Mas com tanto prazer bebeo o velho
Que, achando-se melhor, tornou-se alegre.

Elle então nos contou os altos feitos
Dos bandidos e dos contrabandistas,
Que livres e alegres, descuidosos
Dos Pyreneos invadem as florestas.

Elle tambem sabia velhos contos ;
Entre outros os dos combates feros
Dos temiveis gigantes contra os ursos
Nos tempos das legendas fabulosas.

Sim, os ursos, outr'ora, e os gigantes
Entre si disputarão o dominio
D'essas montanhas, d'esses lindos valles,
Da invasão dos homens muito antes.

Quando estes chegarão, os gigantes
De panico terror impressionados
Aterrados fugirão, pois é certo
Que juizo não ha n'essas cabeças.

Esses grandes papalvos, diz-se ainda,
Chegando junto ao mar e n'elle vendo
Nas ondas azuladas retratado
O firmamento, crerão piamente
Que o oceano era o ceo e se arrojando,
Com a confiança em Deos, ás vagas tumidas
Afogarão-se n'ellas todos juntos.

Quanto aos ursos, o homem pouco e pouco
Os dizima sem dó; todos os annos
Diminue nas montanhas o seo numero.

— Assim é, nos dizia o bom do velho,
Que uns dão logar aos outros sobre a terra.
Depois do homem o terrestre imperio
Passará aos anões, á esses entes,
Pequenas creaturas microscopicas
E astutas, que habitão sob os montes,
Cavando, e, sem cessar amontoando
Grandes riquezas de ouro e pedrarias.

Á clara luz da lua, muitas vezes,
No silencio da noite, tenho-os visto
Quando, para espreitar-nos elles surgem
D'entre as fendas da terra, nos mostrando
As cabecinhas cheias de malicia.

Pensando no porvir então eu tremo,
E no reinado tão nojento e immundo
D'esses terriveis pygmeos ricaços.
Eu receio, ai! de mim, que nossos netos

Sejão forçados a cahir nas ondas
Como esses estupidos gigantes,
Que julgavão no ceo refugiar-se.—

XIII

Repousa em meio de sombrias rochas
O manso lago de profundas aguas.
Dos paramos azues do firmamento
Olhares melancolicos á terra
Lanção as tristes, pallidas estrellas.
O silencio e a noite se entrelação.

O silencio e a noite! Os remos erguem-se
E de novo, a compasso, as ondas ferem.
Do pescador as joviaes sobrinhas
Tomarão seo lugar. Veloz o barco
Mysteriosamente as vagas corta.

Com destreza ellas remão graciosas;
Á dubia claridade das estrellas
Vê-se as vezes brilhar seos vigorosos
E lindos braços nús; por entre a sombra
Os seos olhos azues rasgados brilhão.

Ao meo lado está Lascaro sentado,
Pallido e mudo como de costume.
Occorre-me um sinistro pensamento:
Em verdade será elle um duende?

E eu proprio tambem estarei vivo ?
Eis que navego tristemente a noite
No imperio das sombras circumdado
De sinistros e lugubres espectros.

Não será por ventura esta lagôa
A Styge de ondas negras ? e Proserpina,
Na falta de Caronte, não mandou-me
Transportar pelas suas lindas famulas?

Não ; eu ainda não morri. No amago
De minh'alma inda sinto, crepitante,
Alegre scintillar da vida a chamma.

As lindas mocetonas, que manejão
O remo alegremente e algumas vezes
De espuma me salpicão ; essas moças
Risonhas, graciosas, rechonchudas,
Não são de certo lugubres phantasmas
Nem pallidas creadas de Proserpina.

Para me convencer perfeitamente
Da humanidade real, que as investia,
E, por meio de um facto, assegurar-me
Da minha propria vida, fortemente
Imprimi os meos labios sobre as lindas
Covinhas das formosas, roseas faces
De minhas bateleiras, e sentindo
O contacto do rosto avelludado
Philosophicamente, satisfeito,
Ponderei : Eu beijei-as, logo existo.

Á outra margem chegando, inda de novo
Mais uma vez beijei as lindas moças.
Foi n'essa boa especie de moeda
Que consentirão ellas que eu pagasse
A passagem que, meigas, concederão-me.

XIV

Os violaceos pincaros dos montes
Do sol sorriem aos doirados raios.
Uma aldeia na encosta da montanha
Soberbamente acha-se assentada
Como de beija-flor formoso ninho.

Quando eu ahi cheguei todos os velhos
Já o vôo havião desprendido.
Somente conservavão-se os pequenos,
Essa joven ninhada inda sem azas,
Lindos meninosinhos e formosas
Meninas, quasi todas mascaradas
Com capuzes de lã branca ou vermelha;
Na praça principal juntos achavão-se
Representando singular comedia.

Não perturbou-os a presença minha,
E eu pude ver o principe dos ratos
Apaixonado e terno ajoelhar-se,
Em posição pathetica, perante
Do rei dos gatos a formosa filha.

Pobre principe! casão-te com ella,
Que ralha, grita, morde e o esposo come!
Morto o ratinho, finda-se a comedia.

Passei o dia todo com os pequenos.
Com grande confiança conversamos.
Por fim me perguntarão quem eu era
E o que buscava por aquelles sitios?

— Meos pequenos, lhes disse, sou nativo
Do paiz d'Allemanha, aonde ha ursos
Em grande quantidade e vos garanto
Que d'elles era a mais terrivel praga.

N'esse paiz á mais de um a pelle
Sem pezar arranquei; porém impunes
Não ficarão meos feitos porque as vezes
Patadas recebi d'esses tratantes
Com bastante vigor arremessadas.

Por fim deixei de contender com brutos
Tão mal-creados, tão impertinentes
Nas florestas de minha cara patria,
E aqui vim procurar mais nobre presa:
Com o grande Atta Troll quero medir-me.

Eis um adversario de mim digno.
Ah! na Allemanha dei mais de um combate
Em que envergonhei-me da victoria.—

Quando a partir dispuz-me, essas boas
Pequenas creaturas me cercarão,
E, em torno de mim, formando a dança
« Giroflé ! giroflá ! » cantavão todas.

Depois a menor d'ellas se levanta,
E, ao mirar-me com graça e faceirice,
Fez-me duas, tres, quatro reverencias
E se poz a cantar com voz sonora:

— Se em seo caminho o rei comigo encontra
Só duas reverencias eu lhe faço;
Quando encontro a rainha, com respeito,
Tres reverencias lhe dirijo logo.

Mas se vejo o diabo com seos chifres,
Faço duas, tres, quatro reverencias
E « giroflé, giroflá ! » alegre canto.

« Giroflé ! giroflá ! » foi repetido
Em côro pela sucia dos pequenos,
Que, travessos, cantando volteiavão
Velozmente em redor de minhas pernas.

Emquanto para o valle dirigia-me
Ouvi os sons longinquos do estribilho:
« Giroflé ! giroflá ! » como se fosse
De rouxinoes o gorgeiar saudoso.

XV

Gigantes grupos de disformes rochas,
Cujo aspecto sinistro medo incutem,
Me cercão semelhando negros monstros
Petrificados pela acção dos seculos.

É cousa extranha! pardacentas nuvens
Sobre ellas fluctuão figurando,
Como em quadro perfeito, as mesmas formas
Tristes, extravagantes e semelhão
Uma copia fiel e vaporosa
D'esses selvagens grupos de rochedos.

Na quebrada do monte, ao longe, muge
Tristemente a cascata e o vento uiva
Açoitando os pinheiros: sons funereos
Estrepito fatal e inexhoravel
Como do desespero o grito energico.
Lugubres solidões! bandos compactos
De negros corvos vem empoleirar-se
Sobre os pinheiros calcinados, podres,
E agitão suas azas impotentes.

Sempre silencioso, sempre pallido
Acompanha-me Lascaro impassivel;
Semelhamo-nos bem de Alberto Dürer

A expressiva gravura em que a Morte
Acompanha em figura da Demencia
O cavalleiro pallido e desfeito.

Paiz triste e horrivel! Por ventura
Alguma maldição sobre elle pesa?
Parece-me ver sangue nas raizes
D'esta arvore amarella, que definha.

Ella protege uma cabanasinha
Que, como envergonhada, sob a terra
Se occulta, a meio, do olhar dos homens.
De colmo o pobre tecto tem o aspecto
De supplicar, de contemplar a medo.

D'essa pobre cabana os habitantes
São jacobeos, destroços de uma raça
Que, na obscuridade a mais completa,
Vae acabando os desgraçados restos
De uma existencia misera e pesada.

Ai! de mim, inda hoje os Biscainhos
Dos jacobeos tem um horror profundo:
D'essa aversão a origem é mysterio.

De Bagnères na cathedral existe
Uma porta de grade estreita e baixa.
— Eis ali, o sachrista me dizia,
Dos jacobeos a entrada antigamente.

O ingresso por outra qualquer porta
Lhes era strictamente prohibido,
E, sempre com receio, introduzião-se
No templo do Senhor as escondidas.

N'um pequeno escabello então sentavão-se,
Orando a sós, de todo separados,
Quaes leprosos, dos outros individuos,
Que da congregação fazião parte;
Mas as luzes modernas, certamente,
Acabaráõ por expulsar as trevas
Da injusta idade média, ainda mesmo
Do seo mysterioso e ultimo asylo.—

Fóra da porta Lascaro esperou-me
Emquanto, na cabana, por momentos,
Do jacobeo entrei. Com amizade
Minha mão estendi ao desditoso.

Tambem beijei a fronte do seo filho
Que, com toda a avidez, sugava o leite
Que lhe offertava o seio resequido
De sua pobre mãe: o debil ente
Semelhava uma aranha doentia.

XVI

Contempla os altos pincaros dos montes,
Vê como, ao pôr do sol, ao longe brilhão
Soberbos como reis e resplendentes

De purpura e de oiro! Approxima-te:
Todo esse esplendor desapparece.
Como junto ás demais pompas terrestres
Uma illusão de optica enganou-te.

O que te pareceo de oiro e de purpura
Não é mais do que a neve, a pobre neve
Que, enregelada e triste, se aborrece
Na solidão de altissimas montanhas.

Lá em cima eu ouvi, e bem de perto,
Soluçar e gemer a pobre neve,
E, ao vento insensivel e inconstante,
Suspirosa contar os seos desejos
E a branca mizeria que a affligia.

— Oh! exclamava ella, como as horas
Se arrastão lentamente n'estas frias
E tristes solidões, horas perpetuas,
Ou antes, congelada eternidade.

Pobre neve que sou! Se, por ventura,
Em vez de coroar estas montanhas,
Eu tivesse cahido lá no valle,
No valle aonde as flores desabrochão,
Dissolvendo-me ao sol, formara um lindo
E mimoso regato, onde o mais bello
Rapaz d'aldeia, com o sorrir nos labios,
Viria se banhar nas minhas aguas.

Eu teria, talvez, quem saber póde?
Corrido até o mar, onde podera
Transformar-me em formosa e rica perola
Para de um rei ornar o diadema.—

Da pobrezinha ouvindo estes lamentos,
Respondi-lhe:—Querida nevesinha,
Não creio que uma sorte tão brilhante
Te esperasse nos valles. Ah! consola-te:
De tuas alvas irmãs são muito poucas
As que se tornão perolas na terra.
Poderias cahir em charco immundo
E em negro lodo te transformarias.—

Ao passo que com a neve conversava
Um tiro ouvi e um abutre pardo
Á meos pés se arrojou das altas nuvens.
Era um brinco de Lascaro, um gracejo
De caçador; mas o seo rosto estava,
Como sempre, sereno e impassivel.

Da certeira espingarda simplesmente
O cano fumegava. Elle, em silencio,
Uma penna arrancou á aza do passaro
E, no feltro pontudo, fixando-a,
Seguio, com passo igual, o seo caminho.

Era uma scena de sinistro aspecto
Ver sua sombra se mover e a penna,
Negra e comprida sobre a branca neve,

XVII

É um valle, que muito se assemelha
Á uma larga estrada; tem por nome
O de «Desfiladeiro dos Espiritos.»
De ambos os lados rochas escarpadas
Elevão-se soberbas e imponentes
A alturas por demais vertiginosas.

Ali, sobre o mais rapido declive,
A cazinhola aonde habita Uraka,
Melancolicamente olha p'ra o valle:
Era o ponto, que Lascaro buscava.

Na mystica linguagem dos macacos
Á sua mãe elle pedio conselho
Sobre o modo porque nós deveriamos
Attrahir Atta Troll para matal-o.

Haviamos seguido bem a pista
Do fugitivo urso; não podia
Atta Troll escapar-nos; os teos dias,
Desditoso, por nós estão contados.

Se a velhinha, se Uraka, realmente,
Era uma distincta feiticeira,
Como se diz em todas as aldeias

Dos altos Pyreneos, é o que nunca
Poderei affirmar. Sei, simplesmente,
Que o seo exterior não nos inspira
Confiança e prazer. Seos rubros olhos
Chorão de uma maneira bem suspeita.

É vesgo o seo olhar, muito perverso
E tanto, que se encara para as vaccas,
O leite secca n'esse mesmo instante.

Assegurão tambem que muitos porcos
E até mesmo valentes, nedios touros
Ella tem morto, se acaricial-os
Com a myrrhada mão conseguir póde.

De um igual maleficio muitas vezes
Perante o juiz de paz foi accusada;
Porém este, que é voltairiano,
Que é um filho do seculo, um sceptico,
Inconsequente, frivolo, sem crenças,
Despedio os queixosos motejando;
Mas officialmente tem Uraka
Honesta occupação: vende dos montes
Hervas medicinaes, plantas exoticas
E aves, de lindas cores, empalhadas.

A cabana de Uraka estava cheia
De iguaes objectos que pertencem
Á historia natural. O cheiro activo
Do meimendro, do feto e de outras plantas
Cruelmente os sentidos perturbava-me.

Uma completa collecção de abutres
O effeito mais bello produzia
Com suas longas azas estendidas
E seos bicos enormes, gigantescos.

Era acaso o perfume d'essas plantas
Que me aturdia todos os sentidos?
O facto é que, a vista d'esses passaros,
Extranha sensação me atormentava.

Talvez que humanos entes fossem elles
Que, pela astucia magica de Uraka,
Á condição de aves empalhadas
Se achavão tristemente reduzidos.

Lançavão sobre mim olhares fixos,
Dolorosos e ao mesmo tempo cheios
De viva impaciencia. Algumas vezes
Parecia-me que elles contemplavão
De esguelha e com terror a feiticeira.

Acocorada ao lado de seo filho,
Junto da chaminé está Uraka.
Elles derretem chumbo e fundem balas,
Essas balas fatidicas que devem
Destruir Atta Troll. Ah! como as chammas
Crepitão vivamente sobre o rosto
Da velha feiticeira: os labios move
Brancos, delgados, mas sem grande ruido.
Murmura ella por ventura a phrase
Infernal, diabolica, satanica,
Que favorece a fundição das balas?

As vezes faz signaes ao filho morto
E com elle cochicha; porém este
Sua tarefa continúa, serio,
Impassivel e mudo como um tumulo.

Estremecendo de terror, e oppresso
Por pensamentos lugubres, deixei-os;
Para aspirar um ar mais puro e livre
Fui, tremulo, á janella recostar-me,
E, para o valle, dirigi meos olhos.

O que presenciei, a meia noite,
É o que contará, leitor querido,
Fielmente o capitulo seguinte.

XVIII

É por occasião da lua cheia,
De S. João durante a noite callida,
Que a caçada maldita alegre passa
Pelo « Desfiladeiro dos Espiritos. »

Da janella de Uraka, a feiticeira,
Pude considerar optimamente
Dos espectros a grande cavalgada
Descendo ao infernal desfiladeiro.

Eu tinha um bom logar para, a meo gosto,
Ver o bello espectaculo e inebriar-me
Com a scena completa d'essa festa
Ruidosa, brilhantissima, terrivel
Dos espectros escapos do sepulchro.

« Hallo e hussá! » relinchos de cavallos,
Gritos de caça, estalos de chicote,
Dos cães latidos, gargalhadas francas,
E sons de trompa; como tudo isso
Soava alegremente aos meos ouvidos!

Á pequena distancia d'esse bando,
A guiza de vanguarda, leopardos,
Veados e javalis corrião juntos,
Perseguidos dos cães pela matilha.

Os mortos caçadores todos erão
De climas differentes e de epochas
Ainda mais diversas: por exemplo,
Ao lado de Nemrod, o rei d'Assyria,
Cavalgava de França Carlos decimo.

Elles montavão brancas hacanéas.
Com a trella em mão os picadores seguem,
E, apoz estes, os pagens com archotes.

Mais de um conheci do bando horrivel:
Não será por ventura o cavalleiro,
Cuja armadura de ouro tanto brilha,
O rei Arthus, que na vanguarda segue?

E Ogier, Dinamarquez, não tinha
De malhas um saiote esverdeado
Que á uma enorme entanha o assemelhava?

Vi tambem desfilar, á luz da lua,
Mais de um soberbo heroe do pensamento.
Reconheci o nosso Wolfgang Gœthe
Pelo brilho do seo olhar tranquillo;
Porque, por Hengstenberg excommungado,
Não póde o grão pagão perpetuamente,
Repousar no seo tumulo; e, portanto,
Em impia companhia continúa
A caçar com o mesmo enthusiasmo
Com que sempre caçou emquanto vivo.

Reconheci o divinal Guilherme
Pelo meigo sorriso dos seos labios:
Os crueis puritanos da Inglaterra
O condemnarão pelos seos peccados.

Seo destino é seguir, durante a noite,
Esse bando infernal, soberbamente
Um corsel negro e lindo cavalgando.
Sobre um burro, ao seo lado, um homemzinho
Trota difficilmente... Deos! que vejo?!

Pelo seo rosto chato de devoto,
Pelo barrete de algodão, por causa
Do seo terror mortal, eu reconheço
O pietista berlinez Franz Horn!

Por ter sobre o profano Shakspeare
Cinco grandes volumes rabiscado
De commentarios, é o desditoso
Obrigado, depois da sua morte,
A cavalgar com elle, entre o alarido
D'essa caça infernal, caça maldita!

Ai! de mim, meo Franz Horn tão benigno,
Tão doentio e debil é forçado
A galopar assim, elle que, apenas,
Ousava andar a pé e que somente
Sabia beber chá e ajoelhar-se
Com santa uncção ao seo genuflexorio.

As velhas, que afagavão tanto e tanto
Sua indolencia ficarão sorprezas
E tremulas de horror quando souberem
Que seo querido Franz é companheiro
Da turba dos malditos caçadores.

Quando abrem a galope, olhar ironico
Lança o grande Guilherme sobre o pobre
Commentador que, dolorosamente,
Ao trote do jumento, o acompanha,
Quasi desfallecido e agarrado
Ao arção da sella, mas, depois de morto,
Como durante a vida, passo a passo,
O grande autor seguindo fielmente.

Na louca cavalgada dos Espiritos
Figuravão tambem lindas mulheres,
Principalmente feiticeiras nymphas
De formas juvenis e elegantes.

Em seos corseis montadas como homens,
Ellas seguem, a passo, airosamente,
Em nudez mythologica e completa:
Como mantos reaes, sobre as espadoas,
Os seos cabellos soltos ondeiavão.

De corôas de flores adornavão
As formosas cabeças, livremente
Tomando posições voluptuosas
Graciosas brandião, thyrsos bacchicos.

Ao lado d'estas, avistei algumas
Nobres moças vestidas castamente,
E em suas sellas de mulheres candidas
Com recato sentadas; sobre o braço
Cada uma d'ellas um falcão trazia.

Apoz, como se fosse uma parodia,
Sobre esqueletos magros de sendeiros,
Cavalgava uma sucia de mulheres
Adornadas de um modo extravagante.

Encantadores erão seos semblantes,
Mas um tanto impudentes. Blasphemavão
Ao ponto de fazerem o arrebique,
Com que as faces pintavão, ir por terra.

« Hallo e hussá! » relinchos de cavallos,
Gritos de caça, estalos de chicote,
Dos cães latidos, gargalhadas francas
E sons de trompa; como tudo isso
Soava alegremente aos meos ouvidos!

XIX

Mas do meio do bando destacavão-se
Tres mimosos semblantes, tres primores
De belleza suave e graciosa.
Ah! nunca esquecerei, por mais que viva,
Esse elegante trio de amazonas.

A primeira das tres reconhecia-se
Pelo vistoso e classico crescente
Que á fronte lhe adornava; magestosa,
Como alvissima estatua, a grande deosa
Ás suas companheiras precedia.

Sua tunica, um tanto arregaçada,
Cobria a meio os seios e as cadeiras;
Dos archotes o brilho e a luz da lua
Voluptuosamente reflectião
Sobre os seos membros de uma alvura extrema.

O semblante, tambem, era tão branco
Como o marmore, porém como elle frio;
A pallidez, e a immobilidade
Dos seos lindos, severos, nobres traços
Estremecer fazião; entretanto,

Fogo terrivel nos seos olhos brilha,
Fogo suave e perfido que cega,
Que a alma consome em amorosas chammas.

Quão pouco se parece actualmente
Com a Diana que, no seo orgulho
De castidade, vendo-se offendida,
Em veado Acteon mudou de subito
E dos seos cães o entregou ao pasto.

É, por ventura esse peccado enorme
Que ella paga em tão bella companhia?
Todas as noites, pallida, cavalga
Nos ares, como triste alma penada.

A volupia, bem tarde, em suas veias
Acordou, mas com grande vehemencia,
E nos olhos profundos e rasgados
Arde do inferno a verdadeira chamma.

Chora o tempo perdido, o bello tempo
Em que os mancebos erão mais formosos,
E a qualidade antiga, actualmente,
Pela moderna quantidade troca.

Ao seo lado avistei formosa imagem,
Cujos traços não erão modellados
No mesmo typo grego; irradiava
O gracioso candor da raça celtica.

Pela suavidade do sorriso,
E pelo som da voz quando fallava
Reconheci em breve a fada Habonda.

Um semblante risonho, rosec, cheio,
Como Greuze desenha, pequenino,
E mimoso o nariz, sempre entre-aberta
A linda bocca, qual botão de rosa,
E dentes de uma alvura deslumbrante.

De seda azul leve roupão trazia,
Que a briza algumas vezes levantava:
Nunca, mesmo nos sonhos mais poeticos,
Consegui ver espadoas tão formosas!

Pouco faltou que eu, pela janella,
Para as cobrir de beijos, não saltasse!
Teria feito mal porque, de certo,
Quebraria o pescoço sobre as pedras.

E quando me arrojasse ensanguentado
Aos seos mimosos pés, a deshumana
Da louca tentativa rir-se-hia:
Ai! de mim, esse riso bem conheço!

— E a terceira mulher que os teos sentidos
Abalou tão profunda e cruelmente
Como as outras tambem era um demonio?—

Se era anjo ou demonio não affirmo:
Na mulher não se sabe bem ao certo
Onde o anjo finda, e onde Satan começa.

O seo ardente e pallido semblante
Respirava os encantos do Oriente,

E a riqueza tambem dos seos vestidos
Fazia recordar todas as pompas
Dos contos da sultana Scheherazada.

Quaes romãs, erão roseos os seos labios,
Nariz de lyrio, membros flexiveis,
Como a linda palmeira de um oasis.

Montava uma hacanéa que dois negros,
A pé, tiravão pelas redeas de ouro,
Ao lado da princeza caminhando.

Porque era na verdade uma princeza:
Era a bella rainha da Judéa,
De Herodes a mulher que, loucamente,
A cabeça exigio de João Baptista.

Por causa d'esse crime, certamente,
Foi amaldiçoada e condemnada
A acompanhar, como um espectro errante,
Até o dia do juizo eterno
A nocturna caçada dos Espiritos.

Em suas lindas mãos traz ella o prato,
No qual vê-se a cabeça do apostolo,
Que beija com fervor; sim, ella beija,
Com frenesi essa cabeça morta
Porque o propheta, outr'ora, idolatrava.
A Biblia não o diz, porém o povo
Conservou a memoria, fielmente,
Dos sangrentos amores de Herodiades.

De outro modo o desejo d'essa moça
Seria inexplicavel: por ventura
Exige uma mulher, por um capricho,
A cabeça de um homem que não ama?

Ella estava, sem duvida, arrufada
Contra o seo puro amante, e, n'esse caso,
Mandou decapital-o; porém quando
No prato vio a pallida cabeça
Chorou amargamente e angustiada
Morreo sob o accesso impetuoso
De uma loucura indomita e amorosa.
(Amorosa loucura! que pleonasmo!
Não será o amor uma loucura?)

Á noite sahe do tumulo e acompanha
A caçada infernal, e, como o conta
A tradição popular, nas mãos de neve
Traz o prato e a cabeça ensanguentada.

Mas, de tempos a tempos, por extranho
Capricho de mulher atira aos ares
A pallida cabeça, loucamente,
Qual travessa creança, e, com destreza,
Apara-a, como se jogasse a bola.

Quando passou por mim olhou-me fixa
E me fez um signal com a cabeça,
Tão languido, tão meigo e gracioso
Que perturbou meo coração de todo.

Tres vezes a maldita cavalgada
Passou perante mim, e, de passagem,
Tres vezes me saudou o lindo espectro.

A caçada findava-se, o tumulto
Se extinguia de todo, e, no emtanto
Minha imaginação não se esquecia
Da saudação tão meiga e graciosa;
E revolvi até romper a aurora
Meo fatigado corpo sobre a palha
(Porque leito de pennas não havia
Na cabana de Uraka, a feiticeira.)

E comigo dizia:—Ah! o que exprime
O faceiro signal mysterioso?
Porque tão ternamente contemplaste
Teo louco adorador, bella Herodiades?—

XX

As trevas espancando, o sol levanta-se
E atira luminosas flechas de oiro
Ás alvissimas nuvens, que se tingem
De côr purpurea, como se feridas
Por ellas fossem; e depois, a medo,
Vencidas pela luz, desapparecem.

Emfim a luta cessa, e, radiante,
Como um triumphador, o dia pousa
Os seos pés sobre a nuca das montanhas.

Dos passaros a raça sonorosa
Nas arvores gorgeia; e o cheiro activo
Das plantas e das flores inebria,
Semelhando um concerto de perfumes.

Aos primeiros clarões da madrugada
Ao valle dirigimo-nos, e, emquanto
Lascaro, o mudo, o rasto farejava
Do urso, fiquei só triste e cansado.

Triste e cansado, me sentei afflicto
De musgo sobre um banco delicado.
Era debaixo de um carvalho enorme,
Á beira de um regato de aguas limpidas,
Cujo grato e suave murmurio
Me encantou de tal modo que, por pouco,
A razão não perdi em doce arroubo.

Tomei-me de um desejo ardente e louco
Pelo mundo dos sonhos, pela morte,
Pelo delirio, pelas amazonas
Seductoras e meigas que avistara,
Durante o tempo da infernal caçada
Pelo « Desfiladeiro dos Espiritos.»

Oh! formosas visões da meia noite,
Que a luz da aurora açouta e afugenta,
Dizei-me: onde estaes vós? Dizei-me: onde
Vos occultaes durante o dia inteiro?

Sob as ruinas de um vetusto templo,
Lá bem na extremidade da Romania,

Dizem que de Diana está o asylo,
Emquanto sobre o mundo o Christo impera
Com o seo manto de luz que o sol esmalta.

É só durante as trevas, na tremenda
Hora da meia noite que ella arrisca-se
A sahir temerosa, e da caçada
Entregar-se ao prazer, saboreando-o,
Com as suas reprovadas companheiras.

Tambem a fada Habonda, o lindo espectro,
Tem medo dos devotos nazarenos,
E o dia inteiro passa em seo asylo
De « Avalun » bella ilha afortunada.

Essa ilha está longe e bem occulta
No oceano pacifico da mente
Sonhadora e phantastica; só póde
Ás suas lindas margens abordar-se
No cavallo da Fabula montado.

Nunca ahi o cuidado deitou ancora,
Nunca barco a vapor em suas praias
Descarregou papalvos curiosos,
Atiçando indolentes seos cachimbos.
Nunca ouve-se ahi o som tristonho
Dos sinos das igrejas, esse eterno
E massante *bimm-bomm*, ao qual as fadas
Tem consagrado o horror mais decidido.

É ahi que, no gozo inalteravel
De perpetua alegria, sob o imperio
De eterna mocidade, habita a meiga,
A loura, a elegante fada Habonda.

É ahi que, sorrindo, ella passeia,
Á sombra de jardins maravilhosos,
Com um cortejo de jovens paladinos
Que ao mundo raptou durante a noite.

Porém tu, Herodiades, oh! dize-me
Onde habitas emquanto fulge o dia?
Ah! já sei, tu morreste e o teo tumulo
Jerusalem conserva pezarosa.

Dormes durante o dia em teo sepulchro
O enregelado somno dos cadaveres;
Porém, a meia noite, ergues-te pallida,
Ao som da trompa e da caçada aos gritos.

E então segues a ardente cavalgada
Com a linda Diana, a meiga Habonda.
E os livres caçadores que detestão
A cruz e a penitencia jacobina.

Que bella sociedade! Ah! se eu podesse
Caçar assim, durante toda a noite,
Comvosco atravessando espessos bosques;
Era sempre a teo lado, oh! Herodiades,
Que me verias cavalgar alegre;
Porque mais do que as outras eu te adoro!

Mais ainda do que a soberba deosa
Da Grecia, a sabia Grecia; mais ainda
Do que do Norte a seductora fada
Adoro só a ti, Judia morta!

Sim, eu te adoro! e o sinto nos transportes
De minha ardente alma! Ah! igualmente
Ama-me, e vem á mim, bella Herodiades!

Ama-me e vem á mim! ao longe atira
O prato ensanguentado e a cabeça
Do santo que não soube apreciar-te.

Eu sou o cavalheiro que procuras!
Para mim é de certo indifferente
Que estejas morta e mesmo condemnada;
Sobre isso não tenho preconceitos;
Eu, cuja salvação é problematica;
Eu, que mesmo duvido por momentos
De minha propria vida. Ah! me concede
Que seja teo constante cavalheiro,
Teo *cavaliére servente*: no meo braço
Trarei teo lindo manto, e, meigamente,
Supportarei os teos caprichos todos.

Junto de ti cavalgarei á noite
Entre a chusma infernal dos caçadores;
E nós riremos! Para divertir-te
Has-de saborear os meos bons ditos
Ou gostosas laranjas. Te protesto
Que te parecerá bem curta a noite.
Quando o dia raiar, irei sentar-me
Sobre o tumulo teo em ti pensando.

Oh ! sim, durante o dia, hão-de encontrar-me
Sentado pensativo sobre os restos
Dos sepulchros reaes, sobre o sepulchro
De minha bem-amada, na cidade
Que recolheo de Christo o ultimo alento.

E da Judéa os velhos habitantes
Quando passarem julgarão, de certo,
Que de Jerusalem lamento as ruinas
Bem como a queda do soberbo templo.

XXI

Argonautas a pé, que se aventurão
Nos montes, e que, em vez do vellocino,
Vão a procura de uma pelle de urso,
Não somos mais do que pobres diabos,
Tristes heroes talhados a moderna ;
E, de certo, nenhum poeta classico
Nos ha-de celebrar em epopeias.

E, no emtanto, quanto nós soffremos !
Que aguaceiro apanhou-nos bem no alto
Da elevada montanha, onde nem sombras
Havia de arvoredo ou carruagem !

Era uma verdadeira cataracta !
A cantaros chovia ! Certamente,
Na Colchida, Jason, o aventureiro,
Não recebeo tão formidavel banho !

Daria d'Allemanha, eu exclamava,
Os meos trinta e seis reis; eu os daria
Por um bom guarda-chuva! E agua corria
Em torrentes do corpo enregelado.

A morrer de fadiga, aborrecidos,
Todo molhados como cães, chegamos
Alta noite á cabana suspirada.

Perto de um vivo fogo estava Uraka
Preparando-se para, com desvelo,
Pentear o seo cão enorme e gordo.
Ella mandou-o embora logo e logo
P'ra occupar-se comnosco. Fez-me a cama,
As sandalias tirou-me, esse calçado
Pittoresco e absurdo, e ajudou-me
A despir; com a maior difficuldade
Tirou-me as calças que molhara a chuva.
Ellas ás pernas se agarravão tanto,
Estavão tão seguras e apertadas
Como a firme amizade de um papalvo.

Oh! exclamei: daria n'este instante
Os trinta e seis monarchas d'Allemanha
Por uma vestimenta enxuta e quente!
E a humida camisa fumegava
Sobre o peito que o frio enregelara!

Batendo os queixos, tremulo de frio,
Junto do fogo acocorei-me um pouco;
Depois, pelo calor atordoado,
Sobre a palha deitei-me, mas, debalde,
Que não pude dormir. Cerrando os olhos,

A feiticeira vi perto do fogo
Sentada e sustentando nos joelhos
A cabeça e o peito do seo filho.
Quasi de todo estava este despido.

O enorme cão, de pé, se conservava
Ao lado seo, e, muito facilmente,
Sem esforço nenhum lhe apresentava,
Nas patas dianteiras, lindo pucaro.

Do pucaro tirava a feiticeira
Uma especie de banha avermelhada;
Com ella untava o peito do seo filho
E as costas tambem; depois, com força,
E rapidez convulsa o esfregava.

Murmurava, durante esse processo,
Mas com fanhosa voz, um canto de ama,
E do fogão as azuladas chammas
Scintillavão sinistra e extranhamente.

Como um cadaver, pallido e ossudo
Jazia inerte Lascaro ao regaço
De Uraka sua mãe; seos grandes olhos
Sem luz estavão fixos, abertos,
Tristes, vidrados como os de um cadaver.

Será, pois, era verdade, um homem morto
Á quem o amor materno cada noite
Communica uma vida facticia,
Lançando mão de ingredientes magicos?

A madorna da febre é cousa extranha!
Os membros fatigados se conservão
Como chumbo pesados, e os sentidos
Superexcitados são de uma
Lucidez afflictiva e pavorosa.

Como o cheiro das plantas e das flores
Me atormentava tanto n'esse quarto!
Eu dolorosamente procurava
Onde tinha sentido o mesmo cheiro,
Mas em vão me esforçava por lembrar-me.

Como na chaminé a ventania
Me fazia soffrer; triste o sibillo
Semelhava gemidos dolorosos
De pobre, de infeliz alma penada:
Parecia-me que distinctamente
O som reconhecia d'essas vozes.

Mais ainda, porém, me torturava
O aspecto das aves empalhadas,
Collocadas em ordem n'uma taboa
Por sobre a cabeceira do meo leito.

As pobres agitavão lentamente
(E eu tremia de medo) as frias azas,
E, com seos longos bicos, semelhantes
Á narizes humanos, se inclinavão
Até quasi com elles me tocarem.

Onde vi eu narizes semelhantes?
Seria em Francfort? talvez em Hamburgo,
Ou dos judeos no bairro excommungado?
Vagas recordações cheias de assombro.

Por fim o somno veio inteiramente
Apossar-se de mim, e, em logar d'essas
Visões aterradoras e bastardas
(Realidade fatal dos pesadelos)
Tive um sonho bem claro repousando
Sobre um fundo bem firme e base solida
Com contornos distinctos, salientes;
Um sonho, vivo, plastico, brilhante,
Como em geral são todos os meos sonhos.

Em vez de conservar-me na cabana
De Uraka, a feiticeira, eu me achava
Em um salão de baile, sustentado
Por vistosas columnas e brilhante
Por infinito numero de luzes.

Uma orchestra invisivel, com esmero,
Tocava a dança, de volupia cheia,
Das freiras de Roberto do Diabo.
Vendo-me só na sala passeiava.

Emfim, de par em par as portas se abrem,
E eis que attonito vejo que chegavão,
Grave o andar, solemne e lentamente,
Os mais originaes e extranhos hospedes,
Que poderião ver humanos olhos.

Erão somente ursos e espectros!...
Sobre as patas traseiras se firmando,
Cada um d'esses ursos, pelo braço,
Conduz um magro espectro mascarado,
E envolvido em funebre mortalha.

Assim emparelhados principião
Uma vertiginosa e doida walsa:
Que scena curiosa! muito propria
Para desafiar a gargalhada
Ou para de terror gelar o sangue!

Os ursos, apezar da agilidade,
N'elles proverbial, difficilmente
Seguião suas pallidas walsantes,
Que no salão turbilhonavão rapidas,
Quaes pennas pelos ventos açoutadas.

Os pobres animaes, barbaramente
Erão pelos espectros arrastados:
Sua respiração estrepitosa
Quasi abafava o baixo da orchestra.

Umas vezes os pares se encontravão
Da walsa no fervor e o urso dava,
A furto, uma patada formidavel
No espectro que tinha-o empurrado.

Outras vezes tambem, no ardor da dança,
Arrancava um dos ursos a mortalha
Que as feições occultava da walsante
E uma caveira então apparecia.

Finalmente, á harmonia enthusiasta
Dos clarins, dos timbales e das flautas,
Ao trovejar do *bumbo,* começarão
O galope infernal em rodopio.

Eis somente o que vi, porque um urso
Com tal brutalidade, no galope,
Os callos me pisou, que dei um grito
E despertei do pesadello horrivel.

XXII

No seo carro de fogo o louro Phebo
Os cavallos de fogo fustigava,
E, incansavel, percorrido tinha
A metade da estrada radiosa,
E eu ainda dormia, inda sonhava
Com espectros e ursos enlaçados
Extranhamente; loucos arabescos.

Quando acordei soava meio dia.
Estava só porque a minha hospede
Com Lascaro sahira juntamente,
Aos bafejos da aurora, para a caça.

Na cabana da velha feiticeira
Só havia ficado o cão enorme.
Elle estava de pé, do fogão junto,

Uma colher nas patas manejando:
Quando a sopa fervia, se mostrava
Mui habil em mexel-a e escumal-a.

Porém estarei eu enfeitiçado,
Ou a febre perturba-me a cabeça?
Difficilmente posso aos meos ouvidos
Dar credito completo. Eil-o que falla!

Elle falla allemão, e a pronuncia
Revella facil e visivelmente
O cecioso accento da Suabia:
Tristonho, pensativo, submerso
Em lugubre scismar, assim exclama:

— Oh! eu sou dos poetas da Suabia
O mais infortunado. É meo destino
Em extranho paiz, longe da patria,
Definhar tristemente e ter cuidado
Nas marmitas de uma feiticeira.

Que horrivel maleficio é a magia!
Como é tragica e triste a minha sorte!
Como um homem sentir, sentir com alma
Sob a pelle de um cão, bem cabelluda!

Ai! antes me tivesse conservado
Lá na patria, bem junto dos poetas,
Tão queridos por mim, da nossa escola!
Elles não são, ao menos, feiticeiros,
Á ninguem, á ninguem elles encantão!

Ai! antes me tivesse conservado
Lá na patria, bem junto a Carlos Mayer!
Ternos *vergismein-nicht* ouviria
E comeria tambem sopas de *noudel!*

Hoje quasi que a nostalgia mata-me.
Se, ao menos, podesse ver de longe
A fumaça, que as chaminés vomitão
Quando prepara a habil cozinheira
Em Stuttgard a couve fermentada!...—

Ouvindo estas palavras, contristei-me
Abalado por compaixão extrema.
Do meo leito saltei e fui sentar-me
Perto do cão e compungido disse:

— Nobre e distincto bardo da Suabia,
Que destino cruel guiou teos passos
A cazinhola d'esta feiticeira?
E porque tão cruel, tão atrozmente
Um poeta em cachorro transformarão?—

— Não és francez! exclama alegremente
O pobre cão: és allemão e ouviste,
Comprehendeste todo o meo monologo!?

Ah! meo caro, meo bom compatriota.
Que desgraça que o conselheiro Kœlle,
Quando nós na taberna discutiamos,
Por entre as baforadas do cachimbo
E a fervente espuma da cerveja,
Nunca tenha querido convencer-se

Do opposto parecer: segundo elle,
Somente nas viagens adquire-se
As maneiras urbanas, o cultivo,
A educação, a instrucção completa,
Que elle proprio importara do extrangeiro.

Assim, para despir-me inteiramente
Da minha crosta natal e revestir-me
Dos elegantes ademans que adornão
O homem de bom gosto, despedi-me
Do meo caro paiz, dos meos amigos
E emprehendi esta fatal viagem,
Viagem de instrucção. Chegando um dia
Aos Pyreneos, de Uraka a cazinhola
Vim procurar immediatamente.

De recommendação cartas trazia,
Que a Uraka apresentei; Justino Kermer
Tinha-as escripto; não me recordava
Que elle mantinha relações estreitas
Com as feiticeiras do universo em peso.

O acolhimento foi affectuoso;
Mas, com grande terror, vi que a amizade
De Uraka se augmentava cada dia,
Em paixão sensual degenerando.

Sim, os desejos sensuaes, impuros,
Havião ateiado activa chamma
Nos seios da megera detestavel;
E ella quiz seduzir-me, a todo o transe.

Mas eu lhe suppliquei: Ah! perdoae-me,
Perdoae-me, senhora, faço parte
Dos poetas da escola da Suabia;
Não sou de Gœthe um frivolo discipulo.

A moral em pessoa é nossa musa;
Ella traja calções muito decentes
De uma pelle de bufalo. Ah! senhora,
Respeitae, respeitae minha virtude.

Alguns poetas tem a fantasia,
Tem outros a paixão, outros o espirito;
Porém nós, os poetas da Suabia,
Temos, por musa, a candida virtude.

É o nosso unico bem! Por piedade,
Não me arranqueis, senhora, o pobre manto
Que minha nudez cobre! D'este modo
Suppliquei-lhe; porém minhas palavras,
Tão cheias de sublime castidade,
Não commoverão a megera horrivel,
Que desatando um riso de ironia,
De agárico tomou uma varinha
E com ella tocou-me na cabeça.

Exp'rimentei immediatamente
Um frio mao-estar, como se o corpo
Fosse envolvido por um calafrio;
Porém em mim o frio não calava,
Era a pelle de um cão que me cobria,
E, desde esse momento infortunado
Sou apenas um cão que sente e chora!—

Pobre diabo! o soluçar dorido
Lhe embargou a palavra, e suas lagrimas
Tão copiosamente derramavão-se,
Que pareceo-me vel-o converter-se
Em um lago formado pelos prantos.

— Escuta-me, lhe disse enternecido,
Não poderei fazer alguma cousa
Para livrar-te da canina pelle
E te restituir á poesia,
Ao restaurar a tua humanidade?—

Mas o triste poeta da Suabia
As patas levantou com desespero,
Como invocando o ceo, e estas palavras
Dos seos labios saltarão doloridas,
De envolta com soluços e suspiros:

— Estou encarcerado n'esta pelle
Até o dia do juizo eterno
Se a generosidade de uma virgem
Não libertar-me d'este encantamento.

Sim, somente uma virgem não manchada
Do homem ao contacto podera
Salvar-me, procedendo d'este modo:
Ella deve, durante toda a noite
De S. Silvestre ler as poesias
De Pfizer, porém sem que adormeça.

Se isso conseguir, sem que succumba
Ao somno, sem fechar as castas palpebras,
Então será vencido o sortilegio,
E, n'esse instante, homem me tornando,
Ficarei, ficarei descanzoado!—

— Ah! n'esse caso, repliquei, não posso
Emprehender a tua liberdade,
Porque: *Primo,* não sou uma casta virgem,
E, *secundo,* inda menos poderia
Ler as poesias de Gustavo Pfizer
Sem logo adormecer a somno solto.—

XXIII

Das alturas phantasticas e ardentes
Onde habita a magia, nós descemos
Ao lindo valle, aonde collocamos,
Sobre a realidade, os pés seguros,
No mundo positivo caminhando.

Arredae-vos, phantasmas, arredae-vos,
Visões nocturnas, tresloucados sonhos,
Aereas apparições! eis-nos de novo
Á razão e á Atta Troll todos entregues.

O bom do velho, junto dos seos filhos,
Repousa na caverna, e, socegado,
Dorme o somno dos justos sobre a palha.
Por fim os olhos abre bocejando.

Atraz do urso está seo filho amado,
O joven Uma-Orelha que, sisudo,
Com grande impaciencia a testa coça,
Como um poeta que procura a rima:
Até mesmo parece-me, por vezes,
Que elle tem ares de scandir o rhytmo.

Perto do pae, tambem estão deitadas,
Deitadas sobre as costas e scismando
As filhas de Atta Troll, os seos encantos,
Tão formosas, tão brancas de innocencia
Como lyrios gentis de quatro patas.

Que ternos pensamentos desabrochão
Nos corações singelos d'essas virgens?
Os seos olhos denotão que chorarão.

A mais joven de todas, sobretudo,
Parece commovida cruelmente.
No amante coração ella percebe
Indisivel transporte de ventura:
Acaso sentirá o ardente effeito
Das poderosas flechas de Cupido?

Sim, a flecha do deos, do deos travesso
Atravessou-lhe o pello quando ella
Avistou... Justos ceos! quem inspirou-lhe
Tão ardente paixão não foi um urso!

Foi um heroe, um homem que se chama
Principe Chenapanski quem fascinou-a.

Na estrondosa derrota dos carlistas,
Uma manhã, no monte, perto d'ella,
A todo o panno elle passou correndo.

De um heroe a desgraça sempre abala
O coração da mulher; e no semblante
D'esse infeliz achavão-se descriptos
O pallor melancolico, os cuidados
Os mais crueis e o financeiro *deficit*.

De guerra o seo peculio todo, todo,
(Vinte grosch, moeda prussiana)
Que elle tinha trazido para a Hespanha
Cahira n'algibeira de Espartero.

Nem, ao menos, salvou o seo relogio
Que empenhara no monte de soccorro
De Pampeluna. Era antiga herança
De seos antepassados, uma joia
Preciosa e de prata verdadeira.

Elle corria, pois, a todo o panno;
Porém, sem o saber, n'essa carreira
Conquistou mais do que uma fortaleza,
Conquistou o amor da joven ursa!

E ella o ama, elle, o inimigo
O inimigo cruel da sua raça!
Oh! infeliz! oh! misera ursasinha!
Se Atla Troll suspeitasse o teo segredo
Que terrivel grunhido não daria!

Bem como o irascivel Odoardo,
Que apunhalou a apaixonada Emilia,
Por orgulho plebêo, o velho urso
Antes suffocaria sua filha,
Suffocaria-a com as proprias patas
Antes, mil vezes antes, do que vel-a
Cahir nos braços de um excelso principe.

Por emquanto, porém, a sua indole
Tão feroz não está, elle não pensa
« Em murchar o botão da joven rosa
Antes que a tempestade a desfolhasse »,
Como Emilia Galotti o repetia.

Elle está mais tranquillo. Recostado
Entre os seos, no covil, o velho urso
Está preoccupado por sinistros
Pensamentos de morte, presentindo
Os bafejos da vida de alêm-tumulo.

— Filhos, suspira o velho, e grossas lagrimas
Dos grandes olhos abundantes correm:
Filhos, meos filhos, acha-se cumprido
O meo peregrinar por este mundo:
É necessario que nos separemos!

Quando dormia hoje, ao meio dia,
Um sonho tive mais do que expressivo:
Saboreou minh'alma o ante-gozo
De inalteravel bem-aventurança.

Não sou, meos filhos, supersticioso,
Velho sou, porém não urso idiota;
Não tenho preconceitos: entretanto
Entre o ceo e a terra ha muitas cousas,
Que não póde o philosopho explicar-nos.

Eu tinha adormecido, ruminando
Sobre a sorte do mundo e o destino
Da familia animal, e vi-me em sonhos
Deitado á sombra de gigante arvore.

Dos ramos d'essa arvore corria,
Gotta a gotta, um mel branco que, certeiro,
Cahia-me nas fauces entre-abertas
E eu sentia um prazer inexplicavel.

Para o ceo levantei, em doce extasis,
Meos olhos assombrados, e, no pincaro
Da arvore gigante, claramente,
Avistei meia duzia de ursosinhos
Contentes a saltar de ramo em ramo.

Essas gentis e ternas creaturas
Uma pelissa tinhão côr de rosa,
E, nas espadoas, da mais branca seda
Um floco como duas azasinhas.

Sim, esses ursosinhos côr de rosa
Parecião trazer pequenas azas,
E cantavão com vozes tão mellifluas
Que semelhavão flautas suavissimas.

Ao ouvir o seo canto, um calafrio
Percorreo o meo corpo amortecido;
Minh'alma prorompeo da hirsuta pelle,
Como azulada chamma, e, radiante,
Ao firmamento, rapida elevou-se.—

Foi assim que grunhio o velho urso
Com voz de baixo, fraca e confidente.
Por momentos calou-se pensativo;
Porém suas orelhas, de repente,
Tremendo extranhamente, se entesarão:
Com rapidez ergueo-se do seo leito
Saltando de prazer e uivando alegre:

— Não ouvis, filhos meos, uns sons tão meigos?
Não é a voz de vossa mãe querida?
Oh! eu bem reconheço estes grunhidos,
Os grunhidos de minha cara Mumma!
Oh! Mumma! oh! Mumma! minha bem-amada!—

Assim grunhe Atta Troll, e, como um louco,
Precipita-se fóra da caverna:
O insensato corria á sua perda!

XXIV

De Roncesvalhes no formoso valle,
No mesmo ponto aonde antigamente
O sobrinho immortal de Carlos Magno
Acabou, tambem cahe, e para sempre,
O velho urso espadanando sangue.

Assim como Roldão, que foi trahido
Por Ganelão de Mayença, pelo Judas
Dos christãos cavalheiros, tambem victima
De fatal emboscada, o velho urso,
O valente Atta Troll cahio exangue.

Ai! de mim, foi o que ha de mais nobre
Dentro d'alma de um urso: o sentimento
Do amor conjugal, que foi o laço
Que Uraka lhe armou perfidamente.

Ella soube imitar, com tal pericia,
O grunhido de Mumma que, illudido,
O nosso heroe abandonou de prompto
O seo covil, a sua salvaguarda.

Como que conduzido sobre as azas
Do amor conjugal, ao valle corre;
Um rochedo fareja onde julgava
Encontrar sua negra e cara Mumma.

Ah! era o nosso Lascaro que estava
Ahi occulto com a espingarda em punho:
Á victima elle aponta e a infernal bala
Vae o seo coração ferir no meio
E d'elle salta em borbotões o sangue.

Atta Troll a cabeça bambalêa
E cahindo, ao soltar surdo gemido,

Torna-se hirto, e, como adeos extremo,
Como fatal e ultimo suspiro,
Agonisante: —Mumma!— balbucia.

Foi assim que cahio esse valente
E nobre heroe; assim é que da vida
Foi despojado; mas, depois de morto,
Ha-de immortal resuscitar nos cantos
Do vate, que os seos feitos aprecia.

Ha-de viver, viver perpetuamente
Nos versos meos e sua eterna gloria
Percorrerá o mundo em verso heroico.

Algum dia ha-de o rei de Baviera,
No pantheon Walhalla, elevar-lhe
Uma vistosa estatua com a seguinte
Inscripção no estylo lapidario,
Conforme o modo wittelsbachianno:

« Atta Troll, urso grave, democrata,
Egalitario selvagem, integerrimo,
Estimavel esposo, alma devota,
Inimigo de tudo quanto é futil.

Mao dançarino, porém, tendo no peito
Um altar erigido á sã virtude.
Lançando as vezes de logar escuso
Insupportavel cheiro. Não brilhava
Por seo talento, mas tinha um caracter!... »

XXV

Trinta e tres velhas, todas adornadas
Com o vermelho capuz dos Biscainhos,
Esperavão á entrada da cidade.

No meio d'ellas uma, como Debora,
Ao passo que tocava o seo pandeiro,
Dançava alegremente e entoava
Um hymno em honra, em louvor de Lascaro,
O formidavel matador de ursos.

Quatro homens possantes conduzião,
Triumphalmente, o urso já sem vida:
N'uma cadeira havião-no sentado,
Como um enfermo que sahio do banho.

Apoz, como parentes do defunto,
Seguião, em silencio, Uraka e Lascaro.
A direita e a esquerda a feiticeira,
Resabiada, a todos cortejava.

O adjunto do *maire,* em frente á camara,
Fez um longo e pathetico discurso
Quando chegou o funebre cortejo.
De diversos assumptos occupou-se,
Por exemplo, do estado florescente

Da marinha franceza e da imprensa;
Da famosa questão das bettarabas
E da hydra renascente da anarchia.

Depois de ter verbosa e grandemente
De Luiz-Philippe enumerado os meritos
Occupou-se do urso e da façanha
De que era heroe o impassivel Lascaro.

— Oh! Lascaro!— exclamou, e do semblante
Enxugou de suor as grossas gottas
Com a charpa tricolor: —Lascaro, oh! Lascaro,
Tu que livraste a França e a Hespanha
Do possante Atta Troll, tu és, oh! Lascaro,
D'estes dois hemispherios o preclaro
E grandioso heroe; tu és, oh! Lascaro,
Tu és dos Pyreneos o Lafayette!—

Quando Lascaro ouvio que d'este modo
Tão officialmente o elogiavão,
Rio-se mesmo nas barbas do adjunto,
E corou de prazer e de alegria.

Pronunciou então algumas phrases,
Muito precipitadas e sem nexo,
Balbuciando um agradecimento
Pelo modo porque o distinguião.

Admirados todos contemplavão
Esta scena inaudita, inverosimel,
E, com terror, as velhas murmuravão
Mysteriosamente e com voz tremula:

« Lascaro fallou! Lascaro rio-se!
Lascaro enrubeceo! elle o impassivel,
Mudo filho de Uraka, a feiticeira! »

N'esse dia Atta Troll foi despojado
Da sua pelle, que em leilão vendeo-se
Á um negociante por cem francos.

Este a forrou de seda; debruou-a
Com uma franja escarlate e revendeo-a
Pelo duplo do preço que custara.

Quem a comprou cedeo-a a Julietta;
E serve-lhe essa pelle de tapete,
Por ella collocada ao pé do leito.

Oh! quantas vezes eu, em lindas noites,
Não conservei-me com os pés descalços
Do meo heroe sobre o despojo escuro,
De Atta Troll sobre a pelle gigantesca!

Melancolico então me recordava
Das palavras de Schiller: « O que ha-de
Para sempre viver no elevado
Imperio da poesia acabar deve
De uma maneira triste e miseravel
Sobre esta terra lamacenta e immunda. »

XXVI

E Mumma? e Mumma? o que foi feito d'ella?
Mumma pertence ao sexo voluvel:
Tu deverias, oh! fragilidade,
Ser chamada « mulher. » Ah! as mulheres
São frageis como a fragil porcellana.

Quando a mão do destino, sem piedade,
A separou do glorioso esposo,
Mumma não succumbio ao soffrimento,
O desespero não mortificou-a.

Pelo contrario, muito alegremente,
Boa vida passou, a folgasona.
Dançava como d'antes e fazia
Ao publico mesuras repetidas
Afim de merecer os seos applausos.

Ella, por fim, achou uma excellente
E melhor posição, um asylo certo
Para o resto de todos os seos dias,
Em Paris, no jardim denominado
« Jardim das Plantas » de primores cheio.

Por elle eu passeiava com Julietta
No domingo passado, e lhe explicava
A historia natural, mostrando as plantas
Bem como os animaes; o dromedario,
O bode de tres pernas, a girafa,
Os doirados faisões, a linda zebra,
E do Libano o cedro magestoso.

Emquanto conversavamos, chegamos
Ao parapeito que encerrava os ursos.
Deos do ceo! será crivel o que vimos?

Um formidavel urso da Siberia,
Tão alvo como a neve, ternamente
Brincava com uma ursa toda negra.

Do defunto Atta Troll era a viuva,
Era Mumma! Reconheci-a logo
Pelo lampejo dos seos olhos humidos.

Sim, era ella! Ella, a negra filha
Do meio-dia, vive actualmente
Do Norte com um barbaro! um Russo!

Um negro, que de nós se approximara
Me disse prazenteiro:—Por ventura
Haverá espectaculo mais lindo
Do que a vista de dois apaixonados?—

Sorpreso com a pergunta, repliquei-lhe:
— Quem a honra me dá de assim fallar-me?—
O pretinho responde:—Por acaso
De mim não tendes nem lembrança vaga?

De Freiligrath sou o rei negro,
Que tocava tambor perfeitamente
Em meio aos saltimbancos d'Allemanha.
Não passei boa vida n'essa quadra:
N'esse paiz achava-me isolado.

Porém aqui aonde me encartarão
Como guarda, onde vejo, á cada instante,
Plantas, tigres, leões da minha terra,
Aqui me considero mais ditoso
Do que em meio das feiras d'Allemanha,
Onde todos os dias precisava
Trabalhar tanto, no tambor tocando,
Para, por fim, ganhar tão pouca cousa.

Ha dias me casei com uma loura
Cozinheira da Alsacia, e, nos seos braços,
Me parece encontrar toda a ventura
Que em meo paiz natal me inebriava.

Vendo os seos pés, eu sempre me recordo
Das patas dos meos caros elephantes;
E se falla francez ouvir eu julgo
O idioma da materna lingua.

Quando as vezes comigo ella grasina,
Penso ouvir a terrivel matinada
Do meo tambor de craneos adornado.
Que ruido infernal! quando as serpentes
E os leões escutavão-no, fugião.

Entretanto, ao clarão da luz explendida
Sentimental se torna e chora as vezes
Como deve chorar o crocodillo,
Que do rio abrasado surge á margem
Para da noite respirar o fresco.

E que guisados bons ella prepara!
Alimento-me aqui, qual n'outros tempos,
Me alimentava lá, perto do Niger,
E me alegro, por ver desenvolvido
O appetite voraz da minha terra.

Meo ventre toma formas mais redondas.
Por baixo do collete elle se mostra
Como, vencendo a sombra, em um eclipse,
Rompe a lua por entre as brancas nuvens.—

XXVII

Á AUGUSTO VARNHAGEN VON ENSE.

Onde diabo, *messer* Ludovico,
Foste pescar estas historias loucas?
Exclamou assombrado o cardeal d'Este,
Quando leo o *Rolando furioso*,
Que o poeta Ariosto humildemente
Tinha á Sua Eminencia dedicado.

Varnhagen, meo amigo, tambem vejo
Nos teos labios pairar a mesma phrase,
Que um sorriso traduz, malicioso.

Lendo, as vezes dás boas gargalhadas;
Outras vezes se enruga tua fronte,
E, então meditativo, tu invocas
Doces recordações, assim dizendo:

— Não será por ventura um meigo echo
Dos sonhos juvenis que me embalavão
Com Fouqué, com Brentano, com Chamisso,
Á luz da lua em azuladas noites?

Não será o som triste e piedoso
Da capella perdida no deserto?
E a capa da loucura ao som tristonho
Não mistura seos guizos zombeteiros?

Dos rouxinoes por entre o côro alegre,
Pesadamente ouve-se dos ursos
O surdo resmungar, qual voz de baixo;
Vozes torvas que são logo esquecidas
Pelos segredosinhos que os Espiritos
Mysteriosamente ás flores contão.

Delirio, que a razão vae conduzindo,
Sabedoria que desarrazoa,
Soluços de agonia que, de prompto,
Mudão-se em gargalhadas estridentes!—

Sim, meo amigo, são dos tempos idos
Suaves harmonias, porém sempre
O moderno trinado atravez brinca
Das velhas, fabulosas melodias.

A despeito, porém, dos meos sorrisos,
Em um ou outro trecho has-de, sem duvida,
Os traços encontrar do meo desanimo!
Que este poema abrigue-se, Varnhagen,
Da tua indulgencia á sombra amiga.

Talvez seja, ai! de mim, o ultimo canto
Da romantica musa! Tenho medo
Que ella vá se perder, a pobrezinha,
No meio da algazarra e dos satanicos
Brados de guerra dos Tyrteos do dia!

Em outros tempos —passaros diversos—
Em outras aves —differentes cantos!—
Que pios! que chilrar! Serão os gansos,
Que salvarão, outr'ora, o Capitolio?

Que gorgeios! Ah! são pardaes que trazem,
Nos pés seguros phosphoros acesos,
Pretendendo tomar o altivo aspecto
Da aguia de Jove, conduzindo o raio.

Que arrulhos! Ah! são mimosas pombas
Que, cansadas do amor, querem agora
Odeiar e arrastar triumphalmente
O carro de Bellona e não o de Venus.

Em outros tempos —passaros diversos—
Em outras aves —differentes cantos!—
Elles só poderião deleitar-me
Se acaso outros ouvidos eu tivesse!

O INTERMEZZO

(H. HEINE)

TRADUCÇÃO

DE

P. A. GOMES JUNIOR.

1874.

O INTERMEZZO

ESCRIPTO EM 1821-22.

— PROLOGO A' TRADUCÇÃO FRANCEZA —

Henrique Heine preencheo uma dupla missão : elle não destruio somente a escola historica, que tentava reconstruir a idade media, como tambem previo o futuro politico da Allemanha, motejando-o de ante-mão, ao passo que, na arena litteraria, fazia com um sopro desapparecer a escola de affectada sensibilidade dos poetas da Suabia, escola parasita, insulsa imitação de Gœthe, verdadeira poesia de album.

As suas poesias, ricas de amor ardente, e para assim dizer, palpavel, revindicavão o direito do bello contra o falso ideal e as franquezas da verdadeira liberdade contra a hypocrisia religiosa.

Tem-se repetido muitas vezes que Heine nada respeitava, que para elle não existia cousa alguma de sagrado : — é uma verdade, no sentido, porém, de não atacar elle senão aquillo que mais considerão os mediocres poetas e os pequenos soberanos, isto é, a sua falsa grandeza e a sua falsa virtude ; mas elle respeita e faz respeitar o verdadeiro bello em qualquer parte que o encontre. Eis porque, com muita propriedade, o chamarão de pagão. Elle é com effeito Grego em toda a plenitude da palavra : admira a forma quando essa forma é bella e divina e dá corpo á ideia quando ella é verdadeiramente completa e rica e não um claro-obscuro do sentimentalismo allemão. A sua forma peculiar é resplandecente de belleza ; elle a aperfeiçôa e cinzela ou não lhe deixa senão negligencias calculadas. Ninguem mais do que Heine tem o cuidado do estylo, o qual não tem nem o periodo breve francez, nem o longo periodo allemão : é o periodo grego, corrente, facil de analyzar-se e tão harmonioso aos ouvidos como aos olhos.

Heine nunca compoz verdadeiramente um livro de versos ; os seos cantos lhe forão inspirados um por um, sugeridos sempre ou por um objecto que o impressiona, ou por uma ideia que o persegue, ou por um ridiculo que elle proprio fustiga. Somente lhe póde ser censurada a demasiada crueldade com que muitas vezes atacava os seos inimigos pessoaes. E' essa a unica sombra da sua luz. Mais tarde elle reconheceo esse defeito, porém já ninguem o censurava, porque, ainda quando elle é injusto, ainda quando aquelle a quem fere é uma victima digna de compaixão, reconhece-se a mão do mestre n'essa especie de execuções : elle não a faz soffrer por muito tempo ; com um só golpe deita-a por terra ou a despoja com ambas as mãos, como Apollo arrancando a pelle de Marsyas.

Nos poemas politicos prende-se muitas vezes á personalidades para que d'ellas resalte algumas ideias proprias e frisantes. Castiga, fazendo rir : é um Aristophanes philosopho, que tem a ventura de atacar outros que não Socrates.

Heine nunca creou um systema e nem o permittia o seo caracter universal : cuidou somente em encontrar os traços e os contornos esquecidos da belleza antiga e divina. É o Juliano da poesia, mais ainda do que Gœthe, porque nas producções de Gœthe, predomina muito menos o elemento espiritualista e nervoso.

Facilmente se reconhecerá isso pela citação que vamos fazer de um dos seos poemas. Não tememos lançar esta analyse poetica em meio ás preoccupações do momento, porque ha sentimentos, que fazem eternamente vibrar o coração. A historia do coração de um grande poeta não é indifferente á pessoa alguma. Cada qual se reconhece um tanto em semelhante estudo, assim como, ao observar uma peça anatomica, encontra-se com sorpresa os nervos, os musculos e as veias que em si proprio sente-se : a unica differença é que apenas um systema particular predomina em cada um organismo. Encarado sob esse ponto de vista um poeta, Gœthe, por exemplo, seria de um temperamento musculoso e sanguineo. É o genio harmonioso da antiguidade resultando da força e da calma suprema. Uma glacial imparcialidade preside ás relações que elle estabelece entre si e os outros e póde assegurar-se que o proprio amor adquirirá n'elle certa apparencia solemne e classica. Ser-lhe-hão necessarios obstaculos calculados, motivos tragicos de ciume ou de desesperação ; elle amará a mulher do seo amigo e suicidar-se-ha, como Werther, ou adorará a irmã de um principe e enlouquecerá, como o Tasso, ou ainda, será um embate de sentimentos contrarios, como o fazem crer *As Affinidades electivas*, ou finalmente o amor nas classes differentes, como o amor de Hermanno por Dorothea, de Clara por Egmont. No *Fausto* encontrar-se-ha tambem amores impregnados de sobrenaturalidade ; mas a analyse paciente e doentia de um amor vulgar, sem contrastes e sem obstaculos e derivando da sua propria substancia o que o torna doloroso ou fatal, eis a propriedade de uma natureza na qual a sensibilidade nervosa predomina, como em a de Henrique Heine.

O poema intitulado *Intermezzo* é, segundo a nossa opinião, a sua producção mais original talvez. Esse titulo voluntariamente extravagante e de uma negligencia um tanto affectada, occulta mais do que designa uma serie de pequenas poesias destacadas e marcadas por numeros que, sem terem ligação apparente entre si, se prendem á mesma ideia. O autor guardou comsigo o fio do collar, porem nenhuma perola lhe falta. Todas essas estrophes destacadas tem uma unidade : — o amor. E é um amor inedito — não porque tenha elle alguma cousa de singular porque todos n'elle reconhecerão a sua propria historia ; o que o torna original é o ser elle velho como o mundo, e as cousas que se diz por ultimo são sempre as mais naturaes.—

Nem os Gregos, nem os Romanos, nem Mimnermo, que a antiguidade considerava superior a Homero, nem o meigo Tibullo, nem o ardente Propercio, nem o engenhoso Ovidio, nem Dante, com o seo platonismo, nem Petrarca com os seos mimosos *concetti*, escreverão jamais cousa igual. Leão Hebreo não comprehendeo cousa semelhante nas suas analyses escolasticas da *Philosophia do amor*. Para encontrar cousa analoga, seria necessario remontar até o *Cantico dos Canticos*, até a magnificencia das inspirações orientaes. Eis melodias e cores dignas de Salomão, o primeiro escriptor que confundio no mesmo lyrismo o sentimento do amor e o sentimento de Deos.

Qual é o assumpto do *Intermezzo?* Uma virgem, a principio amada pelo poeta e que o abandonna por um noivo ou por outro amante qualquer, rico ou estupido. Nada mais, nada menos: a cousa acontece todos os dias. A moça é linda, travessa, frivola, cruelsinha, um tanto por capricho, algum tanto por ignorancia. Os antigos representavão a alma sob a forma de uma borboleta. Como Psyché, essa mulher conserva entre as mãos a alma delicada do seo amante e obriga-o a supportar todas as torturas que as creanças fazem soffrer ás borboletas. Não é sempre por má intenção, sem duvida; entretanto a poeira azul ou vermelha fica-lhes presa aos dedos, as frageis azas se despedação e o pobre insecto foge bem maltratado. Demais, essa moça não possue talvez dom algum particular, nem belleza divina, nem encanto soberano: — olhos azues, facesinhas mimosas, um sorriso de coral, uma pelle avelludada, espirito como uma rosa e sabor como um fructo: eis tudo. Quem não conserva nas suas recordações da mocidade um retrato semelhante algum tanto extincto? Esses dados, inteiramente vulgares, que não se prestarião a duas paginas de romance, tornarão-se nas mãos de Henrique Heine um admiravel poema, cujas peripecias são todas moraes; toda a alma humana vibra n'essas pequenas poesias das quaes as de maior folego tem poucas estrophes. Paixão, tristeza, ironia, ardente sentimento da natureza e da belleza plastica, tudo isso n'ellas se mescla na proporção a mais inesperada e feliz: ha esparsos pensamentos de moralista condensados em dois versos, em duas palavras; uma passagem comica faz chorar, uma apostrophe pathetica faz rir; a cada instante as lagrimas rebentão dos olhos e o sorriso dos labios, sem que se perceba a causa, tão profundamente foi tocada a fibra secreta por uma delicada mão! Lendo-se o *Intermezzo*,

experimenta-se como que uma especie de terror : coraes como se fosses surprehendido em vosso proprio segredo ; as pulsações do vosso coração achão-se rhythmados por essas estrophes, por esses versos, na maior parte de oito syllabas. Essas lagrimas que sozinho vertestes no silencio do vosso gabinete, eil-as condensadas e crystallizadas sobre um trama immortal. — Parece que o poeta ouvio os vossos soluços e entretanto não são mais do que os d'elle.

Um suave raio da lua esclarece sempre um lado das imagens, e o scismar allemão, bem que motejado com extrema graça, transparece atravez da ironia franceza e do *humour* byronico. O que ha de admiravel é que essas imagens tão fugitivas, essas impressões tão vaporosas são traçadas e sinzeladas no mais puro e antigo marmore, sem fadiga, sem esforço algum apparente, sem que jamais a forma prejudique o pensamento. Deixará por ventura a traducção subsistir alguns restos d'essa plastica intellectual ? O leitor poderá ao menos applicar-se em recompol-a.

. . . . . .

. . . . . .

Á semelhança de todos os grandes poetas, Heine tem sempre presente a natureza. No seo mais abstracto scismar, na sua mais concentrada paixão, na sua mais desesperada melancolia, uma imagem, um epitheto formando quadro, recordão o ceo azul, a verde folhagem, as flores desabrochadas, os perfumes que se evaporão, a avesinha que voa, a fonte que murmuria, essa variavel e movel paysagem, que nos cerca constantemente, eterna decoração do drama humano.

Esse amor assim exhalado no meio das formas, das cores e dos sons, alimentando-se na vida geral, não obstante o egoismo natural á paixão, presta á imaginação pantheista do poeta uma grandeza facil e simples que não se encontra ordinariamente nos rimadores elegiacos. O assumpto torna-se immenso ; é, como no *Intermezzo*, o soffrimento da alma amando o corpo, um espirito ardente ligado á um cadaver encantador : engenhoso supplicio renovado da Eneida : — é Cupido tendo por amante, em vez de Psyché, uma burgueza de Paris ou de Colonia. E entretanto quanto é ella adoravelmente verdadeira ! como a odeiamos e como a amamos, essa boa mocinha tão má, esse ente tão encantador e tão perfido, tão mulher da cabeça aos pés ! « O « mundo diz que não tens uma boa indole, exclama tristemente o poeta,

« porém são por ventura menos embriagadores os teos beijos ? » Quem não desejaria soffrer assim ? Não sentir cousa alguma, eis o supplicio : ainda se vive quando se vê correr o proprio sangue.

O que ha de bello em Henrique Heine é que elle não se illude ; acceita a mulher tal qual é : ama-a, apezar dos seos defeitos e principalmente por causa dos seos defeitos ; feliz ou desgraçado, querido ou desprezado, sabe que vae soffrer, mas não recúa ; — viajando caprichosamente do mundo biblico ao mundo pagão, elle dá-lhe as vezes o dorso da leôa e as garras de bronze das chimeras. A mulher é a chimera do homem, ou o seo demonio, como o quizerdes, — um monstro adoravel, porém um monstro ; por isso é que reina em todas essas lindas estrophes um secreto terror : as rosas tem um perfume por demais inebriante, a relva é por demais fresca, o rouxinol é por demais harmonioso ! — Tudo isso é fatal ; o perfume asphyxia, a fresca relva occulta um tumulo, a ave perece soltando o seo ultimo gorgeio !...

Gérard de Nerval.

(*Revista dos Dois Mundos,* 15 de Setembro de 1848.)

O Intermezzo.

PRELUDIO.

É uma antiga floresta,
Uma floresta encantada,
Onde a brisa embalsamada
Beija das tilias a flor;
O brilho maravilhoso
Da lua enche minh'alma
De serena e doce calma,
De delicias e de amor.

Eu caminhava em silencio,
E quando me adiantava
Senti que meigo soava
Algum ruido no ar:
É o rouxinol que canta,
Em notas melodiosas,
As phases mais tormentosas
De um amoroso penar.

Elle canta, o pobrezinho,
O amor e seos tormentos,
Seos sorrisos, seos lamentos,
Seos arroubos, seo pezar;
Tão tristemente elle brinca,
Tão alegremente chora,
Que me senti n'essa hora
Do meo sonho despertar.

Adiantando-me ainda
Encontrei n'um descampado
Vasto castello elevado,
De negra, sinistra cor;
Fechadas tinha as janellas
E tudo em torno indicava
Que alli o luto morava,
A tristeza, a morte, a dor.

De aspecto incomprehensivel
Um esphinge á porta estava,
Que ao mesmo tempo causava
Repugnancia e prazer:
Elle tinha o corpo e as garras
De um leão soberbo e ousado,
Mas o seio avelludado,
Rosto de linda mulher.

E que mulher seductora!
Seos olhares chammejantes
Provocavão delirantes
Mil desejos sensuaes;
Os sorrisos dos seos labios
Arqueados e mimosos
Revelavão sequiosos
Meigas promessas fataes.

E o rouxinol modulava
Tão deliciosamente
Que não pude, indifferente,
Por mais tempo resistir!
E desde que dei um beijo
Na bocca mysteriosa
Senti minh'alma anciosa
Gozos sem conta fruir!

A estatua tornou-se viva
E a pedra que se animava
Meigamente começava
A dar suspiros de amor.
Ella sorveo dos meos beijos
Toda a chamma abrazadora
Com sêde devoradora,
Com o mais soffrego fervor.

Ella aspirou quasi o ultimo
Alento de minha vida,
E, por fim, enlouquecida
Pela sensual paixão
Conchegou-me aos lindos seios
E de tal sorte estreitou-me
Que o corpo dilacerou-me
Com as garras de leão.

Delicioso martyrio,
Gozo triste e doloroso,
Soffrimento grandioso,
E infinito prazer!
Ao passo que d'esses labios
Os beijos me inebriavão,
Unhas de gripho rasgavão
Meo coração! Que soffrer!

E o rouxinol modulava:
« Oh! bello esphinge! oh! amor!
Porque mesclas tanta dor
Á uma ventura sem par?!
— Ha mil annos que reflicto
N'esse enigma tão bello,
Sem poder comprehendel-o,
Sem que o possas revellar.—»

I

No mez de maio esplendido
Quando de tronco airoso
Rompia vigoroso
Formoso rebentão,
O amor violento e candido,
O amor sincero e ardente
Desabrochou fervente
Em meo triste coração.

No mez de maio esplendido
Quando formosas aves
Seos canticos suaves
Fazião resoar,
Á minha amada, tremula,
Á linda flor de lotus.
Eu revellei meos votos,
Meos prantos, meo sonhar.

II

De minhas lagrimas nasce
Uma multidão de flores
Brilhantes, de vivas cores
Como radiantes soes,

E meos sentidos suspiros,
Meos suspiros amorosos
Semelhão melodiosos
Um côro de rouxinoes.

E se quizeres amar-me,
Oh! formosa, oh! meos amores,
As lindas, brilhantes flores
Só á ti pertenceráõ,
E em frente à tua janella
Os cantos melodiosos
Dos rouxinoes amorosos
Em côro resoaráõ.

III

Rosas, lyrios, sol, pombinhas,
Como outr'ora vos amava!
Ereis as delicias minhas
E eu, a sorrir, vos buscava
Das manhãs no arrebol;
Hoje não; só á ti amo,
Meiga fonte suspirosa
Do amor em que me inflammo,
Tu que és para mim a rosa,
A pombinha, o lyrio, o sol.

IV

Quando vejo os teos olhos eu esqueço
A minha dor cruel e vehemente;
Quando beijo os teos labios não padeço
E sinto-me curado inteiramente.

Se meo rosto reclino no teo seio
De prazer indisivel eu descoro,
Mas se dizes: « eu te amo », em doce enleio,
Amargamente, amargamente choro.

V

Repousa sobre a minha a tua face
Para que se confundão n'esse enlace
Nossos prantos de amor;
Ai! une ao meo teo coração amante
Para que a mesma chamma inebriante
Abraze-os com fervor.

E quando n'essa chamma incandescente
Cahir de nossos prantos a torrente
Suave e sem rumor;
Quando cingir teo corpo entre caricias
Morrerei suffocado nas delicias
De um transporte de amor.

VI

Depositar minh'alma eu desejara
De um branco lyrio no mimoso calix:
E o lyrio então, qual trovador dos valles,
Deverá suspirar meiga canção;
E essa canção deve tremer, a medo,
Como o beijo que em hora vaporosa,
Fugitiva, feliz, mysteriosa,
Os teos labios me derão, oh! formosa,
Em puro enleio de fatal paixão.

VII

Lá em cima, ha milhares de annos,
Envoltas no seo fulgor,
As estrellas se contemplão
Com o mais doloroso amor.

Ellas têm uma linguagem
Muito rica e muito bella;
No emtanto nenhum philologo
Póde bem comprehendel-a.

Eu a aprendi e jamais
Deixarei de a pôr em pratica:
Os olhos de minha amada
Me servirão de grammatica.

VIII

Sobre as azas dos meos cantos,
Oh! formosa, oh! meos encantos,
Eu quero te transportar
Do Ganges até as margens
Onde bafejão aragens
Lindo sitio de encantar.

Um jardim embalsamado
Alli floresce engolphado
Na luz da lua louçã;
Do lotus as lindas flores
Esperão, cheias de amores,
A sua querida irmã.

Riem-se os lyrios palrando,
Graciosas namorando
Das estrellas o fulgor;
As luxuriantes rosas,
Com palavras perfumosas,
Segredão contos de amor.

As saltitantes gazellas
Timidas chegão-se á ellas
E escutão com attenção,
E, ao longe, o rio sagrado
Murmuria apaixonado
Sua solemne canção.

Ahi nós repousaremos
E ditosos saudaremos
O verdejante palmar,
Cuja sombra deleitosa
Ha-de sobre nós, formosa,
Sonhos do ceo derramar.

IX

Soffrer o lotus não póde
Do sol o ardente esplendor,
E, com a fronte abatida,
Da noite aguarda o frescor.

E a lua, que é sua amante,
Desperta-o com a sua luz,
Beijando o meigo semblante
De flor, que tanto a seduz.

Elle a contempla, e, corando,
Ergue-se mudo no ar;
Chora, suspira, estremece
De amor, de amor e pezar.

X

Nas verdes aguas do Rheno,
Do Rheno, o rio sagrado,
Da grande, santa Colonia
O zimborio agigantado

Se reflecte, estremecendo
Ao sopro de branda aragem:
Em uma tela dourada,
Com perfeição desenhada,
N'elle vê-se linda imagem
Que a mão do tempo guardou;
Sobre o arido deserto
De minha penosa vida
Essa imagem adorada
Meigamente irradiou.
Fluctuão anjos e flores
Sobre a fronte encantadora
Da imagem, que representa
A Virgem Nossa Senhora;
E os seos labios, suas faces,
Os seos olhos de encantar
Assemelhão-se, oh! formosa,
Á tua bocca mimosa,
Ás tuas faces de rosa,
Ao teo angelico olhar.

XI

Tu não gostas de mim, tu não me amas,
Porém isso não causa-me pezares;
Mas sobre mim derrama os teos olhares
E eu ficarei contente como um rei.

Tu queres odiar-me, tu me odeias,
Dizem teos labios, modulando harpejos:
Entrega os roseos labios aos meos beijos
E então, então consolações terei.

XII

Oh! não jures, não, formosa,
Dá-me os teos beijos somente;
Eu não creio, seriamente,
Em protestos de mulher.
A tua voz é tão meiga,
Porém não tão vaporosa,
Porém não tão convincente
Como o beijo que roubei-te
Nos arroubos da paixão.
Hoje és minha, e, firmemente,
Acredito que a palavra
Não é mais que um sopro vão.

Oh! jura, jura, formosa,
Jura sempre: eu creio, eu creio
Na tua voz maviosa,
Na menor palavra tua.
Sobre o teo mimoso seio,
Onde a ventura fluctua,
Reclinando em doce enleio
A minha fronte fervente,
Eu me julgo dominado
Por uma ventura infinda;
E creio então, não somente,
Que has-de amar-me eternamente,
Como por mais tempo ainda.

XIII

Nos teos olhos seductores
Eu bebi inspirações,
E, abysmado em seos fulgores,
Escrevi meigas canções.

Na tua bocca mimosa
Sorvi delicias e amor
E á esse botão de rosa
Fiz tercetos de primor.

Sobre os teos nevados seios,
Banhados em tanta luz,
Sorrindo dos teos receios,
Lindas estrophes compuz.

E se um coração tivesses
Eu escrevera, meo bem,
Cheio de amorosas preces,
Algum soneto tambem.

XIV

Como é estupido o mundo,
Como é cego; cada dia
Mais absurdo se torna,
Mais cheio de aleivosia.

Elle diz, bella creança,
(O que o mundo não dirá?),
Que não tens um bom caracter,
Que a tua indole é má.

Como é estupido o mundo,
Como é cego; eternamente
Elle ha-de formar de ti
Um juizo differente:
Mas é porque elle não sabe
Que os teos abraços são taes
Que inebrião de ventura
Como os beijos que me dás.

XV

Quero que hoje me digas, formosa:
Serás tu uma d'essas visões
Que nos dias ardentes do estio
De um poeta surgio nas canções?

Porém não: uma bocca tão linda,
E esses olhos de encantos sem par,
Tão faceiro e mimoso semblante
Não podia um poeta crear.

Basiliscos, dragões e vampiros,
Feios monstros, que o mundo acceitou,
Todos esses phantasticos entes
Do poeta o engenho creou.

Porém tu e a tua malicia,
O teo languido e perfido olhar,
Tuas faces tão lindas, teo corpo,
Não podia um poeta crear.

XVI

Como Venus resurgindo
Das ondas entumescidas
Com as faces revestidas
De encantos celestiaes,
Resplendente de belleza
Minha amada hoje irradia
Por ser o faustoso dia
Dos seos ricos esponsaes.

Meo coração, tu que és
Tão firme, tão paciente,
Conserva-te indifferente
Á tão negra trahição;
Soffre em silencio e perdoa
Todo o mal que a deshumana,
Tão gentil, tão leviana
Te causou sem compaixão.

XVII

Não, eu não te odeio; e, se por ventura,
O meo coração estremece de dor,
Á ti, que perdi para sempre, oh! perjura,
Não voto desprezo, não voto rancor.

De noiva os adornos e as flores brilhantes
Mais graças e encantos, formosa, te dão;
Porém nenhum raio dos teos diamantes
Reflecte na noite do teo coração.

Sabia-o ha muito, porém mais completa
Ha pouco ainda tive uma prova cabal:
Em sonhos eu vi-te, gentil borboleta,
Cedendo aos embates de angustia fatal.

Choravas, e a noite tua alma envolvia,
Mas noite de luto, de horrivel terror,
E entre essas trevas sinistras eu via
Luttando ferozes as serpes da dor.

XVIII

Oh! sim, tu és desgraçada
E eu não te odeio, querida,
De hoje avante a nossa vida
Ha-de sem venturas ser:
Até que a morte nos roube
De nossos peitos o alento,
Da desventura o tormento
Ambos havemos soffrer.

Eu bem vejo a zombaria
Que nos teos labios adeja,
Vejo os raios que dardeja
O teo insolente olhar,

Vejo o orgulho que entumesce
Os teos seios tanto e tanto,
Mas reconheço entretanto
Quanto é grande o teo pezar.

Um soffrimento indizivel
Move os teos labios, querida,
Uma lagrima escondida
Teo olhar amorteceo,
Uma chaga bem secreta
Corroe teo seio orgulhoso;
Ah! tu és, lyrio formoso,
Tão infeliz como eu.

XIX

Então de todo esqueceste,
Já não te lembras então
Que por muito, muito tempo
Possui teo coração?
Teo meigo coraçãosinho,
Tão falso, tão amoroso,
Tão fingido, tão mimoso
Como o mundo não tem, não,
Cousa mais falsa e mimosa,
Mais meiga e astuciosa?
Já não te lembras então?

Então de todo esqueceste
Quanto amor, quanto pezar
Tentavão, ao mesmo tempo,
Meo coração suffocar?...
Não sei se o amor seria
Mais forte do que o pezar;
O que sei dizer somente
É que ambos soffrivelmente
Erão grandes: um não tinha
Muito ao outro que invejar.

XX

E se as flores suspeitassem
Como soffre acerbamente,
Como está profundamente
Ferido o meo coração,
De seos perfumes o balsamo
Ellas trarião bondosas
E, nas chagas dolorosas,
O espargirião então.

E se os rouxinoes soubessem
Como estou triste e enfermo,
Como, em torno de mim, ermo
Tudo está sem luz, sem ar,
Alegremente virião
Os cantos seos dirigir-me,
Tentando assim distrahir-me
Do meo profundo pezar.

E se as estrellas de oiro
Soubessem, no firmamento,
Como é grande o meo tormento,
Como é louca a minha dor,
Correrião a trazer-me,
Em exhalações brilhantes,
Consolações scintillantes
De celestial fulgor.

Ninguem, porém, ninguem sabe,
Ninguem no mundo conhece
Quanto o meo peito padece
Sem uma consolação;
Só ella, a cruel, o sabe,
Ella que, sem consciencia,
Sem pezar, e sem clemencia
Torturou meo coração.

XXI

Porque razão, oh! minha bem-amada,
Tão pallidas estão as lindas rosas?
Porque na verde relva as violetas
Estão murchas, estão tão pezarosas?

Porque razão, tão tristemente soa
Nos ares, da calhandra o canto aereo?
Porque das moutas de jasmins tão alvos
Exhala-se um odor quasi funereo?

Porque razão o sol á terra envia,
Em luz tão baça, da tristeza o cumulo?
Porque razão está a natureza
Taciturna e sombria como um tumulo?

Porque razão eu proprio estou tão triste?
Porque soffre quem tanto, tanto amaste?
Seductora visão dos sonhos idos,
Oh! dize-me: porque me abandonaste?

XXII

A meo respeito elles fallarão muito,
Lamentando o amor que nos unia,
Mas nenhum d'elles soube revelar-te
A angustia que minh'alma consumia.

Tomarão certos ares de importancia,
Meneando a cabeça gravemente:
Disserão-te que eu era o proprio demo
E tu o acreditaste inteiramente.

Entretanto o peior de tudo isso
A sua impertinencia o ignorava:
O que havia de peior, de mais estupido
Dentro em meo coração occulto estava.

XXIII

As tilias florescião,
O rouxinol cantava
E o sol nos enviava
Sorrisos graciosos;
Então tu me beijavas,
Prendendo-me em teos braços;
Então me conchegavas
Aos seios setinosos
Em fervidos abraços.

As folhas já cahião,
O corvo esvoaçava
E o sol nos enviava
Olhares merencorios
Da abobada dos ceos;
Então, bem friamente,
Diziamos: « Adeos »
E tu, polidamente,
Com o serio o mais profundo,
Fazias-me a mezura
A mais civil do mundo.

XXIV

Nós nos amavamos muito
Com fervorosa poesia,
Mas nunca os nossos arrufos
Tocarão á demazia.

Quando eramos creanças,
Sorrindo a mais não poder,
Figuravamos o jogo
Do marido e da mulher.

Entretanto, apezar d'isso,
Em constante paz vivemos,
Nunca um momento brigamos,
Nunca um no outro batemos.

Mais tarde ainda nos rimos,
Gracejando juntamente,
E repetiamos beijos
Ternos, como antigamente.

Por fim, evocando os brincos
De nossa infancia, sinhá,
Corriamos pelos bosques,
Brincando *o tempo será.*

E, com tal habilidade,
Soubemos nos occultar
Que nunca mais poderemos
De novo nos encontrar.

XXV

Tu me foste fiel por muito tempo,
E, condoida de mim, me consolaste;
E nas minhas angustias e miserias
Como piedoso anjo me ajudaste.

A sêde me mataste e a voraz fome,
Dinheiro me emprestaste sem vantagem;
Forneceste-me toda a roupa branca
E o passa-porte tambem para a viagem.

Oh! querida! Que Deos por muito tempo
Te preserve do frio e do calor,
E que jamais te recompense elle
Do bem, que me causou o teo amor.

XXVI

E, emquanto me demorava
Por tanto tempo, a sonhar,
Emquanto phantasiava
Em estrangeiro paiz,
Á minha amante querida
Pareceo o tempo longo,
E, por fim, aborrecida,
Esperar-me mais não quiz.
Um vestido de noivado
Ella então mandou fazer,
E, nos seos braços tão ternos,
Prendeo com o maior prazer
Um marido aparvalhado
Como mais não póde haver.

É tão meiga e seductora
A minha amante formosa,
Sua imagem graciosa

Está sempre junto á mim;
As violetas dos seos olhos,
De suas faces as rosas,
Os lyrios de sua fronte
Em perpetua primavera
Têm um realce sem fim.
Acreditar que eu podera
Afastar-me d'essa flor,
Dos meos desvarios todos
Foi, certamente, o maior.

XXVII

Quando tu, oh! formosa bem-amada,
Estiveres no tumulo deitada,
Abandonada e só,
Irei te procurar apaixonado
E então me deitarei junto ao teo lado
Envolvido no pó.

Dou-te mil beijos, em estreitos laços
Com fervor te comprimo nos meos braços
Bem junta ao peito meo;
Chamo por ti, por ti, pallida e fria,
Estremeço, soluço de agonia
E morro ao lado teo.

É meia-noite, os mortos pressurosos,
Em compactos bandos nebulosos,
Formão danças no ar;

Nós, porém, no sepulchro ficaremos,
E, entrelaçados, permaneceremos,
Contentes, a sonhar.

No dia do juizo, receiosos
Os mortos se levantão pressurosos
Das trombetas á voz;
Nós, porém, bem tranquillos ficaremos,
E, entrelaçados, permaneceremos
No cemiterio, a sós.

XXVIII

Do Norte sobre uma arida montanha
Um pinheiro se vê, triste e isolado:
Somnolento boceja; o gelo e a neve
Envolvem-no em seo manto prateado.

Sonha com a mais linda das palmeiras
Que, ao longe, lá nas plagas do Oriente
Se afflige solitaria e taciturna
Sobre o declive de um rochedo ardente.

XXIX

Diz a cabeça: Ah! se, ao menos,
Eu fosse o lindo banquinho
Onde pouzão, de mansinho,
Os pés da mimosa flor!

Ella poderia, afouta,
Sobre mim sapatear
Sem que eu fizesse echoar
O menor grito de dor.

Diz o coração: Se, ao menos,
Fosse eu a almofadinha,
Onde a meiga fadazinha
Prega os alfinetes seos!
Poderia ella picar-me,
Que eu as chagas bemdiria
E me regozijaria
Sem dó dos tormentos meos.

Diz a canção: Ah! se, ao menos,
Fosse o ditoso papel
De que se serve a cruel
P'ra papelotes fazer!
Então eu murmuraria
Aos seos ouvidos, a medo,
Tudo o que existe em segredo,
Vive e respira em meo ser.

XXX

Quando a minha linda amante
Estava de mim distante
Eu não podia me rir.

Diversos pobres diabos
Tentavão me distrahir
Com seos insulsos gracejos...
Mas eu não podia rir.

Depois que a perdi, não tenho
Nem sequer a faculdade
De meos prantos derramar;
O meo coração debalde
Se despedaça de dor,
Mas eu não posso chorar.

XXXI

De meos pezares tão grandes
Componho canções pequenas
E suas sonoras pennas
Ellas agitão e vão
Procurar de minha amada
O mimoso coração.

N'elle penetrão e voltão
Depois apressadamente,
Queixando-se amargamente;
Porém com resignação
Não dizem o que encontrarão
No mimoso coração.

XXXII

Eu não posso me esquecer,
Oh ! formoso encanto meo,
Que outr'ora já possui
A tua alma e o corpo teo.

Quanto ao corpo ainda almejo
Possuil-o todo inteiro,
Esse corpo tão esvelto,
Tão joven tão feiticeiro ;
Quanto á alma tu bem pódes
Fazer d'ella o que quizeres,
Eu tenho uma alma que chega
Para um cento de mulheres.

Quero dividir a minha
Com rigorosa igualdade,
E, conservando uma parte,
Cedo-te a outra metade,
Depois me entrelaçarei
Comtigo em doce união
E um todo de corpo e alma
Nós formaremos então.

XXXIII

Da cidade os habitantes,
Com vestidos domingueiros,
Por entre os bosques e os prados
Se divertem prazenteiros;
Saltando como cabritos,
Vão e voltão com presteza
E alegremente saúdão
A formosa natureza,

Elles contemplão attonitos
Com o olhar que o pasmo gera
A pomposa efflorescencia
Da brilhante primavera:
Suas orelhas compridas,
Como nunca vi iguaes,
Absorvem totalmente
Os gorgeios dos pardaes.

Eu, porém, cubro a janella
Com uma cortina escura,
E o quarto, em vida, transformo
Em medonha sepultura;
Com semelhante processo
Obtenho em pleno dia
Dos meos queridos espectros
Uma visita sombria.

Então o amor já morto,
Surgindo triste e saudoso,
Volta do reino das sombras,
Com aspecto luctuoso;
Junto de mim elle senta-se
Com aflictiva expressão,
E, com seos amargos prantos,
Me tortura o coração.

XXXIV

Muitas recordações dos tempos idos
Surgem da sua campa desprezada
E me lembrão como eu vivia outr'ora
Por tua causa, oh! minha bem-amada.

Durante o dia caminhava a tôa,
Scismando, sem erguer o olhar meo,
Sorpresos os vizinhos contemplavão-me,
Tão triste e taciturno andava eu.

Á noite, era mais commodo; as estradas
Estavão sem viva alma; e só então
Eu caminhava a sós com a minha sombra
Sem despertar a publica attenção.

Com retumbantes passos eu transpunha
A ponte, com febril celeridade;
A lua atravessando as brancas nuvens,
Me saudava com toda a gravidade.

Em frente á tua casa, suspirando
Por longo tempo immovel conservava-me;
Não tirava os meos olhos do teo quarto
E a dor o coração martyrisava-me.

E da tua janella muitas vezes
Me dirigiste um compassivo olhar,
Vendo-me alli, qual uma estatua inerte,
Á franca claridade do luar.

XXXV

Gosta um moço, seriamente,
Da moça, que o captivou;
Porém esta que o despreza,
Por outro se apaixonou;
Este, porém, gosta de outra
E com ella se casou.

Pesarosa então a moça
E raivando de paixão,
Casa-se com o primeiro
Sujeito que encontra á mão;
E o moço soffre tormentos
Por tão negra ingratidão.

É uma historia bem velha,
Repetida sem cessar;
E o desgraçado, que occupa
N'ella o primeiro logar,
Sente, repleto de angustias,
O coração estallar.

XXXVI

Quando ouço alguem cantar
A linda, meiga canção
Que minha amada cantava
N'outro tempo, julgo então
Que de dor se despedaça
O meo pobre coração.

Um tenebroso desejo,
Que não me é dado explicar,
Me obriga do espesso bosque
A solidão procurar,
E, ahi, se dissolve em prantos
O meo immenso pezar.

XXXVII

Sonhei com uma filha de monarcha,
De humidas faces, de mortal pallor:
Sob as tilias estavamos sentados
Nos abraçando com o mais terno amor.

— Oh! eu não quero de teo pae o throno,
Nem a sua suprema realeza,
Não quero a sua explendida corôa,
Quero á ti, só á ti, flor de belleza.—

— É impossivel, respondeo-me ella;
Eu habito entre os mortos, e, somente
Durante a noite, posso apparecer-te
E o faço porque te amo ardentemente.—

XXXVIII

Bem juntinhos um do outro,
Oh! formoso bem-amado,
Em um batel gracioso
Nós nos tinhamos sentado.
Estava placida a noite,
De azul se adornava o ceo,
E, sós, no vasto oceano,
Vogavamos tu e eu.

Dos espiritos a ilha,
Tão linda e mysteriosa,
Vagamente desenhava-se
Á luz da lua formosa.
Ahi resoavão puras
Melodias deleitosas,
E no espaço fluctuavão
Leves danças nebulosas.

Mais e mais suaves, meigos,
Os puros sons se tornavão,
E, com crescente delirio,
Os espiritos valsavão;

Entretanto nós vogavamos,
Vogavamos, sem cessar,
Sem uma luz de esperança,
Por sobre as ondas do mar.

XXXIX

Eu te amei, eu te amo! E ainda mesmo
Que o mundo desabasse com fragor,
Das ruinas suas surgirião vividas
As puras chammas do meo terno amor.

XL

Em brilhante madrugada
No jardim eu passeiava;
A rosa com as outras flores
Curiosa cochichava,
Porém eu, silencioso,
Tristemente caminhava.

Ellas conversavão meigas,
Me olhando com compaixão,
E dizião: « Tu que sentes
Tão vehemente paixão
Contra a nossa irmã querida
Oh! não te aborreças, não! »

XLI

O meo amor fulgura scintillante
Na tenebrosa magnificencia
De indomita paixão,
Como um conto phantastico narrado
Entre as espessas brumas vaporosas
De noite de verão.

Em um lindo jardim, todo encantado,
Dois amantes vagavão solitarios
Em mudez que seduz;
Os rouxinoes seos cantos modulavão
E a lua derramava sobre as flores
Sua pallida luz.

Qual bella estatua, a linda moça pára,
E, ante ella, o ardente cavalheiro
De joelhos cahio.
— Chega o negro gigante do deserto,
A seductora moça empallidece,
E, timida, fugio.

Ferido o cavalheiro cahe sangrento;
O gigante, voltando lentamente,
Na caverna internou-se.
Estou morto, bem morto; resta apenas
Que a caridade tenhão de enterrar-me.
E o conto acabou-se.

XLII

Do pezar cedendo ao imperio,
Meo rosto empallideceo,
Porque elles torturarão
O pobre coração meo,
Com o seo amor alguns d'elles,
Os outros com o odio seo.

O meo pão envenenarão
Com satanico rigor,
No meo copo derramarão
Lethal, amargo licor,
Alguns d'elles com o seo odio,
Os outros com o seo amor.

E, no emtanto, a pessoa,
Que mais me martyrisou,
Quem de pezares profundos
Meo coração enlutou
Foi aquella que jamais
Nem me quiz, nem me odiou.

XLIII

Nas tuas mimosas faces
Reside o ardente verão;
O inverno, o frio inverno,
Habita em teo coração.

Algum dia ha-de, oh! formosa,
Operar-se a transição,
Nas faces terás o inverno,
O estio no coração.

XLIV

Quando dois ternos amantes
Vão separar-se, que dor!
Com as mãos entrelaçadas,
Com as faces descoradas,
Chorão, suspirão de amor.

Nós, porém, não suspiramos,
Nem choramos de paixão:
Os prantos e os ais pungentes
Só prorromperão vehementes
Depois da separação.

XLV

De uma meza de chá em torno estavão
E a respeito do amor se discutia:
Os homens baseiavão-se na pratica,
Mas as mulheres só na theoria.

O amor? só platonico, dizia
O magro conselheiro; eu penso assim.
Ironica sorrio-se a conselheira,
E baixo suspirou: Pobre de mim!

Abrindo enorme bocca, disse o conego:
O amor sensual nocivo é,
Muito e muito á saude prejudica.
A linda moça murmurou: Porque?

Disse então a condessa, com ar triste:
O amor, o amor é uma paixão!
E offereceo, com toda a polidez,
Chá e biscoutos ao Senhor Barão.

Ainda havia á mesa um logar vago,
Mas ao chá tu faltaste, minha flor;
Foi pena! porque então tambem darias
A tua opinião sobre o amor.

XLVI

Tristes, envenenados são meos cantos:
Como não ser assim, minha querida?
Tu derramaste o mais lethal veneno
Sobre a mimosa flor da minha vida.

Tristes, envenenados são meos cantos:
Como não ser assim, oh! minha amada?
No meo peito se aninhão mil serpentes
E o teo rosto gentil, mimosa fada.

XLVII

Voltou meo antigo sonho
Em amoroso desmaio:
Era em uma linda noite,
Em linda noite de Maio.

Nós estavamos sentados
Debaixo da tilia em flor,
E um ao outro protestavamos
O mais firme e eterno amor.

E, entrelaçados de risos,
De confidencias e beijos,
Juramentos repetiamos
Em amorosos harpejos.

E, para que eu me lembrasse
De tão ardente paixão,
Prestando-me um juramento
Tambem me mordeste a mão!

Oh! bella de olhos azues
E de dentes sem rivaes,
O juramento bastava,
A dentada foi de mais.

XLVIII

Subi ao alto pincaro do monte
E então sentimental eu me tornei:
« Ah! se eu fosse um mimoso passarinho »
Enternecidamente suspirei.

Se eu fosse uma andorinha, voaria,
E, depois de saudar o azul do ceo,
Sob as cornijas da janella tua
Iria fabricar o ninho meo.

Se um rouxinol eu fosse, voaria
Para junto de ti, oh! meo amor,
E, á noite, os cantos meos te enviaria
D'entre os aromas dos jasmins em flor.

Ah! se eu fosse um canario, voaria
Para o teo coração, minha mimosa,
Porque, segundo dizem, d'elles gostas
E da sua gentil e amavel prosa.

XLIX

Chorei em sonhos: sonhava
Que tu havias morrido;
Despertei e dos meos olhos
Brotou o pranto sentido.

Chorei em sonhos: sonhava
Que tinhas me abandonado;
Despertei e o meo pranto
Correo mais amargurado.

Chorei em sonhos: sonhava
Que tu amavas-me ainda;
Despertei e de meos prantos
A fonte é perenne, infinda.

L

Todas as noites, em sonhos,
Eu te vejo, oh! meo amor,
Teo sorriso é gracioso,
E, com extremo fervor,
Soluçando precipito-me
Á teos pés, querida flor.

Tristemente contemplando-me,
Com ademanes mimosos
A loura fronte meneias;
E dos teos olhos formosos
Brotão as humidas perolas
Dos teos prantos amorosos.

Então me dizes baixinho
Uma palavra, e me dás
Um ramo de rosas brancas;
Desperto e não vejo mais
O ramo teo, e a palavra
Não posso esquecer jamais.

LI

O vento e a chuva do outono
Soltão brados de agonia,
E mais triste e tenebrosa
Tornão a noite sombria.
Á esta hora, despida
De ventura e de esperança,
Onde estará minha pobre,
Minha timida creança?

Do seo quarto solitario
Á janella illuminada,
Entregue de amor ás scismas,
Eu a vejo debruçada:

Dos olhos seos abundante
Corre o pranto, e, com pezar,
Crava nas trevas profundas
O seo amoroso olhar.

LII

O vendaval do outono na fioresta
As arvores abala, a noite é fria;
Bem embuçado no meo ponche escuro,
Atravesso, a cavallo, a serrania.

Ao passo que cavalgo, me precede
Meo louco pensamento delirante,
E ligeiro e alegre me transporta
Ao palacio gentil de minha amante.

Latem os cães, agaloados pagens
Me esperão com archotes as deshoras;
Subo a escada de marmore, apressado,
Fazendo retinir minhas esporas.

Em um tepido quarto perfumoso,
Onde a volupia preparara laços,
Minha querida impaciente espera-me
— E eu me precipito nos seos braços.

Mas, n'esse instante, o vento na floresta,
Entre as folhas, modula um canto ingrato:
« O que pretendes, louco cavalheiro,
Com o teo sonho febril, sonho insensato? »

LIII

Em sua scintillante moradia
Uma estrella deixou de apparecer,
É a estrella do amor, do amor ardente,
Que para sempre vejo se perder.

Cahem das macieiras muitas flores,
Brancas folhas tambem juncão o chão;
Travesso o vento, em suas leves azas,
As conduz em ligeiro turbilhão.

Canta o cysne no lago prateado,
Approxima-se e afasta-se da margem,
E, cada vez cantando mais baixinho,
Sepulta-se na tumida voragem.

Tudo está em redor calmo e sombrio,
Do solo o vento as flores já varreo;
A estrella tristemente eclipsou-se
E o branco cysne o canto emmudeceo.

LIV

Fui em sonhos transportado
Á um castello gigantesco
De luzes resplandecente
E de magicos vapores
Repleto completamente.
Uma turba variada
Se espalhava loucamente
Pelos vastos corredores,
E, entregue á seos pensamentos,
No labyrintho perdia-se
Dos diversos aposentos.
A multidão descorada,
Triste e convulsivamente
Torcendo as mãos e soltando
Gritos de angustia mortal,
Buscava anciosamente
A sahida principal.
Senhoras e cavalheiros
Vião-se entre a multidão,
E eu proprio fui arrastado
Por entre o vai-vem formado
Por tão grande confusão.

Entretanto, de repente
Só achei-me e perguntei
A mim mesmo, como era
Que essa multidão podera,
Tão facil tão promptamente,
Assim desapparecer.

Então me precipitei,
Caminhando a passos lentos
Atravez dos aposentos
Cujo numero sem conta
Mais e mais extranhamente
Eu via sempre crescer.
Tardios erão meos passos
E um soffrimento mortal,
De que guardo atroz lembrança,
Me opprimia o coração;
Perdi de todo a esperança,
N'esse transe tão fatal,
De encontrar uma sahida,
De encontrar a salvação.

Depois de tão grande luta,
Renasce a esperança morta;
Vejo emfim a ultima porta,
Que a salvação me ha-de dar...
Porém, grande Deos! quem ousa
A passagem me vedar?

Era a minha bem-amada,
Que alli se tinha postado,
Tendo nos labios a angustia
E no semblante o cuidado.
Quiz recuar; porém ella
Fez-me um signal com a mão;
Não sei se foi um aviso
Ou amarga exprobração.
Entretanto, nos seos olhos
Tão meigo fogo brilhava,
Que meo coração, já morto,
Revivia e palpitava.
Porém ao passo que ella

Severa me contemplava
Com aspecto singular,
Porém tão cheio de amor....
Despertei do meo sonhar.

LV

A noite era muda e fria
E eu, vagarosamente,
A floresta percorria.
Sacudi os arvoredos
E os despertei vivamente
Do somno, que os envolvia;
Elles, porém, tristemente,
Tendo de mim compaixão,
Meneiarão a cabeça
Com afflictiva expressão.

LVI

É sepultado o suicida
Na extrema da encruzilhada;
Uma flor azul, formosa,
Desabrocha alli garbosa,
Á qual a turba appellida:
A flor d'alma condemnada.

Suspirando tristemente
Eu parei na encruzilhada;
A noite era muda e fria
E, ao clarão da lua, eu via
Balançar-se lentamente
A flor d'alma condemnada.

LVII

Rodeião-me espessas trevas
Depois que de mim fugio,
Depois que não mais me offusca
Dos teos olhos o fulgor.
Para mim já se extinguio
Da linda estrella do amor
A ditosa claridade;
Á meos pés se abre um abysmo:
Devora-me, eternidade!

LVIII

A noite eterna estendia-se
Sobre os meos olhos vidrados;
Eu tinha os dentes cerrados,
E a lingua se afigurava
Ser um pedaço de chumbo,
Tão entorpecida estava.

Tambem o peito e a fronte
Torpores enregelavão ;
Ondas de sangue manchavão
Da mortalha a extrema alvura,
E eu jazia, sem sentidos,
No fundo da sepultura.

Depois de ter repousado,
Por quanto tempo não sei,
Do meo somno despertei,
E então me pareceo
Que alguem vinha, de mansinho,
Bater no tumulo meo.

— Não te levantas, Henrique ?
O dia eterno apparece,
O mundo inteiro estremece
Dos mortos ao resurgir :
A felicidade eterna
Nos ceos começa a luzir. —

— Meo amor, ah ! eu não posso,
Não posso me levantar ;
Ai ! a força de chorar
Estou cego, meo amor.
A luz dos olhos fugio-me,
Só trevas sinto em redor. —

— Quero, Henrique, com os meos beijos
Dissipar essa espessura
Da noite triste e escura,
Que circumda os olhos teos ;
Quero que vejas os anjos
E o lindo esplendor dos ceos. —

— Meo amor, ah! eu não posso,
Não posso me levantar;
Sangra ainda, sem parar,
A chaga, que um dito teo
Veio abrir, sem piedade,
No triste coração meo. —

— No teo coração, Henrique,
Colloco a mão levemente
E essa chaga, de repente,
Ha-de se cicatrizar,
E o sangue que d'ella corre
Ha-de, de prompto, parar. —

— Meo amor, ah! eu não posso,
Não posso me levantar,
Porque tal foi meo pezar
Quando me foste roubada,
Que introduzi uma bala
Na minha fronte escaldada. —

— Da tua fronte a ferida,
Henrique dos meos desvelos,
Com os anneis de meos cabellos
Posso amorosa curar;
Estanco as ondas de sangue
E á vida pódes voltar. —

A voz rogava de um modo
Tão terno, tão supplicante,
Que não pude, delirante,
Por mais tempo resistir;
Tentei então levantar-me
Para em seos braços cahir.

Mas de prompto as minhas chagas
Se abrirão com violencia
E o sangue, com vehemencia,
Do peito e fronte jorrou;
Quiz gritar, mas esse esforço
Do sonho me despertou.

EPILOGO.

Trata-se de sepultar
As velhas e más canções,
Os tristes, pesados sonhos
E as fataes recordações:
Ide buscar-me um esquife
De espantosas dimensões.

N'elle depositarei
Muita cousa; haveis de ver;
É preciso que o esquife
Mais extenso possa ser
Do que o tonel de Heidelberg,
O maior que póde haver.

Ide buscar-me tambem,
De madeira forte e densa
Um caixão bem trabalhado:
Deve na extensão immensa,
Ser elle ainda mais longo
Do que a ponte de Mayença.

E trazei dose gigantes
De olhar altivo e sereno,
E tão fortes que, ao pé d'elles,
Pareça debil, pequeno
O robusto S. Christovão
De Colonia sobre o Rheno.

Elles devem, esforçando-se,
Esse esquife transportar
E lançal-o bem no meio
Das ondas do alto mar,
Visto que um caixão tão grande
Pede uma cova sem par.

E sabeis porque desejo
Que o caixão de negra cor
Seja tão pesado e grande?
— N'elle pretendo depôr
Não só os meos soffrimentos,
Como tambem meo amor. —

INDICE

Apresentação 5
Algumas palavras. 7
Rôlla. 15
Prefacio do autor 69
Atta-Troll 73
Prologo á traducção franceza 169
O Intermezzo 175

NOV 1 1993

LIBRARY OF CONGRESS
0 022 012 350 9